

ADIAMENTO "SINE DIE" NO 1.º TRIBUNAL MILITAR TERRITORIAL

JULGAM OS "PIDES" OU NÃO?

Escândalo ao nível judiciário-militar: o julgamento do «pide» António Domingues foi adiado «sine die» por alteração de última hora na constituição do 1.º Tribunal Militar de Lisboa, na véspera do julgamento marcado para amanhã.

Este facto está a causar sérias inquietações nos meios político-militares, já que desta forma se impede o primeiro julgamento de um «pide», dois anos e meio depois da revolução democrática de 25 de Abril.

Sectores próximos do Conselho da Revolução, associando-se a recentes posições assumidas pelos deputados do P. S. e do P. C. P. na Assembleia da República quan-

do apoiaram a intervenção de Lino Lima protestando contra a declaração de inconstitucionalidade da Lei n.º 8/75, manifestaram surpresa por este adiamento de última hora. Depois da declaração pelo 2.º Tribunal Militar de pretensa inconstitucionalidade da Lei que condena os «pides», a alteração, a um dia do primeiro julgamento, da constituição do elenco de juizes do 1.º Tribunal, provocando o adiamento «sine die» do julgamento, permite encarar com algum ceticismo a possibilidade de os «pides» virem a ser julgados. Poderosas forças, que passam por cima da vontade já claramente expressa pelos



António Domingues, o ex-«pide» incriminado por homicídio voluntário na pessoa de José Dias Coelho, já não irá hoje a tribunal

órgãos constitucionais de soberania de ver feita a justiça que os antifas-

cistas e todos os progressistas exigem, estão a manobrar na sombra

por forma a evitar que se realizem os julgamentos dos agentes da ex-P. I. D. E./D. G. S.

O adiamento deste julgamento, conseguido à última da hora, aparece como um facto depois de terem corrido rumores indicando a existência de pretensos impedimentos à abertura do processo no 1.º Tribunal Militar, impedimentos que no entanto foram sendo ultrapassados. Pois apesar disso surge agora a inadmissível alteração da constituição do Tribunal, adiando «sine die» o julgamento...

António Domingues é acusado de pertencer à ex-P. I. D. E. e de ser o autor do assassinio do escultor e militante do P.

C. P. José Dias Coelho. A impugnação da Lei n.º 8/75 pelo 2.º Tribunal Militar em nada afectaria a realização deste julgamento, embora nele se pudesse eventualmente reflectir a decisão que o Supremo Tribunal Militar irá tomar, a qual é esperada para o próximo mês de Novembro.

Contactados esta manhã pelo «DL», tanto o Ministério da Justiça, responsável pela indicação do nome do juiz-auditor, como o Estado-Maior do Exército, que deveria nomear os dois restantes juizes, ambos militares, revelaram que não possuíam de momento informações concretas sobre a questão.

Aulas podem começar esta semana

Como se previa só poucas escolas conseguiram abrir as aulas ontem ainda que na maior parte delas os alunos tivessem comparecido. Num esforço de debelar a principal causa do atraso no início do presente ano lectivo — a colocação de professores — o MEIC enviou ontem pelos C. T. T. ou por mão própria através de elementos das comissões directivas, particularmente interessadas em que as aulas comecem, as listas dos docentes a colocar. Ficaria assim suprida em muitas das escolas a

falta de docentes. Prevê-se pois que até ao início da próxima semana a maior parte das escolas comecem a funcionar em todo o País. A distribuição dos horários tem sido também acelerada.

Contudo, com esta colocação dos professores, apressada, outros problemas se começam a levantar, e que, tudo leva a crer, terão de ser resolvidos a nível individual — irregularidades nas colocações no que respeita a prioridades, colocação de professores do mesmo grupo em excesso na

mesma escola. Assim, se por um lado há injustiça a reparar, seguindo à risca o sistema de prioridades determinado pelo Decreto-Lei 672/76 por outro há professores colocados sem horários para preencherem.

Também o excesso de população escolar para a capacidade de instalações obrigou muitos liceus a horários rotativos, de três turnos, indo caber, como é o caso do D. Dinis, ao curso complementar aulas nocturnas.

Assim que terminada a maratona das colocações, iniciado

o ano escolar, portanto, novos problemas surgem como próximos — o decreto-lei da gestão democrática, que não foi discutido nas escolas e foi elaborado durante as férias pela equipa ministerial e ainda, com particular incidência para os alunos do complementar o serviço cívico cuja indefinição, remodelação ou extinção, a somar à institucionalização do «numerus clausus» poderão vir a ser temas quentes deste ano lectivo que ora se inicia.

CONSELHO DA EUROPA

Peritos de educação foram recebidos na manhã de ontem, pelo secretário de Estado da Orientação Pedagógica, Romero Magalhães, a marcar o início de uma série de encontros e reuniões que aqueles técnicos vêm efectuar a Portugal no âmbito dos acordos com o Conselho da Europa, de que fazemos parte desde o passado dia 19 de Setembro.

Em declarações à Anop, Romero Magalhães afirmaria que os encontros visavam fundamentalmente estudar as vantagens e inconvenientes dos «estudos vocacionais», isto é, das carreiras profissionais depois do unificado. Referindo-se a este ponto dos «estudos vocacionais» o secretário de Estado afirmaria ainda: «Para mim neste momento é realmente a grande preocupação que os alunos saiam do nono ano de escolaridade que vai ser a meta próxima do ensino obrigatório, sabendo alguma coisa e tendo alguma utilidade prática para a vida nacional».

A questão de fundo que no entanto se põe, sublinharia Romero Magalhães, é saber «qual a sociedade que vamos construir».



Hoje há
"Coluna
da
Direita"

(PÁG. 7)

NO DIA 12 DE NOVEMBRO

Greve geral em Espanha

MADRID, 19 — (ANOP, FP, R e «DL») — As três principais organizações sindicais espanholas, consideradas ilegais, deram ordem da greve geral para o próximo dia 12 de Novembro. As Comissões Operárias (comunistas), a União Geral dos Trabalhadores (socialista) e a União Sindical Operária (socialista autogestionária), agrupadas na Coordenação das Organizações Sindicais, emitiram um comunicado conjunto onde são anunciadas manifestações e reuniões nas fábricas, como preparação para a grande paralisação à escala nacional.

Num apelo aos trabalhadores, as organizações sindicais explicam que o objectivo da acção é dar uma resposta ao recente plano económico de governo, considerado altamente lesivo para a classe operária, e que foi adoptado sem os dirigentes sindicais terem sido consultados. Assim, de acordo com o plano económico aprovado, já serão praticadas estas medidas que limitam os aumentos salariais e rescindem a legislação que protege os trabalhadores contra os despedimentos.

A Coordenação das Organizações Sindicais pede aos seus aderentes que organizem, no próximo dia 12 de Novembro, manifestações pacíficas em todas as cidades.



Um flagrante do plenário do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, que ontem à noite decorreu na aula magna da Reitoria da Universidade de Lisboa. Em primeiro plano vêem-se elementos da direcção. Em discussão e análise a abertura das aulas, que o Sindicato e os professores desejam o mais rápido possível, e a preparação de um encontro nacional, a que se deverá seguir uma concentração, também nacional, dos 80 mil professores que directa ou indirectamente têm sido afectados pela política educacional seguida pela equipa de Sotomayor Cardia

Nacional

Política de A a Z

UM TELEFONEMA

A notícia do «golpe-de-Estado» foi-nos transmitida pelo telefone. Não era uma simples informação anónima, continha uma ameaça. Davam-nos indicações sobre operações que seriam efectuadas. Citavam-se alvos que seriam objecto de ataques. Um desses alvos era o «Diário de Lisboa».

Não foi a de ontem, a primeira manobra intimidativa de que fomos objecto. Não será a última. Contudo, devemos anotar que este telefonema vem na crista da onda de boatos que inundou Lisboa, se insere na campanha planeada e sistemática que dos bares aos quartéis, dos corredores dos ministérios às redacções, das salas das embaixadas aos salões burgueses, procura criar um ambiente perturbado e confuso, o alvoroço e o pavor de uma catástrofe que se aproxima inelutavelmente.

A reacção não se contenta com a ofensiva parlamentar e com as mobilizações da C. A. P., quer a demissão do actual Governo, quer o «pronunciamento» militar, quer o «regresso», quer a «destorção».

A solidariedade operacional que se constituiu numa base de negatividade por ocasião do «25 de Novembro», revelou já como era precária. Os que eram contra Vasco Gonçalves, e mesmo alguns que procuraram utilizar militares de «esquerda», são hoje contra os «Nove», contra os do «25 de Abril», contra os do «16 de Março». A reacção levanta cabeça. E, sejamos claros, não se limita à ameaça telefónica. O «terrorismo do fio comunicante» foi precedido e é seguido «pelo terrorismo do cordão detonante». Existem listas de pessoas a eliminar fisicamente, e não apenas a aterrorizar telefonicamente. Denunciá-lo é o nosso dever. Não serão os telefonemas anónimos que lograrão impedir-nos de defender o direito do povo português à Liberdade e à Democracia. A institucionalização da vida democrática e o curso do «processo revolucionário antifascista», implicam a derrota da subversão de «direita». Nem o silêncio, nem a lentidão processual, nem a delicadeza em não ferir susceptibilidades, ou complicitades, servem o combate em que estamos empenhados. Estes são problemas concretos. Carecem de concreta resolução. Basta de discursos, de alocações, de explicações. Dessas hesitações e burocracias tira partido a «desestabilização». Há quem esteja conjurado, organizado e subsidiado para a promover.

O SILÊNCIO NÃO RESOLVE PROBLEMAS

Ensinava Raul Proença: «Continuamos a acreditar que o País só poderá salvar-se depois de uma profunda conversão das consciências, de uma renovação da mentalidade, de um vasto movimento democrático em que todas as soluções sejam debatidas, esclarecidas e vulgarizadas: numa palavra, depois que se conquiste para um dado plano de reformação uma opinião pública perfeitamente consciente de si mesma, que permita a solução viável e segura de todos os problemas, sem receio de que, de um momento para o outro, falte aos «salvadores» a base da sua acção política. Continuamos a julgar que é um crime decidir da sorte do País sem o País ser esclarecido e consultado.»

OS «GOLPES» NÃO SERVEM A DEMOCRACIA

A «ordem democrática» carece de ser consolidada por razões políticas imperativas, por razões ditadas pela correlação de forças. A «revolução» não caminhará se não tiver em conta a situação real do País. A «direita» reagrupa-se e conspira, pretende abrir as portas de S. Bento e de Belém aos melhores advogados do neocapitalismo tecnocrata. Eles desceram já, como agorarentes aves de rapina, sobre certos colóquios e conferências; reaparecem nas empresas e nas antecâmaras do «poder»; dominam certa «Imprensa». A conspiração civil processa-se paralelamente à intriga militar. E militares há que entram no jogo: no jogo político e nos bastidores da política. A «sociedade castrense» ganha hábitos sociais e perde virtudes. Este perigo de um constante «golpismo» e de uma politização caciquista e regional das Forças Armadas, não deverá ser exagerado, mas não deverá ser ignorado.

A DIREITA CONFESSA-SE

Afirma o eng.º Adelino Amaro da Costa: «O objectivo, a curto prazo, é o de viabilizar uma entrada no Governo dos sociais-democratas. Para que esta solução possa funcionar, algum dirigente do P. S. D. pensará que poderá ser útil o apoio de Pires Veloso.» Assim mesmo. Fala-se do Governo socialista como de um Governo já fora de combate. Fala-se de Pires Veloso, que para se dedicar às suas responsabilidades militares abandonou a sua posição política no Conselho da Revolução, como de um instrumento de pressão. Sem respeito pelas pessoas e pelas mais elementares conveniências, opõe-se já ao Presidente da República a influência regional (e militar) do brigadeiro Pires Veloso, opõe-se já ao de Mário Soares, e à sua fórmula de «Governo minoritário socialista», outro Governo, e outra fórmula: um Governo de coligação apoiado (ou imposto) por militares. E quando se conhecem as intrigas dos bastidores, as manobras, as pressões, a permanente conspiração (esta sim, golpista; esta, sim, contra-revolucionária) não poderemos deixar de chamar a atenção do Governo, dos democratas, dos antifascistas e do Presidente da República, para a urgência de defender a «ordem democrática» dos pseudodemocratas e dos falsos «Capitães de Abril». É o próprio «25 de Abril» que está ameaçado. São, também, os «Capitães de Abril» que correm riscos pessoais.

A demissão de Mário Soares é, apenas, um primeiro objectivo. E depois?

Novas adesões à Frente "Povo Unido"

A três dias do encerramento do prazo estipulado por lei, novas Comissões Eleitorais Unitárias, muitas delas aderindo à Frente «Povo Unido», constituem-se de norte a sul do País.

Paralelamente, face às dificuldades burocráticas postas pela lei, regista-se a adesão de diversas comissões unitárias à Frente «Povo Unido», depois de não terem conseguido cumprir com todas as cláusulas do processo legal.

Como últimas adesões, assinala-se a formação de Comissões Eleitorais Unitárias «Povo Unido» em Moscavide e Al-

piarça, em Évora e nas freguesias de S. Nicolau (Porto) e Moita, Alhos Vedros e Baixa da Banheira (concelho da Moita).

PS ORGANIZA

O Partido Socialista trabalha também na preparação do próximo acto eleitoral.

Ontem, realizaram-se diversas reuniões nas sedes do partido na Rua da Emenda e no Largo do Rato destinadas a adaptar as estruturas internas do PS ligadas ao acto eleitoral à acção que terão de desempenhar.

Por sua vez, Jorge Campinos, encarregado da coordenação do processo eleitoral, avistou-se com Mário Soares e com elementos que integram a Comissão para as Autarquias locais, tendo ainda trabalhado com a Comissão Nacional de Eleições.

PSD/CDS: NÃO HÁ COLIGAÇÃO

Segundo revela hoje um matutino lisboeta não haverá coligação entre o PSD/PPD e o CDS.

Citando declarações de Freitas do Amaral, presidente do

CDS, o referido matutino informa que os dois partidos, depois de contactos efectuados entre si, não teriam logrado acordo quanto à participação coligados no próximo acto eleitoral.

A não aceitação da coligação teria partido do PSD/PPD pouco desejoso de uma inclinação ainda mais para a direita, que prejudicasse a «imagem» que vem tentando criar. Contudo, a decisão do partido do dr. Sá Carneiro remonta a Junho, nada excluindo a possibilidade de uma viragem de última hora.

TMUPA é candidata na Parede

Depois de sucessivas reuniões realizadas por comissões de moradores na freguesia da Parede e no seu interior, onde 14.000 pessoas têm direito a voto, foi criada uma lista absolutamente independente de qualquer partido ou frente eleitoral, que concorrerá às próximas eleições para as autarquias locais. TMUPA — Trabalhadores e Moradores Unidos para as Autarquias: este é o nome da lista, que até ao princípio da semana já havia recolhido centenas de assinaturas para a sua legalização, faltando muito poucas para completar as 780 previstas na lei.

A TMUPA tem como objectivo principal uma verdadeira unidade entre os moradores e os trabalhadores da região para, numa primeira fase, serem eles próprios a tentarem a resolução dos seus problemas, que conhecem melhor do que ninguém. Entretanto, a lista Trabalhadores e Moradores Unidos para as Autarquias não pensa exercer um trabalho de



As comissões de moradores que apoiam a TMUPA vêm há tempos realizando vendas directas ao consumidor na freguesia da Parede

organização em busca de melhores condições de vida apenas durante o período eleitoral que se aproxima: pretende exercer a sua acção unitária por toda a freguesia da Parede em qualquer situação e nos mais diversos aspectos.

Englobando a Parede, Madorna, Penedo, Murtal e Bairro Alentejano, a TMUPA faz cons-

tar do seu programa o propósito de exercer uma severa crítica à política até agora seguida na Costa do Sol e adjacências, lutando para que a região não seja transformada naquilo que chama «Costa da Sombra», e cuja responsabilidade atribui aos «senhores das Câmaras». A TMUPA chama especial atenção para os bairros operários situados fora da zona turística, mas que também pertencem a freguesia da Parede e, por extensão, à Costa do Sol. No seu primeiro manifesto afirma que vai denunciar tudo e todos os que se oponham a uma orientação que tenha co-

mo objectivo fundamental a protecção das populações com «menos palacetes e mais problemas».

«Concorreremos para que o povo trabalhador tenha aliados dentro da Assembleia de Freguesia e da Junta de Freguesia, para que do povo trabalhador saia um punhado de homens e mulheres que, nesses organismos, estejam sempre dispostos a apoiar as reivindicações dos trabalhadores e dos moradores da região.»

A TMUPA pretende chamar as populações a assumirem responsabilidades: «Lutaremos para que as CM's da nossa freguesia sejam dados os mais amplos poderes; para que as CM's estejam realmente ligadas às lutas dos trabalhadores; para que as CM's existentes ou a criar defendam intransigentemente os interesses das populações que representem e não apenas os de meia dúzia de pessoas desta mesma população».

Dizendo que não vai prometer «mundos e fundos» como os partidos e as frentes que concorrerão às eleições das autarquias locais, a TMUPA compromete-se apenas a colocar, nos postos devidos, homens e mulheres que mereçam a confiança dos demais habitantes das zonas que abrange.

Dirigentes estrangeiros no Congresso do P.S.

Poderá elevar-se a mais de uma centena o número de representantes de organizações políticas estrangeiras que estarão presentes no congresso do PS, a realizar em Lisboa dos últimos dias deste mês a 1 de Novembro.

As notícias mais recentes de convites feitos pelo PS e já aceites dizem respeito ao ex-primeiro-ministro da Finlândia e líder do Partido So-

cial-Democrata finlandês, Kalevi Sorsa. Também confirmaram a sua presença em Lisboa dentro de quinze dias para estarem no congresso do PS representantes do PC japonês, da União Socialista Popular, de Marrocos. Virá ainda — confirma-se — o presidente do Partido Radical chileno, no exílio, Anselmo Sule.

Dão-se já como certas as presenças de representantes dos partidos socialistas ou social-democratas da Europa. Virão ainda dirigentes partidários do Brasil, da Tunísia, da Namíbia, da Líbia, do México, da Venezuela, do Egipto, do Equador, da República Dominicana, entre outros países. Dá-se ainda como certa a presença de uma representação do PC italiano.

Tal como tem sido largamente noticiado, virão ainda ao congresso do PS dirigentes dos novos países africanos de expressão portuguesa: S. Tomé, Guiné e Cabo Verde, Angola e Moçambique.

Já se pode falar para a China

Foi estabelecido um serviço telefónico entre Portugal e a República Popular da China, sendo as comunicações efectuadas por intermédio da Marconi.

As conversações telefónicas é aplicada uma taxa de 40\$500 pelo período inicial de três minutos, acrescida de 13\$500 por cada minuto suplementar.

Delegação do M.D.P./C.D.E. regressou da Hungria

Regressou a Lisboa a delegação do MDP/CDE, constituída por José Manuel Tengarinha e Blasco Hugo Fernandes, membros da Comissão Nacional, que esteve em Budapeste a convite da Frente Popular Patriótica da Hungria, organização unitária de que fazem parte diversas correntes de opinião e organizações de massas.

Durante a sua estada naquele país, a delegação portuguesa teve várias reuniões com a direcção da citada organização unitária húngara, durante as quais se analisaram experiências e formas de intervenção das duas organizações no campo económico, social e político assim como possibilidades de futura cooperação

entre elas.

O programa de trabalho incluiu também contactos com organizações económicas e administrativas, tanto a nível nacional, como local, tendo-se trocado informações de interesse para ambas as organizações e para a aproximação dos dois povos.

COMUNA TEATRO DE PESQUISA

Diariamente às 21.30 h.

O MÁGICO DA CENOURA

(A HISTÓRIA DE UM DESEMPREGADO)

PELO GRUPO FRANCÉS

TYLENCHUS

SÓ ATÉ SÁBADO

PREÇO ÚNICO — 40\$00

TEL. 76 26 24

PRAÇA DE ESPANHA

A Mais Fabulosa Aventura!

O Homem Que Queria Ser Rei

BREVEMENTE

post scriptum

Saudades do antigamente ditam mentiras e calúnias

Com a mudança de regime político operado em Portugal, os saudosistas do passado-recente, imbuídos de hábitos difíceis de esquecer, têm vindo a manifestar-se descaradamente. Um dos exemplos flagrantes disso é o sr. Nuno Bermudes. Este senhor, em artigo publicado no semanário «O País», na edição da semana de 24 a 30 de Setembro passado, sob o título «Que independência a tua, Moçambique», de preferência a informar os seus leitores e amigos, insinua, calunia, mente e insulta um dos grandes dirigentes e políticos africanos, apelidando-o de «ditador negro».

Começa esse artigo nestes termos: «Toda a gente sabe em Moçambique, pretos, brancos, pardos, que se não fora a teimosia de uma examinadora — que por duas vezes chumbou um ajudante de enfermeiro no curso para enfermeiros de 2.ª classe — não teria contado a Frelimo com o ingresso de mais um adversário do regime português, então vigente, nas suas fileiras políticas, a que se seguiria a sua ascensão no Partido, primeiro lentamente e, logo a seguir ao assassinato de Mondlane (com o qual a Pide nada teve a ver, como está provado), tão vertiginosamente que, em breve, se guindaria ao posto cimeiro do triunvirato que passou a dirigir, com pulso de ferro, o movimento dito libertador de Moçambique».

Trata-se evidentemente de um artigo fascizante, de cunho colonialista e de má-fé; e à semelhança de tantos outros que se têm publicado no mesmo semanário, tive a impressão de estar a ler um certo, já falecido, jornal de extrema-direita; sobretudo quando o sr. Nuno Bermudes faz referência à Frelimo, aos guerrilheiros, ao povo moçambicano e ao seu presidente. Por outro lado, como acompanhamento da sua canção de embalar os leitores mal informados, esse senhor, depois de caluniar e insultar tudo e todos, escreve, sempre apoiado em explicações perfeitamente tendenciosas e aberrantes:

«Guerrilheiros negros... passeavam-se, arrogantemente, pelas avenidas e ruas das principais cidades moçambicanas (ainda portuguesas, insistimos!) embebavam-se nos bares e enchiam-se de comida nos restaurantes, sem pagarem as respectivas contas. Outros, apontando metralhadoras e lança-rocketes aos transeuntes, exigiam-lhes cigarros e dinheiro, dirigiam os mais soezes insultos aos brancos, indianos e mulatos, principalmente se eram do sexo feminino, apalpando-as entre risos alvares».

Trata-se de uma tolice e de uma mentira caluniosa. E o sr. Nuno Bermudes parece ignorar completamente a disciplina que reina no seio da Frelimo. Para dar um exemplo: não lhes é permitido qualquer bebida alcoólica e muito menos durante as horas de serviço; não recebem oferta de qualquer transeunte e muito menos exigem.

Todavia, não ficamos por aqui. Esse artigo expressa uma parte da petulância do sr. Nuno Bermudes, que se abriga atrás das saudades de um passado que não foi comum. Se quisesse criticar o artigo, diria que ele é saudosista, tendencioso, absurdo, litigante e de má-fé; fornece apenas um catálogo das mentiras, da ignorância e da arrogância colonialista. É pena que quem viveu muitos anos em Moçambique não saiba ser grato ao povo que o serviu cegamente; é pena que quem não se identifique com um regime use da calúnia e da mais torpe mentira para denegrir os seus dirigentes.

Muito paternalista, o sr. Nuno Bermudes aconselha a Frelimo a limitar-se à admiração extática das vaporesas intuições dos artistas, mesmo quando se não identifiquem com a linha política definida. E escreve, sempre apoiado na calúnia e na ignorância: «Escritores, poetas, pintores e jornalistas... viram-se obrigados, para escapar às perseguições da Frelimo, a participar do êxodo geral, como... José Pádua, presentemente na Rodésia, e um dos maiores pintores negros moçambicanos, Malangatana Valente...».

Vê-se assim que para esse sr. há figuras que não devem ser tocadas, nem com uma flor, independentemente dos seus actos. Tal não é a opinião da Frelimo, e por isso se permite convidar a abandonar o país todos aqueles que possam dificultar o processo de reconstrução nacional.

Quanto ao pintor Malangatana Valente, valha-o o Deus dos colonialistas! Não sabe o sr., que o pintor Malangatana dirige um sector do Ministério do Trabalho no Maputo?

Sr. Bermudes: escreva a verdade, factos, e não calúnias, mentiras torpes. No entanto, o melhor para si, é esquecer Moçambique que também já se esqueceu de si e de outros como o senhor...

Ernesto Stephan — LISBOA

Perguntas

Estarei eu enganada ou no célebre discurso de encerramento da discussão do programa de Governo o dr. Mário Soares afirmou perante alguns milhões de portugueses que tinham acabado os saneamentos? Ou terão também mudado de nome a bem da «democracia?».

Terei sido novamente traída pela minha memória ao lembrar-me dos ataques violentos do sr. Primeiro-Ministro, há uns meses atrás, contra o que definiu de Ministro, há uns meses atrás, contra o que definiu de assalto ao Poder e aos órgãos de comunicação social, ou o sr. dr. mudou de opinião e considera o real e assustador assalto a que estamos a assistir agora uma simples arrumação «democrática?».

Conceição Soares — QUELUZ

CONFERENCIA SOBRE ECONOMIA PORTUGUESA

Cenas eventualmente políticas

VITOR BENTO

No conforto e elegância das instalações da Fundação Gulbenkian (que tanto jeito tem dado à «revolução dos cravos») decorreu um encontro de economistas que trouxe a Lisboa alguns nomes internacionalmente consagrados, ao lado da «final flor» local (o que conferiu um certo tom mundano à reunião). Sujeita ao tema da discussão dos problemas da economia portuguesa, despertaria necessariamente a atenção de vários quadrantes da opinião pública e de sectores políticos. Pois que outra coisa seria de esperar, num país onde há mais de 2 anos se fala e se escreve sobre a «grave situação económica», o «dramatismo da situação», sem que políticos e dirigentes, militares ou civis, tenham conseguido resolvê-la ou sequer explicar como a resolvem? Dai que o dr. Livingstone tenha comentado que dificilmente em outra parte da Europa seria possível reunir centenas de pessoas das 9 e 30' às 24 horas, para ouvir discutir assuntos de economia (o que é mais uma manifestação da «originalidade» portuguesa).

Este tipo de reuniões tem vantagens e desvantagens, como tudo na vida. Recolhendo-se opiniões suportadas por diferentes conceitos de organização social — entre o capitalismo liberal e a social democracia, o que desde logo aponta uma lacuna, à da concepção que assenta na economia planificada — é necessário conhecer-se os «dois lados da moeda», para avaliar e julgar o interesse e profundidade deste ou daquele comentário. Nesse aspecto, a reunião teve um saldo positivo, pois os vários participantes avançaram opiniões bastante divergentes, como é próprio do espírito académico, embora nada de novo, ou que não tivesse já sido dito ou escrito ao longo do processo político.

No entanto, um perigo pode vir do lado dos espectadores, tal como no cinema que inclui cenas chocantes. Assim como há bons e maus filmes com essas cenas, o que tem de ser distinguido pelo espectador adulto, também nesta conferência foram produzidas boas e más opiniões, cuja transposição para leituras políticas exigirá crítica e capacidade de entendimento, pois de outro modo podem criar-se influências negativas. Não sendo possível condicionar a entrada, como se faz nos cinemas, foi revelado, lá dentro, que algumas pessoas se sensibilizaram

em excesso. Neste aspecto, para além de alguns figurantes menores, foi particularmente notada a posição de alguns «cavaleiros-andantes» ex-governantes marcelistas (6 ao todo na sala) distinguindo-se Costa André, relativamente a Xavier Pintado e João Salgueiro, na defesa da política marcelista nos sectores salarial, monetário e empresarial. O economista Alfredo de Sousa sempre que pode também juntou a sua «pitada» de direita e de apoio a várias posições de americanos.

A opinião de quatro ou cinco conhecidos economistas americanos, de carreira internacional, não pode ser apolítica ou tecnocrática, como eles pretendem. Quer ao nível local, por provincianismo ou por interesses políticos, quer ao nível dos centros de decisão oficial ou privado estrangeiros, não poderá haver indiferença perante a opinião quase unânime, desse grupo, da vantagem de uma desvalorização acentuada do escudo e o aumento das taxas de juro, dentro dos mecanismos tradicionais de um mercado aberto, sem intervenções estatais. As opiniões basearam-se, quer nas receitas clássicas, quer num modelo matemático simulador, que foi utilizado por estagiários americanos, a trabalhar no Banco de Portugal. Acontece que esse modelo, desenvolvido para aplicação em economias do tipo da nossa, é bastante incompleto, como os próprios utilizadores reconhecem, levando à introdução de pressupostos, bastante discutíveis. E tanto assim é que, para uma hipótese de desvalorização de 30 por cento do escudo, o benefício na balança de pagamentos com o estrangeiro seria de apenas 2 milhões de contos e a baixa do poder de compra dos salários de «apenas» 6 a 7 por cento, o que não é de estranhar em face do tipo de produtos que constituem as nossas exportações. Chegou-se até ao desentendimento entre um dos professores americanos, que dizia «pois, se o efeito for realmente só esse o melhor é não desvalorizar», e um dos «juniores» que, quase desesperado, contrapunha que, com ou sem insuficiências do modelo, será preciso desvalorizar, porque essa é receita tradicional para estes casos. (Significa, no plano interno, uma espécie de imposto geral e o início de inflação galopante). Já diferente foi a opinião dos europeus, os quais têm verificado que nas condições ac-

tuais de degradação da economia capitalista verificado que nas condições actuais de degradação da economia capitalista ocidental, quer as desvalorizações controladas das moedas europeias, quer os casos típicos e galopantes do Brasil e Chile, não têm conduzido aos resultados esperados. Os europeus têm noção de que a crise é bem mais profunda e exige medidas de ajustamento de natureza económica e social diferentes daquelas que os americanos preconizam. Também a questão do aumento das taxas de juro, cujo nível baixo em Portugal era, na opinião do prof. americano Fry, consequência de uma política deliberada dos governos do passado, para fornecer dinheiro barato aos grandes grupos financeiros (opinião criticada pelo marcelista Costa André) é uma medida clássica numa perspectiva capitalista, mas duvidosa no caso português. Não só não existe hábito da poupança em Portugal (por exemplo, em 1968 apenas 5 por cento das famílias tinha rendimentos para poupar) que justifique o aliciante de um juro maior, como tal aumento envolveria um crescimento extraordinário dos encargos em juros das empresas cujas estruturas financeiras, na relação entre capitais alheios (de que se paga juro) e capitais próprios (de que se pode não contar o juro) é completamente anormal, pois em Portugal era-se empresário com o dinheiro da banca. Na maioria das grandes empresas que foram nacionalizadas, os seus empresários-banqueiros recebiam através dos seus bancos o lucro do que emprestavam às suas empresas. Quando veio a crise internacional e nacional, pós-25 de Abril, os encargos em juros subiram extraordinariamente, criando dificuldades e prejuízos. Mas, foi muito mais fácil aos políticos reacionários acusar os aumentos salariais como responsáveis pela deterioração. Os poucos resultados de 1975 e 1976 já conhecidos da actividade da banca — que continua a funcionar como no passado — reflectem a situação. Recuperada que foi a perda dos rendimentos especulativos anteriores a 1974 voltam, os mais sólidos, ao tempo das «vacas gordas», enquanto o Banco de Portugal multiplicou por sete os rendimentos dos juros a seu favor de 1973 a 1975. (Abordaremos este tema brevemente). O mesmo se passa no sector dos seguros. Outra crítica ligei-

ra feita pelos americanos foi relativa ao aumento de salários e naturalmente à necessidade de «sanear» os desequilíbrios à custa da sua contenção e do desemprego. Este assunto foi visto com outros olhos pelos europeus — e raras excepções de portugueses — onde alguns recordavam à assistência os objectivos constitucionais. Uma subida súbita de salários perturba os mecanismos económicos, mas, há que distinguir entre a justiça da repartição do rendimento nacional e a necessidade de conter certos consumos, o que não foi feito pelos políticos, interessados em angariar clientela.

Estranhou-se a ausência de uma posição governamental que explicasse qual o modelo de desenvolvimento que vamos seguir e a escala das medidas para vencer a crise e reorientar a sociedade, o que exigirá a participação dos trabalhadores, conforme foi também geralmente apontado. O simpático e veterano professor sueco Lundberg acabaria por declarar, em desabafo, «é necessário que decidam, de uma vez, o que querem fazer!».

Muitas questões foram levantadas por esta reunião que vale a pena assinalar em próximos apontamentos. Tanto mais que as mudanças de fundo que estão na causa dos nossos problemas económicos foram praticamente ignoradas: o preço da energia (e seu reflexo nas economias de países nossos clientes: o caso da Inglaterra é exemplar), a descolonização e as deficientes estruturas empresariais e culturais. Por outro lado, vimos defendidos por participantes portugueses, em termos quixotescos e que roçaram o ridículo, os projectos petroquímicos de Sines, o que justifica um próximo esclarecimento mais especializado.

Deve-se, contudo, acautelar o conteúdo político da afirmação do americano prof. Eckskaus de que, se não tomarmos medidas, está em perigo a democracia. Qual democracia? Não se vive em democracia apenas com liberdades de opinião, reunião e eleitoral. Isso serve aos políticos. Para o povo só quando for também económica e social. Logo, ainda está por ganhar e levará muito tempo a atingir. Num projecto de sociedade que foi aprovado e jurado como lei fundamental deste País, a Constituição. Agora é preciso fazer mais e discutir menos.

IRÃO: MITOS E REALIDADES

REZA R., POETA EM LIBERDADE

TEHERÃO — A sala é minúscula. O chão está repleto de almofadas, pilhas de livros persas e franceses, jornais estrangeiros amarelados pelo tempo. Numa mesa baixa há folhas manuscritas e rasuradas, e também uma garrafa meia de vodka.

Reza R., encostado às almofadas, parece ter perdido a vitalidade que lhe conhecemos quando estudava em Paris. Atorreado com a nossa visita inesperada, a meio da noite, está preocupado e quer saber que temos a absoluta certeza de não termos sido seguidos. Reticente a princípio, Reza R. fala-nos depois, de modo impessoal, de «problemas» com as autoridades do seu país. O meu caso, diz ele, não

tem nada de excepcional. Milhares de intelectuais iranianos tiveram uma sorte mais ou menos semelhante. (1)

Professor de literatura, as suas aulas tinham sido consideradas pouco conformes com a «ideologia» da «revolução branca» do xá, na medida em que se abstinha de se referir a ela. Um dos seus colegas — sabê-lo-ia mais tarde — mandava para a SAVAK (a polícia política) relatórios sobre a sua atitude «suspeita». Cartas anónimas que o denunciavam como «traidor» circulavam até ao dia em que foi expulso da própria universidade, por um grupo de estudantes, «indignados» com o seu ensino «subversivo». Sugeriram-lhe que pedisse a demis-

são. Reza R. recusou.

Dias depois a Polícia foi buscá-lo a casa de madrugada. Durante meses a família ignorou onde ele se encontrava. Os agentes da SAVAK, que beneficiam do estatuto de «magistrados militares» e só têm contas a dar ao xá, têm o direito de encarcerar um cidadão durante o tempo que considerarem necessário, de o interrogar, de o levar ou não perante os tribunais militares. Abusando dos seus poderes, mantêm presos mesmo aqueles que, após cumprida a pena, foram libertados pelas autoridades penitenciárias normais. A SAVAK dispõe, com efeito, das suas próprias prisões em todo o país — às vezes apartamentos, outras casas de aspecto banal

ERIC ROULEAU

— onde procede a «interrogatórios» muito especiais. Reza R. conheceu alguns desses locais, onde sofreu torturas atrozes, que descreve com pungente sobriedade, antes de nos mostrar as cicatrizes em várias partes do corpo (2). Os meus sofrimentos eram tanto mais insuportáveis quanto eu ignorava a razão porque me eram infligidos. Os meus tortionários talvez não soubessem mais do que eu visto que se contentavam em injuriar-me, em ameaçar-me com a morte, enquanto cumpriam a sua tarefa. Nunca houve uma acusação

Continua na pág. 4

Nacional

FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL DE ESCOLA

dia 20, 4.ª feira, às 17.30 h, na Aula Magna da Reitoria

ORDEM DE TRABALHOS:

- 0 — Informações
- 1 — Posição da Escola face às medidas do M. E. I.
- 2 — Início do Ano Lectivo.

Dada a importância desta AGE, o C. D. convoca todos os estudantes, professores e funcionários para que nela compareçam

O CONSELHO DIRECTIVO

P. B.

Sindicato dos Trabalhadores Químicos

COMUNICADO

ESCLARECIMENTO

No passado dia 8/10/76 saiu na Imprensa diária uma Moção aprovada em Assembleia de Trabalhadores da Empresa Repenicao & Bengala.

Porque algumas dúvidas subsistem sobre o seu conteúdo, a Comissão de Trabalhadores cumpre-lhe esclarecer o seguinte:

- 1 — Desde Agosto de 1975 que o pagamento de salários se faz com irregularidade;
- 2 — Este facto como é evidente, tem provocado no seio dos trabalhadores graves preocupações e até no seio dos seus respectivos agregados familiares, graves perturbações;
- 3 — Estes factores, conjugados, explicam à evidência a posição assumida pelos trabalhadores na dita Moção.

Contudo é de sublinhar que a exigência colocada ao Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas, não deve ser lida de uma forma rígida (não é ao IAPME que compete regularizar a situação da empresa) mas sim como reflexo da situação que os trabalhadores vêm vivendo desde Agosto de 1975.

A COMISSÃO DE TRABALHADORES
DA EMPRESA INDUSTRIAL
REPENICADO & BENGALA

ACIDENTE DE VIAÇÃO

Ocorrido na sexta-feira passada, 8 do corrente, cerca das 20 horas e 45 minutos na Av. Cidade de Luanda, na Bairro dos Olivais e de que resultou o atropelamento mortal de ABILIO DE JESUS MARCELINO, junto da paragem do autocarro da carreira n.º 25, pelo automóvel com a matrícula GI-61-58, da marca Austin, modelo 1000, conduzido por José Luís Santos Pinto, morador na Rua General Silva Freire, 37-1.º Esq.º em Lisboa.

Roga-se às pessoas que presenciaram o acidente o favor de contactarem pelo telefone n.º 33 03 42, a família da vítima.

CECILIO A. CAETANO

SERVIÇO ESPECIALIZADO
EM AMORTECEDORES
E SUSPENSÕES
DE TODOS OS TIPOS

GARANTIA DE ASSISTÊNCIA
TÉCNICA

SECÇÃO TÉCNICA: AV. S. JOÃO DE DEUS, 7-1
TELEF. 89 66 03 (Ao apeadeiro do Areeiro)

Irão: mitos e realidades

Continuação da pág. 3

concreta. O que é lógico. Não sou terrorista, não sou militante de nenhum partido clandestino, não sou sequer marxista. Exigiram depois que se aliasse franca e publicamente à «revolução» do xá, e Reza R. recusou. Foi nessa altura, quando esperava o pior, que foi libertado, devido a «altas intervenções estrangeiras».

O calvário de Reza R. nem por isso termina. A SAVAK, que está habilitada a infligir «sanções económicas», não o deixa empregar-se enquanto não se mostrar arrependido. Como o passaporte lhe foi confiscado, não pode refazer a vida no estrangeiro, onde a mulher e os filhos se refugiaram. A maioria dos amigos receia visitá-lo, e o seu isolamento é tanto maior quanto deixou de ler jornais. Para quê se a censura o transforma em folhas de propaganda?, diz ele. E, apontando para a mesa: Bebo, e nos momentos de lucidez escrevo poemas para mim próprio, visto que não me deixam publicar nada. No fundo, lamento os censores. Não percebem nada da linguagem poética e, na dúvida, preferem abster-se. Também vivem no terror.

A OMNIPRESENTE SAVAK

O medo da SAVAK (3), diz-se em Teherão, é o princípio da sabedoria. Omnipresente, os seus efectivos são avaliados nos meios diplomáticos da capital, em mais de cinquenta mil profissionais (em tempo inteiro) e a três milhões de informadores ocasionais (um iraniano em onze!) cujos olhos e ouvidos vigiam os estabelecimentos públicos e as administrações governamentais, as escolas e as fábricas, as estações de autocarro e as recepções mundanas. Disposto de fundos virtualmente ilimitados, pode gabar-se de ter mandado prender dezenas de milhares de iranianos (o número actual dos presos políticos é avaliado em três mil pelo xá, e em vinte cinco mil a cem mil por várias fontes internacionais, de que a Amnesty International se faz eco), e de ter mandado matar, desde 1970, duzentos jovens.

Este último número não diz respeito àqueles que foram mortos discretamente, aos que morreram torturados e aos que foram mortos em choques com as forças da ordem «que tentavam prendê-los». Só o Chile, escrevia recentemente o Times, fundamentando-se no relatório da Amnesty International, é que pode rivalizar actualmente com o Irão na amplitude e brutalidade da sua repressão.

Esta tende a acentuar-se desde o aparecimento, no princípio do ano passado, dos primeiros sinais de mal-estar financeiro e económico.

O sistema bipartidário, inofensivo, foi substituído em Março de 1975 pelo partido

único «Rastakhiz», no qual só se pode entrar desde que se defenda a «santa trindade» da monarquia, da Constituição e da «revolução do xá e do povo» (nova designação dada à «revolução branca»). Não se pode ser sequer neutro ou apolítico no império dos Pahlevi, sob pena de ser acusado de traição. Qualquer cidadão que se abstenha de aderir a este partido, só poderá ser — segundo o soberano — «comunista» ou «apátrida», e será então convidado a escolher entre a prisão e o exílio. Há uma excepção. Os que proclamarem o seu apoio aos princípios do partido, sem militarem nele, declarou o xá, podem conservar os seus direitos cívicos mas não podem esperar nada do Estado.

A escolha que o xá tenta impor-nos está, na realidade, entre a renegação e a metralhadora, diz-nos um estudante. Segundo ele, a maioria dos seus camaradas «politizados» simpatizavam com os guerrilheiros urbanos e admiravam o seu espírito de abnegação. Estes guerrilheiros multiplicam os seus atentados, principalmente contra os peritos americanos, e resistem de armas na mão às forças da ordem, quando estas tentam prendê-los. A imprensa local fala da combatividade dos «terroristas»: eles infligem pesadas perdas ao adversário antes de se deixarem morrer, lutando até ao último cartucho e suprimindo-se por fim com o auxílio de granadas ou dinamite que prendem ao corpo. Ao que se diz preferem a morte à longa agonia que os espera nas mãos da SAVAK.

OS SILÊNCIOS DA IMPRENSA

Todos acham que o seu número é modesto (o máximo trezentos) e que a sua influência política mal sai para fora das universidades. A sua ideologia «marxista-leninista» ou «islamo-marxista» é nebulosa, e os seus objectivos, a julgar por o que escrevem, são modestos: mostrar a vulnerabilidade do regime, incitar o povo a organizar-se persuadindo-o de que é possível uma revolução.

O xá tem certa razão quando diz que o seu trono não está ameaçado por uns punhados de terroristas. Também não tem muito a recear do partido comunista Tudeh e da Frente Nacional do dr. Mossadegh, ambos pulverizados pela SAVAK. Mas então para quê instalar um aparelho policial tão gigantesco, para quê tantas prisões, tantos processos, tantas execuções sumárias?

Os silêncios da imprensa são mais eloquentes do que as explicações oficiais. Enquanto que os atentados e as batidas entre guerrilheiros e policiais são notícia de primeira página, os jornais mostram-se singularmente discretos sobre uma série de assuntos «tabus»: a agitação endêmica nos liceus

e nas universidades (que, em média, têm de fechar as portas durante três meses em nove), as greves operárias, mais numerosas e longas desde 1974, os choques sangrentos que de vez em quando opõem trabalhadores e estudantes às forças da ordem.

Os responsáveis estão evidentemente menos preocupados com as consequências da violência individual do que com as eventuais repercussões do descontentamento popular. Tanto mais que o «crescimento acelerado» no quadro de um sistema «liberal», agravou a polarização social, as disparidades do rendimento no meio urbano e o leque do nível de vida entre as cidades e os campos.

Se, no plano político, a reforma agrária foi um êxito, os pequenos exploradores não tiraram dela grande benefício, por falta de créditos bastantes e de cooperativas eficazes. O congelamento dos preços agrícolas, a importação massiva de produtos alimentares — por vezes subvencionada pelo Estado — têm por consequência enriquecer os agricultores do Texas e arruinar os camponeses iranianos, declarou-nos, com amargura, um modesto proprietário que procura em Teherão alguém que queira comprar o seu pedaço de terra. Segundo os cálculos de um economista, o rendimento de uma família que vive da agricultura é, em média, seis vezes menor do que o de uma família urbana. Daí, um êxodo rural que afecta mais de quinhentas mil pessoas por ano.

Os operários da indústria parecem, à primeira vista, felizes. Aproveitando o «boom» económico de 1974, e da séria falta de mão-de-obra, muitos deles obtiveram, por vezes através da greve, aumentos sensíveis de salário. No entanto, essa progressão diz essencialmente respeito aos operários da construção civil e aos das grandes empresas, que constituem uma minoria na massa dos trabalhadores.

AS «CINQUENTA FAMÍLIAS»

Os preços subiram tanto

Le Monde

nestes três últimos anos, que o poder de compra foi seriamente afectado. Ao mesmo tempo, a inflação e a especulação enriqueciam uma minoria de possidentes. Os alugueiros das casas, por exemplo, subiram vertiginosamente: mais de 200 por cento em 1974-75, e 100 por cento em 1975-76, segundo os cálculos oficiais mais modestos.

A carestia da vida, as margens de lucro exorbitantes em vários sectores da economia, os lucros elevados, a fraude fiscal praticada pelas grandes empresas, favoreceram as «cinquenta famílias» da nova burguesia, em detrimento não só das camadas de base da pirâmide social, mas também das classes médias. Um investigador dizia recentemente que a camada superior da sociedade (10 por cento da população) apropriava-se de mais de 40 por cento dos produtos consumidos.

Revelações feitas o ano passado pelo Senado americano acerca das «comissões» retiradas por altos dignatários do regime imperial, de contratos feitos com o Estado iraniano, tornaram o clima político mais pesado. Em face do descontentamento popular, o xá tomou então uma série de medidas de ordem social que indisporia os meios de negócios.

(1) Alteramos deliberadamente alguns traços do retrato de Reza R., que teriam permitido a sua identificação. Em contrapartida, conservamos — com o seu acordo essencial do que nos contou:

(2) O xá assegurou-nos em tempos que as torturas praticadas nas prisões não eram físicas mas de ordem psicológica, mais «requintadas», portanto. Um inquérito publicado pelo Sunday Times durante dois anos, revelou (a 19 de Janeiro de 1975) que um desses «requintados» consistia em maltratar crianças de ante dos pais.

(3) Sazeman Attalat Va Amniyate Keshvar, organização nacional para a informação e a segurança, fundada em 1957 com a cooperação técnica da C.I.A., e dos serviços de informação israelianos, com a finalidade de liquidar os vestígios da Frente Nacional do dr. Mossadegh e o partido comunista Tudeh.

MARIA VITÓRIA

T. 36 17 40

HOJE AS 20.30 E 22.45 H.

★ E TODOS OS DIAS ★

Não aconselhável a men. de 18 anos

Aos dom. «matinées» às 16 h. As 2.ª feiras — descanso

UM ENORME É X I T O !

A MELHOR REVISTA DOS ÚLTIMOS ANOS !



SALVADOR e IVONE SILVA



A SENSACIONAL PLURALREVISTA

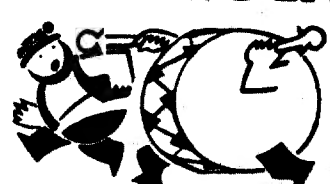


HENRIQUE SANTANA



LYGIA TELLES

O BOMBO DA FESTA!



7 NOVEMBRO NA BULGÁRIA

Por ocasião das Comemorações do 7 de Novembro, a Associação Portugal-Bulgária vai realizar uma excursão à Bulgária entre 1 e 8 de Novembro. Além da participação nos festejos daquela data os participantes terão oportunidade de contactar com organizações de agricultura, indústria e sindicatos, assim como visitar outras cidades, além de Sofia. As inscrições provisórias são realizadas na Rua do Crucifixo n.º 33, Lisboa-2, com telefones 36 32 94 - 32 88 56 - 32 36 33 e 32 42 96 até 25 de Outubro.

PLENÁRIO DE ALCÁCER DO SAL

Tudo gira à volta da lei: uns prometem, outros não cumprem

No plenário de trabalhadores agrícolas, pequenos e médios agricultores do distrito de Setúbal, que decorreu no fim-de-semana em Alcácer do Sal, foi aprovada uma moção na qual se exige que o Ministério da Agricultura e Pescas e Governo tomem medidas adequadas à realidade da Reforma Agrária e de acordo com a Constituição.

Em primeiro lugar exige-se que todas as herdades com pontuação para expropriação ou em regime de abandono fiquem sob a alçada da lei da Reforma Agrária, sejam expropriadas e entregues, a quem trabalha a terra, rapidamente e ainda antes das sementeiras, a fim de garantir que estas possam ser efectuadas. Exige-se por outro lado que as U.C.P., cooperativas, o Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas, Liga dos Pequenos e Médios Agricultores e o C.R.R.A. reúnam o mais depressa possível para discutirem a entrega das herdades a serem expropriadas. Que qualquer caso de ocupação posto em dúvida seja discutido com a participação das U.C.P.

Na moção exige-se ainda que seja urgentemente definida uma política de preços para os cereais e que sejam, sem perda de tempo, distribuídas sementes de trigo seleccionadas às U.C.P., cooperativas e pequenos e médios agricultores. Finalmente, depois de se exigir o fornecimento de créditos para a compra de gados, maquinaria e construção de estábulos, a baixo juro e a longo prazo a moção aponta para uma questão fundamental: o apoio técnico em toda a área do distrito de Setúbal no respeitante à construção de obras hidráulicas assim como apoio técnico ao sector da produção agrícola e pecuária.

A moção aprovada por aclamação, no recinto, junto à praça de Touros, em Alcácer do Sal, tem um longo preâmbulo em que se faz uma análise da situação assinalando as manobras do C.D.S., P.P.D. e da C.A.P. os mesmos que sempre se opuseram à Reforma Agrária, às nacionalizações e ao controlo operário, que tudo fizeram para impedir a autoderrogação e independência dos povos irmãos das ex-colónias portuguesas. No documento acusam-se estas forças políticas de terem dado cobertura aos grandes senhores da terra que após o 25 de Abril «entraram na sabotagem económica descarada, dizimando os gados, sabotando culturas e provocando o desemprego em massa».

Costa Brás amanhã em Itália

Na sequência de um convite pessoal que lhe foi dirigido pelo ministro italiano do Orçamento e Planificação Económica, Tommaso Morlino, segue amanhã para Roma, o ministro da Administração Interna.

O tenente-coronel Costa Brás, participará em Bari nos trabalhos da III Conferência Europeia dos Ministros para o Ordenamento do Território, que se prolongará pelos dias 21, 22 e 23 do corrente.

Mais adiante diz-se que o C.D.S. e a C.A.P. ao pressionarem o Governo para suspender as expropriações e ao ameaçarem levar à Assembleia da República a discussão da Lei da Reforma Agrária «servem-se da incompreensão política e da posição falsa de todos aqueles que teimam em fechar os olhos à realidade».

Ao abordar o caso concreto das «desocupações» no distrito de Setúbal o documento refere-se a elas como «a meia dúzia de casos mal arrumados e próprios de uma revolução assente na agudização da luta de classes». A propósito dessa passagem da moção, cita-se a questão levantada pelo ex-grande rendeiro Veredas «que vai não só ao ponto de rejeitar todas as propostas de reserva que o C.R.R.A. lhe oferece como até à invasão do Centro, quebra de mobiliário e agressão a funcionários de Estado na presença do próprio Governador Civil». No texto expressa-se a solidariedade do M. A.R.N. (Movimento de Agricultores do Norte) ao mesmo tempo que se afirma que a lei «terá que se cumprir no todo e não em parte». Esta alusão coincide com a posição do Governo em não se preocupar com o cumprimento a lei nas zonas de intervenção da Reforma Agrária enquanto no Norte a Lei do Arrendamento Rural não passa de letra morta.

Ao longo do texto aponta-se o facto de os trabalhadores terem aumentado a produção no Alentejo: «Otivemos as melhores colheitas cerealíferas dos últimos 10 anos, elevámos as cabeças de gado bovino, ovino e suíno para mais do dobro; limpámos as terras; preparámos as terras frescas fazendo nelas boas hortas; limpámos o mato de terra e criámos forragem para o gado, compramos máquinas e recebemos outras; pedimos trigo seleccionado para semente de 1975 que em muitos casos não recebemos ou nos chegou demasiado tarde; recusaram-nos a batata de semente».

O texto refere-se ainda à política de preços que não existe, aos intermediários que continuam a sobreviver, às bargagens que são precisas e para a construção das quais o Governo não concedeu crédito.

POSSÍVEL EM NOVEMBRO

Mário Soares vice-presidente da Internacional Socialista

Mário Soares poderá vir a ser eleito vice-presidente da Internacional Socialista, no Congresso daquela organização que reunirá no próximo dia 26 de Novembro, em Genebra.

Segundo fontes socialistas citadas pela Reuter, Willy Brandt deverá ocupar, sem concorrência, o lugar de presidente da Internacional Socialista, enquanto que, além de Mário Soares, deverão ainda

ser eleitos como vice-presidentes o chanceler austriaco Bruno Kreisky, Harold Wilson, François Mitterrand, Olof Palme e o dirigente chileno Anselmo Sule.

O Congresso da Internacional Socialista terá como ordem de trabalhos a análise da construção duma nova ordem económica mundial, a Conferência sobre Segurança Europeia, o Socialismo Democrático e Direitos Humanos no mundo de

hoje e a situação no Terceiro Mundo.

CONGRESSO

Entretanto, a revista alemã PPP, próxima do Partido Social-Democrata Alemão, confirmou a vinda a Portugal, para participar no Congresso do P. S. de Willy Brandt, presidente do P. S. D., que deverá depois assistir em Espanha ao Congresso do P. S. O. E. Segundo ainda a revista alemã, no caso

de o Congresso do P. S. O. E. não ser autorizado a reunir-se em Espanha é provável que se realize em Lisboa. Esta notícia, no entanto, não tem ainda confirmação de fontes portuguesas. Recordar-se que ainda há pouco tempo o Governo Constitucional proibiu a realização em território português duma jornada de solidariedade com os estudantes espanhóis, a qual tinha sido antes proibida pelo Governo de Madrid.

Convite aceite para ir ao Gabão



O embaixador gabonês em Kinshasa, Pierre Mebaley, quando falava ontem aos jornalistas

do Gabão em relação à F. L. E. C. (Frente de Libertação do Enclave de Cabinda) Pierre Mebaley, declarou que «como membros da Organização de Unidade Africana (O. U. A.) apoiamos sem reservas os movimentos reconhecidos por essa Organização. Penso que não é o caso deste, e assim não pode ser considerado in-

terlocutor válido».

Interrogado sobre o número de refugiados da República Popular de Angola a residir no Gabão, declarou o embaixador Pierre Mebaley: «Não há refugiados de Angola no Gabão. Há sim portugueses que já lá viviam, muito antes da independência de Angola e das outras ex-colónias portuguesas.»

Recordar-se que o Gabão, país da ala conservadora da O. U. A. (Organização de Unidade Africana) é tido como nação apoiante da F. L. E. C. — movimento fantoche controlado por franceses e americanos, que pretende a «independência» de Cabinda.

Meios próximos do M. P. L. A. e da Frelimo interrogam-se sobre o significado desta primeira visita do chefe do Governo Português a um Estado africano, sobretudo tendo em conta as anunciadas promessas (constam aliás do Programa do Governo) de melhoria e desenvolvimento das relações entre Portugal e as suas ex-colónias.

Recordar-se que o Gabão, país da ala conservadora da O. U. A. (Organização de Unidade Africana) é tido como nação apoiante da F. L. E. C. — movimento fantoche controlado por franceses e americanos, que pretende a «independência» de Cabinda.

G.D.U.P.'s legalizam-se hoje

Os G. D. U. P.'s (Grupos Dinamizadores de Unidade Popular) vão entregar esta tarde no Supremo Tribunal de Justiça o seu processo de legalização como partido político.

Os D.D.U.P.'s formados depois das eleições presidenciais pelos apoiantes da candidatura do major Otelo Saraiva de Carvalho decidiram, num Encontro Nacional de Activistas realizado há duas semanas no Instituto Superior Técnico, cumprir as formalidades legais necessárias à sua legalização, de forma a que pudessem apresentar listas de candidatos para as autarquias locais. As dificuldades postas pela Lei Eleitoral à apresentação de candidaturas por grupos de cidadãos, aliada à necessidade que foi sentida de adiar o Con-

gresso dos G. D. U. P.'s para o próximo mês de Novembro, levaram o Encontro Nacional a adoptar a fórmula de legalização como partido político para poder concorrer às eleições para as autarquias, embora não seja esse o carácter da organização dos G. D. U. P.'s.

Hoje às 15 horas, nas instalações do Supremo Tribunal de Justiça foi entregue o processo de legalização que terá de ter um mínimo de cinco mil assinaturas de cidadãos eleitores, bem como as respectivas certidões passadas pelas juntas de freguesia.

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE FORNECIMENTO E MONTAGEM DE GRUPOS ELECTRO-BOMBAS PARA A CENTRAL ELEVATÓRIA DE TELHEIRAS

(RECTIFICAÇÃO)

Faz-se público que os alvarás exigidos aos concorrentes para a adjudicação da empreitada em epígrafe são:

5.ª sub-categoria da II categoria e/ou

8.ª sub-categoria da VI categoria e classe correspondente ao valor da proposta.

Lisboa, 14 de Outubro de 1976.

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

O Presidente da Comissão de Fiscalização
João Bau

VENDE-SE

CARRINHA PEUGEOT 404
DIESEL 1970

PROPOSTA À RUA CASTILHO, 185, 1.º

TELEFONE 654531

FORÇA DO POVO

COOPERATIVA DE CONSUMIDORES DO SUL DO TEJO, S. C. R. L.

SEDE: Avenida do Movimento das Forças Armadas, N.º 2

TORREDAMARINHA SEIXAL

ASSEMBLEIAS LOCAIS

CONVOCATORIA

Para cumprimento do princípio consignado no Art.º 20.º e consequente preenchimento de cargos a vagar nas Direcções Delegadas, previstas no § 2.º do Art.º 1.º dos Estatutos, convoco os sócios desta Cooperativa a reunirem em Assembleia Local dos respectivos núcleos, pelas 21 horas, nas datas e locais seguintes:

TRAFARIA

Dia 12 de Novembro próximo, no Salão de Recreios Desportivos da Trafaria, à Rua Guedes Coelho.

SESIMBRA

Dia 13, também de Novembro próximo, na Biblioteca Municipal de Sesimbra, à Rua Cândido dos Reis.

Para ambas as Reuniões é a seguinte a

ORDEM DE TRABALHOS

1. Eleição para os cargos declarados vagos no final do presente exercício.
2. Busca de quatro nomes de cada uma das áreas, que reúnam o consenso local para integração numa lista a apresentar à Assembleia Geral, para eleição dos Corpos Gerentes Centrais, conforme deliberado em reunião conjunta de Corpos Gerentes de 8/Out/76, sendo que um dos nomes faça parte da lista eleita, conforme o ponto anterior.

NOTAS:

1. A Assembleia Local considera-se legalmente constituída desde que estejam presentes, à hora marcada na convocatória, a maioria dos sócios da Secção no gozo dos seus direitos e, em segunda convocatória, meia-hora depois, com qualquer número dos referidos sócios.
2. Os sócios que ainda não dispõem de um exemplar dos Estatutos deverão pedi-lo na Secção respectiva.
3. A Secção Local afixará os cargos que coloca à disposição da Assembleia Local, sujeitos a eleição, conforme o ponto 1. da Ordem de Trabalhos.

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
O Presidente
Serafim Alves

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES GRAFICOS DO SUL E ILHAS ADJACENTES

MOÇÃO

Os trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas, reunidos em Assembleia Geral, depois de analisarem o projecto de regulamento do Congresso de todos os Sindicatos e considerando que:

1 — O Congresso está aberto à participação de todos os Sindicatos Portugueses, com iguais direitos, independentemente de estarem ou não filiados na Intersindical Nacional.

2 — O Congresso permitirá a discussão franca e aberta de todas as questões que preocupam os trabalhadores portugueses e o seu Movimento Sindical.

3 — Nada justifica a acção paralela das direcções subscritoras da «Carta Aberta», pois é dentro das estruturas do Movimento Sindical que os problemas dos trabalhadores devem ser discutidos.

4 — A paridade é um problema falso, que objectivamente camufla a pretensão de representatividade superior àquela que realmente têm no Movimento Sindical e por outro lado uma tentativa de tornar a CNOC inoperante e assim protelar a realização do Congresso.

5 — Existe uma Central Única dos Sindicatos Portugueses, criada no tempo do fascismo e contra o fascismo e tem sabido armar os trabalhadores nas suas lutas pela melhoria das suas condições de vida, pelas conquistas populares e seu aprofundamento na perspectiva da construção da sociedade socialista.

6 — Esta batalha pelos subscritores da «Carta Aberta» insere-se numa grande ofensiva de recuperação capitalista e serve objectivamente os interesses da CAP, CIP

e restantes inimigos dos trabalhadores.

PROPÕE-SE:

1 — Que o nosso Sindicato continue a trabalhar activamente na Comissão Dinamizadora Distrital.

2 — Que se aprove o Projecto de Regulamento do Congresso de todos os Sindicatos, excluindo as propostas alternativas que o mesmo contém.

3 — Que se condene a acção desagregadora e divisionista do grupo habitualmente conhecido por «Carta Aberta», e exortá-lo a participar no Congresso de todos os Sindicatos «Pela Unidade dos Trabalhadores, Pela Reestruturação da Intersindical Nacional, Confederação Geral dos Sindicatos Portugueses», e a aceitarem democraticamente as suas decisões.

4 — Repudiar todas as tentativas de construção de Centrais e Sindicatos paralelos, pois nessa situação, os trabalhadores, divididos, não teriam a força necessária para melhorarem as suas condições de vida, conquistar legislação de trabalho digna, defender as liberdades democráticas e sindicais, as conquistas populares, assim como a criação de condições que permitam o avanço para uma sociedade liberta da opressão e exploração capitalista.

5 — Que esta moção seja amplamente divulgada e enviada para as seguintes organizações:

INTERSINDICAL NACIONAL

COMISSÃO DE REDACÇÃO DA CARTA ABERTA

Voz do Operário, 14 de Outubro de 1976

(Seguem-se 27 assinaturas)

(Aprovada por maioria com 1 voto contra e 5 abstenções)

CASAMENTO

Cavalheiro, viúvo, de 44 anos de idade, situação estável, casa própria, tem 3 filhos menores e os mais velhos já trabalham.

Deseja conhecer senhora entre os 35 e 45 anos para um futuro casamento.

Resposta a este jornal ao n.º 1670.



CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTATÍSTICA

INSTITUTO NACIONAL
DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA
CENTRO DE ESTATÍSTICA
E APLICAÇÕES DAS UNIVERSIDADES
DE LISBOA (C. E. A. U. L.)

Organizado pelo C. E. A. U. L. vai iniciar-se no 1.º semestre do ano lectivo de 76/77 o 1.º Curso de Pós-Graduação em Estatística, previsto para durar dois anos e cujos objectivos são:

1. preparação para doutoramento;
2. especialização profissional;

sendo condições de preferência para admissão:

- a. docência no Ensino Superior;
- b. experiência de pelo menos dois anos.

Informações até ao dia 26-10-76 na Biblioteca de Matemática Aplicada (Fac. de Ciências), Rua da Escola Politécnica, 58, Lisboa, todos os dias úteis, das 11 às 13 horas.

PUB

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS

DO DISTRITO DE LISBOA

MOÇÃO

Considerando que a actual lei da Contratação Colectiva tem oferecido ao patronato condições para boicotar toda a contratação;

Considerando que 1 200 000 trabalhadores entre os quais os rodoviários esperam ver os seus contratos negociados;

Considerando que, violando a Constituição e desconhecendo os verdadeiros interesses e direitos dos trabalhadores, o Ministério do Trabalho pretende legislar em matéria de trabalho;

Os delegados sindicais do SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA, reunidos em plenário do dia 14 de Outubro de 1976

DECIDEM:

- exigir liberdade de negociação dos Contratos Colectivos;
- rejeitar a discriminação entre os trabalhadores, de que é um facto a tentativa de autonomização dos CCT nas empresas intervencionadas e com avales do Estado;
- repudiar o boicote e a passividade do Governo quanto aos Contratos actualmente em negociação;
- vincular e exigir do Governo o rigoroso cumprimento da Constituição, particularmente no que diz respeito à legislação do trabalho, sobre a qual os trabalhadores não abdicam do seu direito de participação activa.

Lisboa, 14 de Outubro de 1976

(APROVADA POR UNANIMIDADE)

O PLENÁRIO

MOÇÃO

Os delegados sindicais dos Transportes Rodoviários reunidos em plenário na sede do Sindicato no dia 14 de Outubro de 1976,

CONSIDERANDO:

- que a libertação dos bombistas continua;
- que a reacção não desarma e que volta a jogar com a arma do boato para provocar a desestabilização;
- que atraiçoando a Constituição se abriu um perigo precedente para a libertação de todos os PIDEs;
- que os trabalhadores portugueses têm demonstrado por todas as formas o seu repúdio pela violência pela qual a direita se quer impor, pelo boato de que a reacção lança mão, e pela libertação dos criminosos agentes da PIDE/DGS;

DECIDEM:

- exigir um julgamento severo para todos os que conspiram contra a institucionalização da democracia, rumo ao SOCIALISMO, sejam eles «bombistas, sobre os quais temos a garantia do PODER constituído de que o desmantelamento da sua rede irá até ao fim, sejam eles PIDEs sobre os quais há que fazer cumprir a Constituição», (Art.º 309.º)
- Repudiar a onda de boatos lançada pela direita reacçãoária.
- exigir do Presidente da República e do Conselho da Revolução garantias de que a Constituição será cumprida.

Lisboa, 14 de Outubro de 1976

APROVADA POR UNANIMIDADE)

O PLENÁRIO

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

COMUNICADO

AOS TRABALHADORES DO SECTOR
GROSSISTA, TÊXTEIS E LANIFÍCIOS

A Direcção informa os trabalhadores do Sector em causa de que está perfeitamente solidária com a luta desenvolvida por estes, e lhes dá o seu incondicional apoio.

Lisboa, 18/10/76.

A DIRECÇÃO

CASA SETE IRMÃOS UNIDOS
& SALSICHARIA, LDA.
Mondim da Beira — TAROUCA



JOÃO ALÍPIO FERREIRA

Participa a todos os seus clientes e amigos o falecimento do pai de todos os seus sócios gerentes, João Alípio Ferreira. O funeral realiza-se hoje, pelas 16.00 horas, da sua residência, Ponte Nova — Mondim da Beira, para o cemitério desta freguesia.

NA IMPRENSA REGIONAL

Detectados onze casos de "manipulação ideológica"

A existência de «manipulação da opinião pública em onze jornais regionais», foi a conclusão a que chegou a comissão nomeada pelo Conselho de Imprensa para análise da eventual manipulação ideológica na Imprensa Regional — lê-se num comunicado emitido por aquele Conselho.

Entretanto, o Conselho de Imprensa considerou, em plenário, «inadequada e inoportuna qualquer condenação dos jornais visados, abstendo-se, por agora, de se pronunciar sobre a existência ou não da manipulação pelos mesmos», salvaguardando ser esta posição assumida, «não por discordância do parecer da comissão, mas por se entender que, tendo a opinião pública sido objecto, ao longo da existência do Conselho de Imprensa, de numerosas «manipulações» de vária índole e em numerosos jornais — sem que as mesmas tenham sido até agora convenientemente investigadas apuradas e coordenadas — seria injusto, por unilateral, que o Conselho de Imprensa se limitasse a apreciar uma pequena parcela dessa manipulação».

O comunicado refere ainda que o relatório da referida comissão foi facultado, abusivamente, aos periódicos «O Jor-

nal» e «Diário Popular», antes mesmo de ser apreciado em plenário do Conselho de Imprensa.

INDEMNIZAR A RENASCENÇA

A Secretaria de Estado da Comunicação Social ordenou a constituição paritária para proceder à avaliação da indemnização a atribuir à Rádio Renascença — Emissora Católica Portuguesa pela destruição, antes do 25 de Novembro, do seu centro emissor situado na Buraca.

O direito à citada indemnização foi oportunamente reconhecido pelo Conselho da Revolução e os trabalhos da comissão paritária deverão estar concluídos até ao próximo dia 10 de Novembro.

A comissão paritária terá a seguinte constituição: major João Figueiredo, presidente da C. A. da Radiodifusão Portuguesa E. P., como representante da Secretaria de Estado da Comunicação Social; eng.º técnico José da Silva Campos, como representante dos Serviços Radioelétricos dos C. T. T.; eng.º Bordalo Machado, consultor técnico da R. R. e Máximo Marques, chefe

dos Serviços Técnicos da R. R.

JORNALISTA CONDENADO

O jornalista João Allen, do semanário «Vária 8», terá de indemnizar o general Costa Gomes em trinta mil escudos por ter sido condenado no 2.º Juízo Correccional do Tribunal da Boa Hora, presidido pelo juiz dr. Orlando Melro. Era acu-

sado de ofensas e injúrias ao então Presidente da República.

A directora do «Vária 8» Maria Joaquina Fernandes Ricardo foi absolvida por se ter provado que se encontrava doente à data da publicação do referido artigo, não tendo podido impedir de modo algum, tal publicação, pois estava retida no leito do seu domicílio. O juiz ordenou a publicação da sentença no «Vária 8». No entanto, o réu interpôs recurso.

Adiada posse da Comissão da Imprensa Estatizada

Foi adiada em princípio para quarta-feira a tomada de posse da Comissão Interministerial de Imprensa, que vai estudar em pormenor a situação da Imprensa estatizada e propor ao Governo as competentes medidas de reestruturação.

A posse tinha já sido marcada para a semana passada, sendo posteriormente adiada para as 15 e 30 de ontem e, de novo, segundo informação

colhida da Secretaria de Estado da Comunicação Social, adiada para depois de amanhã.

Para quem tinha marcados períodos rígidos de apresentação de trabalho, perfeitamente delimitados no despacho que a criou, estes sucessivos atrasos ainda antes de tomar posse, não são muito emcorajadores quanto à pretendida eficácia e rapidez nos estudos e na apresentação de alternativas de solução à crise.

POSSE NO PORTO

PORTO, 19 — «Compreendemos que as desmotivações humanas para o trabalho de reconstruir uma televisão digna desse nome sejam enormes, pelo que há que ultrapassar essa fase. E nós vamos fazê-lo», afirmou ontem o capitão Tomás Rosa, presidente da Comissão Administrativa da RTP, ao dar posse ao novo director do Centro de Produção do Porto, dr. Henrique Luís Esteves.

O empossado, que conta 31 anos e é licenciado em Direito, no cumprimento do serviço militar foi colocado nos Serviços de Justiça do Quartel-General do Porto e, mais tarde, nomeado adjunto de campo do brigadeiro Pires Veloso. Por outro lado, é pessoa da confiança de Tomás Rosa, que o nomeou para um cargo nos Açores quando ministro do Trabalho.

"República" em S. Bento

O Secretariado dos Trabalhadores da «República» é amanhã recebido por um dos adjuntos do primeiro-ministro a quem vai expor a situação actual dos trabalhadores e, nomeadamente, as condições «de fome e de miséria» em que se encontram muitos dos 135 trabalhadores do jornal, desempregados e sem salário desde Dezembro de 75, segundo foi revelado numa reunião de informação realizada anteontem no Sindicato dos Gráficos do Sul.

As informações prestadas no decurso da reunião confirmou-se que os trabalhadores continuam na disposição de exigir a publicação diária do «República» e denunciar perante o Governo e a opinião pública «a retirada que tem sido feita, por iniciativa da antiga administração, do mais diverso material que constituía o património do jornal».

Coluna da Direita

Os ataques mais ou menos subtis contra a Democracia; as provocações mais ou menos claras ao 25 de Abril; a propaganda encapotada ou mesmo descarada do fascismo e a defesa directa ou indirecta do regresso, aos «velhos tempos», proliferam em certa Imprensa reaccionária.

O conhecimento de certos exemplos significativos parece-nos da maior utilidade para os nossos leitores. Dai a razão desta coluna, onde iremos transcrevendo alguns textos mais esclarecedores.

UM CIDADÃO ACIMA DE TODA A SUSPEITA

«O conhecido «Corréio», de nome Eduardo da Costa Oliveira, foi ontem condenado pelo Tribunal Territorial do Porto a dois anos e quatro meses de prisão maior e a doze mil escudos de multa, estes remíveis a duzentos dias de prisão.

«O «Corréio» era acusado de ser portador de uma arma de guerra («Parabelum»), de 9 milímetros, que lhe fora apreendida no dia em que foi detido em Braga (15 do passado mês de Julho), após uma recambolosa perseguição movida pela GNR e as Polícias Judiciárias Civil (Porto) e Militar, tendo ficado ferido, conforme oportunamente se referiu. Da acusação constava ainda que o réu disparara alguns tiros contra as referidas autoridades na altura em que se verificou a sua prisão. O tribunal não daria, todavia, como provada esta acusação, mas apenas na posse ilegal de armas pelo que foi condenado.

«Da contestação apresentada pelo advogado do «Corréio», dr. Soares da Silva consta a confissão do porte da arma que lhe foi então apreendida. No entanto, como justificação, foi referida pelo causídico a necessidade de o seu constituinte se armar em legítima defesa, face às ameaças e ataques (várias vezes consumados) perpetrados por grupos extremistas da esquerda minoritária e especialmente de elementos do PCP, conforme referiu no decorrer do julgamento.

«Nos autos de contestação ficou ainda frisado que o réu sempre serviu os princípios básicos da liberdade e respeito pelos outros, em cuja defesa agiu frequentemente. Quanto ao uso da arma de guerra foram referidas razões ponderosas de carácter político como justificativas, tendo a defesa salientando que nunca o «Corréio» enfrentara qualquer autoridade a tiro nem nunca disparara contra qualquer pessoa.

«Finalmente, foi realçada a posição de defensor acérrimo das autoridades legítimas e com as quais o réu sempre desejou colaborar e ainda o espírito de trabalhador pobre, generoso e bem comportado.»

«O Dia» — 14/10/76

TRAIDORES E MENTECAPTOS

«Pensar que dois anos e meio vividos intensamente, podemos dizer vulcanicamente, foram suficientes para anular e passar uma esponja sobre oito séculos de História, mais do que uma estupidez é uma vilania. E tem sido esta em Portugal a criminosa tarefa dos que pretendem, em nome dos benefícios de um futuro incerto e das vagas promessas de uma felicidade que nunca será inteiramente conseguida, fazer esquecer um passado que não poderá ser destruído e que é a base inamovível da nossa sobrevivência e da nossa consciência nacional. Um país não se improvvisa. O nosso foi construído pelas trinta a quarenta gerações que nos antecederam. Tudo quanto fizeram conserva uma perfeita actualidade, e os nossos Santos, os nossos Heróis, os nossos Escritores e os nossos Pensadores, não podem ser mortos definitivamente por uns milhares de mentecaptos e de traidores.»

Domingos Monteiro, em «Pátria» — 13/10/76

DEMITAM-SE OS SOCIALISTAS

«O estado caótico em que se encontra Portugal exige, a partir de agora, medidas rápidas e energéticas. O País não pode resistir em paz por muito mais tempo à desgovernação do Governo minoritário. As semanas passam e não se vê que, em S. Bento ou no Terreiro do Paço, os ministros tomem as decisões necessárias ao revoltar da situação. Caminhamos rapidamente para o abismo — para o colapso económico, ou para a bancarrota que Mário Soares profetizou no seu discurso de 10 de Setembro, caso velozmente não se agir com pragmatismo e decisão.

«O Governo minoritário não governa. Porque não quer? Porque não lhe convém? Porque não sabe? Responda quem puder. O facto iniludível — é que não governa. Tem, perante isto, o Presidente da República a obrigação de escolher um dos dois caminhos: ou obriga o Governo minoritário a governar com o pequeno crédito que a Assembleia da República lhe votou — ou arranja outro governo. O que é necessário, todavia, é sairmos do lameiro em que nos atascou o infantilismo revolucionário de meia dúzia de palhaços fardados que, apoderando-se em tempo do aparelho do Estado, nos desfizeram.

«Será uma coligação PS-PPD? Uma coligação PS-PPD-CDS? Será um governo independente confirmado pela Assembleia da República? Será o que for. O mesmo crédito que foi dado a este Governo minoritário será concedido a outro qualquer — que governe. O que não pode é continuar-se assim, continuando-se docemente o gonçalvismo, com o país derrancado na maior miséria e na maior inquietação.

«Já não sofre dúvidas que o PS, sozinho, é incapaz de governar. A grande vedeta do momento é o dr. Sottomayor Cardia — que se tem limitado no MEIC e saneá-lo, despejando os comunistas. Pois que se demita o Governo P.S. — e se forme um governo de salvação nacional. É o país que o exige. Está em jogo a salvação da Pátria.»

«A Rua» — 14/10/76

PUB

CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS CONVOCATÓRIA

No cumprimento das deliberações tomadas por unanimidade, da reunião geral dos Sindicatos, realizada em 4/9/76 no I. S. T. em Lisboa convocam-se

TODAS AS ASSOCIAÇÕES SINDICAIS PORTUGUESAS

Para uma reunião geral de sindicatos a realizar nos próximos dias 23 e 24 de Outubro, com início às 10 horas no anfiteatro do

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS

RUA DA JUNQUEIRA, 76 EM LISBOA

ORDEM DE TRABALHOS:

1. Aprovação definitiva do regulamento do Congresso de Todos os Sindicatos
 - Pela unidade dos trabalhadores
 - Pela reestruturação da Intersindical Nacional, Confederação Geral dos Sindicatos Portugueses
2. Eleição da Comissão Nacional organizadora do Congresso
3. Marcação da data de realização do Congresso

Lisboa, 12 de Outubro de 1976.

A COMISSÃO NACIONAL ORGANIZADORA
PROVISÓRIA DO CONGRESSO

Nacional

TRIBUNA LIVRE

CAIANO PEREIRA

«As associações sindicais são independentes do Estado, dos partidos políticos e das instituições religiosas, sendo proibida qualquer ingerência destes na sua organização e direcção (...).», diz a lei, acolhendo a vontade e firme determinação dos trabalhadores. Não há uma única voz, tanto a nível do aparelho de Estado como dos partidos e da Igreja, a contrariá-lo. Também a lei afirma a incompatibilidade do exercício dos cargos em corpos gerentes de associações sindicais com o exercício de quaisquer cargos de direcção em partidos políticos, prevenindo penalizações para as infracções a estes preceitos com multa de 10 a 1000 contos e pena de prisão de 3 dias a 2 anos.

No entanto, estes princípios fundamentais do movimento sindical têm vindo a ser constantemente infringidos na prática, sobretudo da parte de determinados partidos políticos e, curiosamente, por sectores que deles mais formalmente se reclamam.

Principalmente após a campanha desencadeada em Janeiro de 1975 a propósito da Lei das Associações Sindicais, as eleições para os sindicatos e a própria vida sindical passaram a ser fortemente pressionadas por factores de ordem partidária.

O Movimento Sindical Português, de fortes tradições unitárias, viu-se, assim, confrontado, por razões exteriores à sua própria dinâmica, com dificuldades que em alguns sindicatos se têm revelado extremamente graves para os trabalhadores.

Determinadas forças políticas, ao proibirem militantes seus de participarem em listas unitárias para os corpos gerentes dos sindicatos (ameaçando-os de expulsão ou expulsando-os mesmo quando persistiram na orientação que lhes parecia justa), não só atentaram gravemente contra princípios fundamentais do Movimento Sindical já referidos, como afectaram de forma decisiva a qualidade da acção sindical desenvolvida.

Nos sindicatos em que isso se verificou, o afastamento de quadros com experiência sindical e de militantes que nos vários planos do trabalho sindical (delegados sindicais, membros de grupos de trabalho, condutores de lutas nos locais de trabalho) de alguma forma se haviam evidenciado, determinado pela preocupação de constituição de listas obedecendo exclusivamente a critérios de ordem partidária, conduziu ao bloqueamento da vida sindical e à desmobilização dos trabalhadores.

As ingerências no Movimento Sindical

Mas a ingerência dessas forças políticas na vida sindical não ficou por aí: da identificação de listas com partidos políticos (chegando-se ao ponto de se anunciarem essas listas nos órgãos oficiais de partidos), ao apelo público da parte de partidos na votação numa determinada lista, até às frequentes formadas de posição de dirigentes partidários em assuntos concretos da vida sin-

A «CARTA ABERTA»

A nível global o caso que melhor ilustra a situação descrita é a posição do grupo conhecido por «Carta Aberta» quanto ao Congresso Sindical. O apelo público «Carta Aberta» surge da resolução tomada em fins de Janeiro numa reunião de dirigentes sindicais socialistas realizada em Aveiro, como forma de pressão para a convocação do Congresso Sindical («criação de um projecto de apelo a todos os sindicatos e trabalhadores» e «apelo à rápida convocação do Congresso» — «Portugal Socialista» de 4-2-76).

A nível do Movimento Sindical chegou-se há muito a consenso quanto à realização do Congresso e aos aspectos práticos da sua organização.

No entanto, o grupo «Carta Aberta» persiste em manter-se de fora das estruturas sindicais e serve-se de todos os processos para tentar legitimar o seu afastamento dos trabalhos preparatórios em curso do Congresso. Tudo vale desde o retomar de alianças anteriores e formalmente rejeitadas, a fortes campanhas nos órgãos de Informação explorando motivações partidárias e conotações anticomunistas à custa do dinheiro dos trabalhadores, à utilização de processos estranhos à prática sindical, como a difusão de abaixo-assinados nos locais de trabalho, servindo-se em casos confirmados, para esse efeito, de aparelhos partidários, até ao completo desprezo pelas mais elementares regras de democracia sindical, numa prática muito próxima da que antes do 25 de Abril se verificava em alguns desses sindicatos.

O único pretexto hoje invocado pelos sindicatos da «Carta Aberta» para a sua actuação é a constituição da Comissão Organizadora do Congresso, em que exigem a paridade, isto é, que a mesma seja composta metade por sindicatos seus e outra metade pelos restantes.

A «divergência» havia entretanto sido remetida para a Reunião Geral de Sindicatos realizada no dia 4 de Setembro (a que os da «Carta Aberta», «democraticamente» não compareceram, apesar de se terem comprometido na sua realização), onde 168 sindicatos rejeitaram a paridade e procederam à eleição da Comissão Nacional Organizadora Provisória (C.N.O.P.) do Congresso, em que foram incluídos todos os sindicatos da Comissão de Redacção da «Carta Aberta».

Estes, reunidos em Coimbra em 13 e 14 de Setembro de 1976, decidiram não participar na C.N.O.P., repetiram os chavões habituais em relação aos restantes («golpistas», «chantagistas», «totalitários», «linha de tração», «divisionistas», etc.), chegaram ao despudor de os pôr ao nível dos sindicatos corporativos. Essa decisão é tomada por 29 sindicatos, que, contudo, insistem na paridade...

Este movimento tem vindo a ser conduzido por direcções sindicais constituídas maioritariamente ou exclusivamente por militantes do PS.

A sua posição, insustentável em termos sindicais, decorre da tática adoptada pela direcção do PS, que considerará ser benéfica para os seus interesses, se não a constituição a curto prazo de uma segunda Central Sindical (hipótese desmentida repetidamente, talvez por não merecer acolhimento a nível das bases), pelo menos a existência de um bloco fora do movimento sindical, que sirva de tampão às iniciativas menos populares do Governo PS.

São estes os propósitos de que os trabalhadores se estão cada vez mais a aperceber e daí o movimento crescente de repúdio que as direcções sindicais da «Carta Aberta» estão a encontrar a nível das respectivas bases.

A recente revogação dos preceitos legais que proibiam a criação de organizações sindicais paralelas (unicidade sindical) insere-se nesse mesmo contexto.

INGERÊNCIAS PARTIDÁRIAS NOS SINDICATOS

A nível de ingerência em situações concretas da actuação dos Sindicatos, poderíamos apresentar extensa lista de exemplos.

Recordemos apenas 3 de processos ainda em curso:

1 — A Federação da Área Urbana de Lisboa do PS acusa os dirigentes do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa de prática objectivamente aventureirista, prática essa que não se identifica com os ideais perfilhados pelo PS, isto pelo seu acordo irresponsável em acções em curso de contestação à política do MEIC (J. Novo de 9/10/76). O PS procura, assim, pressionar um Sindicato a calar-se em face de medidas tomadas pelo Governo; 2 — Dirigentes do mesmo partido intervêm advogando determinados critérios em relação às próximas eleições do Sindicato da Função Pública e militantes seus tomaram posições públicas fora das estruturas sindicais sobre a mesma matéria, ambos pressionando o Sindicato no sentido da adopção de práticas abertasmente contrárias às regras não só sindicais, como do associativismo em geral;

3 — Já referimos a prática generalizada da ingerência partidária em eleições sindicais. O que se está a passar quanto às eleições para o Sindicato da Indústria Hoteleira de Lisboa é disso exemplar.

A entrevista dada ao «Jornal Novo» de 8 do corrente pela lista B (em seguimento a entrevistas anteriores em «A Luta» e «O Dia») abre totalmente o «jogo». Não tendo razões consistentes de ataque à prática sindical da direcção em exercício e sendo obrigados a reconhecer que a lista que esta patrocina é unitária (as filiações ou simpatias dos elementos que a integram são bastante diversificados, afirmam em resposta à pergunta do entrevistador que refere englobar a mesma «elementos do

PC, do PS e do PSD), insistem em referências tendentes a demonstrar que a sua «ideologia socialista» é mesmo, a oficial. E apresentam «provas», para que não haja dúvidas: «todas as nossas reuniões têm o apoio moral do Centro de Estudos Sindicais (do PS) e desde sempre eles nos têm dado o nosso apoio», «não pudemos participar no curso de formação para sindicalistas (do PS) na altura em que ele se realizou», «temos connosco um rapaz chamado Cipriano de Oliveira» (agora do PS), citam o caso de militantes do PS que fazem parte de outra lista, como Vitor Martins «que fez parte da Comissão Coordenadora do PS para a Hotelaria» como tendo «traído 80 por cento da classe que é de facto socialista»...

INGERÊNCIA DO GOVERNO

Outro aspecto não menos grave que se tem vindo a verificar com insistência desde a posse do I Governo Constitucional: a ingerência do aparelho de Estado no movimento sindical.

Um exemplo também de situações ainda em curso: são conhecidas publicamente as iniciativas do movimento sindical sobre a nota oficiosa do Ministério do Trabalho de 13 de Setembro (dando um prazo de 15 dias aos trabalhadores para «sugestões, propostas ou projectos» sobre projectos de decretos-leis relativos a diversas matérias, e cujos textos não eram dados a conhecer) e sobre o comunicado do Conselho de Ministros do dia 30 (de que constava a aprovação de projectos referidos na nota oficiosa e de outras medidas sobre problemas de trabalho).

Entretanto o «Diário de Notícias» do dia 5 noticiava que a Direcção do Sindicato dos Escribas solicitava uma audiência ao ministro do Trabalho a fim de expressar o seu desacordo quanto ao prazo de 15 dias. Essa entrevista realizou-se no dia 8, incluindo 2 outras direcções sindicais socialistas, Bancários e Comércio. O último telejornal desse dia, dando grande espaço ao «acontecimento», abria com o senhor ministro a declarar que tinha recebido os sindicatos da «Carta Aberta», pois já tinha recebido os do Secretariado da Intersindical, etc. Que «havia dificuldades na consulta ao movimento sindical que não estava unificado», etc. etc.

O senhor ministro cometia grave ingerência na vida sindical ao pôr no mesmo plano a Central Sindical e um grupo minoritário de sindicatos que por razões partidárias (do seu Partido) a contestam, dizendo ao mesmo tempo que o movimento sindical não estava unificado.

Um dos dirigentes sindicais aludia, na ocasião, «às suas preocupações sobre o que se está a passar no INATEL». Curiosamente o «Jornal Novo», do mesmo dia afirmava que «os sindicatos da «Carta Aberta» tinham o direito de se fazer representar na Comissão Administrativa daquele Organismo...».

Aliás, e ainda em relação ao senhor ministro, no telejornal da véspera, quando o repórter se referiu «à movimentação dos trabalhadores que contes-

tam a legitimidade dos decretados», interrompeu perguntando: «a Intersindical?» Apesar da resposta: «e não só...» Marcelo Curto respondeu com a mesma isenção referida anteriormente: «A Intersindical toma a sua responsabilidade e nós tomamos as nossas»...

As consequências de todo este contexto são tais que a Direcção do Sindicato dos Escribas de Lisboa, cuja liderança no processo da «Carta Aberta» é bem conhecida e que já viu a sua posição inequivocamente derrotada em 2 plenários de Delegados Sindicais por ela própria convocados, se atreve a acompanhar a convocação da Assembleia Geral a realizar no dia 14 (convocada por 226 associados, ao abrigo dos estatutos, para o dia 13 de Setembro e marcada «democraticamente», para um mês depois, segundo os mesmos métodos legalistas seguidos nesse sindicato antes do 25 de Abril) de comunicados diários, pagos a dezenas de contos pelos trabalhadores, em que se chega ao ponto de tratar os sócios que sobre o problema concreto do Congresso discordam da sua actuação, de INIMIGOS! («DL», «DP» e «Capital», de 9/10/76).

... E até o «Jornal Novo», geralmente considerado como porta-voz do patronato, se atreve a propor o tipo de organização sindical mais conveniente para os trabalhadores portugueses, isto depois de dar os parabéns ao Governo por ter revogado «a chamada lei da Unicidade Sindical» («J.N.», de 4/10/76).

POR UM MOVIMENTO SINDICAL COESO

Com este texto não se pretende acentuar antagonismos em relação aos militantes do PS que têm actividade sindical.

O que se considera um dever neste momento em que situações graves podem decorrer de actuações menos pensadas em termos de salvaguarda da Unidade do movimento sindical, é alertar todos os militantes e activistas sindicais para um aspecto fundamental: a diferenciação da militância política (que nada obsta, pelo contrário, que exerçam activamente nos partidos que escolheram), da militância sindical.

Muitos há que a preterem a posição actual de pretendem impor no movimento sindical directrizes partidárias inconsequentes, pondo acima dos interesses dos trabalhadores pseudo-interesses partidários, estão a cavar a sua própria sepultura. Mas entretanto produzem danos graves.

A evolução da situação política — o avanço da direita, as tentativas de recuperação capitalista, os ataques à Constituição — torna os trabalhadores cada dia mais conscientes das pressões que estão a ser exercidas sobre o movimento sindical. Os trabalhadores estão em muitos Sindicatos a cortar o mal pela raiz e continuarão a fazê-lo. A coesão do movimento sindical é decisiva para a defesa das conquistas da revolução, para impor o cumprimento da Constituição, para a defesa dos interesses dos trabalhadores.

Por isso mesmo a divisão do movimento sindical só interessa aos seus inimigos.

PUB

Aos Trabalhadores do Sector de Importadores e Armazenistas de Materiais de Construção, Aços, Tubos, Metais, Ferragens, Ferramentas e Equipamentos Industriais

Convocam-se todos os trabalhadores deste sector para um plenário a realizar no dia 19 de Outubro pelas 20 h., na Av. da República, 31, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Posição das Associações Patronais face à revisão do CCTV

2 — Medidas a tomar

CAMARADA, NÃO FALTES.

TRATA-SE DO TEU CONTRATO VERTICAL

A Comissão Negociadora Sindical



Geral

Novo sistema de telecomunicações a instalar em Bissau pelos C.T.T. e empresas portuguesas



Fernando Fortes, comissário dos Correios e Telecomunicações da Guiné-Bissau

KAUNDA SOBRE RODÉSIA "Ian Smith devia render-se em Genebra"

«Os dirigentes negros da África Austral não conheciam em pormenor o plano de paz para a Rodésia inspirado pelos Estados Unidos antes de ser aceite pelo primeiro-ministro Ian Smith» — afirma o presidente Kenneth Kaunda, da Zâmbia, numa entrevista concedida à revista «Newsweek». Acentuou que, por isso, «nem ele nem os outros dirigentes negros estavam vinculados ao programa aceite no mês passado por Smith».

Pormenorizando, declara Kaunda na entrevista:

«O dr. Kissinger não nos disse (antes de se avistar com o primeiro-ministro sul-africano) o que ia discutir com Ian Smith. Declarou-nos em termos gerais que a sua ideia era levar Smith a aceitar o regime maioritário e chegou a dizer que não tinha vindo aqui para falar. (...) Mas em nenhum momento nos revelou os pormenores do que iria dizer a Smith».

Kaunda relata que o secretário de Estado norte-americano, ao deslocar-se à África do Sul, «discutiu estes assuntos com Vorster e Smith. No seu regresso passou por aqui e disse-nos que Smith aceitava. Isto é: aceitava um Conselho de Estado e um Conselho de Ministros. Imediatamente registamos reservas».

A uma pergunta sobre quais seriam as concessões mínimas que Smith faria na conferência convocada pela Inglaterra para 28 do corrente em Genebra, o presidente zambiano respondeu:

«Quem é Smith? Não é só um rebelde contra a coroa britânica como também sobre a humanidade em geral. Ele sabe

o que deve fazer, mas certamente não o fará. Ele deveria apresentar-se na conferência e declarar: «Rendo-me agora para o meu próprio bem, lamento o que fiz no passado e penso que o Governo de maioria negra deve ser aceite porque está de acordo com o que aconteceu no resto da África».

PRESENTES OBSERVADORES DA «LINHA DA FRENTE»

Esta manhã, o presidente Julius Nyerere da Tanzânia propôs que os cinco Estados africanos da «linha da frente» sejam representados por observadores na próxima conferência em Genebra sobre a Rodésia.

Outros dois Estados africanos assistiram à conferência: as Maurícias (que ocupam a presidência da OUA) e a Nigéria. Escolha deste último país deve-se ao tamanho do seu território e ao seu poder económico.

Por sua vez, a Grã-Bretanha convidou para a conferência o reverendo Ndabaningi Sithole, membro fundador da União Africana do Zimbabwe (ZANU). Também um representante do Departamento de Estado dos EUA irá a Genebra a fim de seguir os trabalhos da conferência sobre a Rodésia. Tratar-se-á, provavelmente, de Frank Wisner, director da Comissão para os Assuntos da África Austral.

Não se sabe, para já, quem presidirá à conferência: se o embaixador britânico nas Nações Unidas, Ivor Richard, ou um membro do Governo inglês, como propõem os nacionalistas.

“Ordem José Martí” para Luís Cabral

HAVANA, 19 (ANOP, EFE) — Cuba e a Guiné-Bissau mantêm conversações a alto nível sobre a situação mundial em geral e africana em particular, chefiando a delegação guineense o presidente Luís Cabral (em visita oficial àquele país) e a delegação cubana o primeiro-ministro Fidel Castro. Entretanto, a Luís Cabral foi imposta a Ordem Nacional «José Martí».

O «leader» africano chegou a Havana na passada quinta-feira para uma visita de sete dias. A sua chegada coincidiu com o luto rigoroso e as cerimónias de dor pelas 73 vítimas do atentado aéreo contra um avião cubano, a 6 deste mês, nas proximidades de Barbados.

O ministro do Trabalho, Marcelo Curto, recebeu ontem à tarde o Comissário de Estado dos Correios e Telecomunicações da Guiné-Bissau, Fernando Fortes, encerrando-se, assim, uma fase de conversações com o Governo e empresas públicas e privadas para dotar aquela antiga colónia portuguesa de um sistema de telecomunicações que lhe permita quebrar o isolamento em que ainda hoje se encontra, dois anos depois da completa libertação.

Das conversações e contactos mantidos durante cerca de duas semanas resultou que, até ao princípio do ano, será montada em Bissau uma central de telex ligada a Lisboa com capacidade inicial de 100 aparelhos transmissores e possibilidades de alargamento até 400. A Marconi cedeu também, gratuitamente, algum material que aumenta para quatro a seis canais radiotelegráficos o único actualmente existente: Outras empresas industriais vão instalar, imediatamente, uma central automática para os telefones internos e ligar, fisicamente, a rede telefónica a todo o País, inclusive às regiões Sul e Leste, completamente isoladas durante a época das chuvas.

«Quero agradecer em nome do Governo e do povo da Guiné-Bissau o carinho com que fomos recebidos quer pelas entidades oficiais quer pelas empresas privadas que contactámos e a solicitude que todos mostraram em arrancar no mais curto espaço de tempo com este programa de completa renovação da nossa rede de telecomunicações nacionais e internacionais», afirmou-nos, no momento de regressar à Guiné-Bissau, o chefe da delegação, Fernando Fortes.

De momento, a Guiné-Bissau

tem um antiquado sistema de comunicações internas, composto de telefones manuais, escassos e em precário estado de conservação. Há uma ligação por radiotelefone com Portugal e um canal telegráfico. Ultimamente, a França montou uma linha telefónica e duas radiotelegráficas para Dakar, no Senegal, o que trouxe maior facilidade de comunicações com alguns países africanos. Anteriormente, qualquer ligação de Bissau à África, mesmo aos países mais próximos, tinha de passar por Lisboa Paris ou Londres.

Os melhoramentos agora negociados em Portugal e os planeados a curto prazo beneficiarão as comunicações no plano nacional e no plano internacional com as alternativas Lisboa-Europa e Dakar-África. Fernando Fortes acentuou, igualmente, o reconhecimento do seu Governo pela colaboração oferecida pelos CTT portugueses que não só facultarão material de ligações físicas internas, como colaboração, tecnicamente, na montagem da maior parte do material adquirido em Portugal e receberão jovens guineenses e funcionários dos correios locais para formação profissional acelerada.

Até ao mês de Janeiro virão especializar-se em Portugal (nos CCT, Marconi, Siemens e Plessey) 30 empregados dos CTT da Guiné-Bissau. É provável que alguns deles sigam, depois, na Alemanha Federal, outros cursos profissionais.

Fernando Fortes referiu-nos, finalmente, dois acordos comerciais ultimados com a Plessey e a Regisconta para a modernização da rede telefónica interna da Guiné-Bissau:

«Actualmente temos 2.000 assinantes e pedidos para instalação de mais mil. As nossas

previsões a curto prazo apontam para 3.000 novos assinantes e vamos ver se no início do próximo ano teremos já a central automática a funcionar com este número de assinantes. Já escolhemos também o tipo de máquinas registadoras de chamadas telefónicas: todo o sistema vai ser automatizado, o que exige a formação de pessoal em Portugal. Contamos ligar, mais tarde, a este sistema, três pequenas centrais automáticas no Boé, em Portogole e em Bubaque para tornar estes três centros independentes dos horários de funcionamento dos correios e telefones. No Boé vão iniciar-se os trabalhos de lançamento de infra-estruturas para a exploração da bauxite; Portogole é a região onde vamos instalar um complexo açucareiro para 60 mil toneladas anuais e Bubaque será, a prazo curto, uma pequena estância de turismo».

AUXÍLIO DA FAO A CABO VERDE

ROMA, 19 — (IPS) — O programa Mundial de Alimentação vai enviar géneros no valor de dois milhões de dólares a Cabo Verde como ajuda para fazer face à perda das colheitas devido à seca e, depois, às chuvas torrenciais.

O referido envio de géneros alimentícios foi aprovado pelo director-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), Eduardo Saouma, em resposta a um pedido do Governo cabo-verdiano. Uma missão das Nações Unidas tinha visitado o arquipélago e informado que havia necessidades urgentes a satisfazer, inclusive em tempos normais, Cabo Verde tem de importar cereais.

Os donativos do Programa

Mundial de Alimentação consistem em 5.000 toneladas de milho, 500 toneladas de óleo e outras 500 de leite em pó. O milho e o azeite serão distribuídos a 12.500 famílias cujos membros participam em programas de trabalho voluntário para benefício da comunidade; o leite em pó destina-se aos 60.000 alunos das escolas.

Estas remessas de alimentos estão calculadas para manter 122.500 pessoas durante 200 dias.

VOCÊ está em Vantagem

Você está a jogar ténis. E o serviço é seu. Por isso, você sente-se



confiante. Como quando usa a protecção higiénica dos tampões Tampax.

Eles dão-lhe a vantagem de uma protecção infalível, e permitem-lhe sentir-se confiante e segura nos seus dias do período. E, porque os tampões Tampax são de uso interno, eles são fáceis de usar, confortáveis e seguríssimos. A aplicação é também muito fácil.

O aplicador-contentor acetinado e o tampão eliminam-se através da sanita.

Confie nos tampões Tampax que lhe dão a garantia de poder manter-se activa em todos os dias do mês. Esta é, realmente, uma vantagem imbatível.

A protecção interna em que mais mulheres confiam



PROTECÇÃO HIGIENICA PARA USO INTERNO
PEÇA UMA AMOSTRA A:
ANTONIO PACHECO AGOSTINHO, LDA
R. RODRIGUES SAMPAIO, 15-2 - LISBOA

Restaurante 7 MARES

PORTIMÃO

De 1.ª categoria

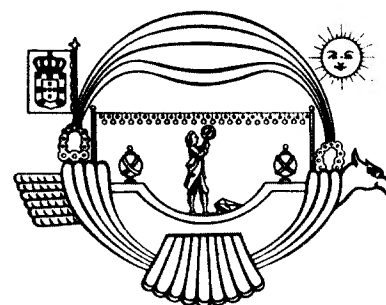
Aberto das 12.30 às 15
e das 19.30 às 24

COZINHA PORTUGUESA

No Bar: pianista privativo

Encerrado às 2.ª feiras

ORGANIZAÇÕES
FERNANDO BARATA



PASSAROLA

UM RESTAURANTE DIFERENTE

Ambiente moderno, acolhedor, requintado.
Ementa escolhida de entre as mais apreciadas da cozinha portuguesa e internacional.

Localizado no LISBOA PENTA HOTEL.

Com parque de estacionamento privativo, o Restaurante Passarola oferece-lhe sempre mais do que aquilo que você paga.

RESERVE A SUA MESA PELOS TELEFS.: 740141 / 787141

Av. dos Combatentes, à Praça de Espanha.

VÁ AO PASSAROLA
UM RESTAURANTE DIFERENTE

Trabalho

DIFERENDO LABORAL
NA IBERFAR

Suspensos aguardam decisão do Ministério

A Comissão de Trabalhadores do «Laboratório Iberfar», de que é administrador o dr. Pedro Ferraz da Costa, secretário da C. I. P., continua à espera que o Ministério do Trabalho se pronuncie acerca de um diferendo laboral do qual resultaram processos disciplinares e aplicação de sanções a alguns trabalhadores.

O diferendo atingiu o seu máximo na semana passada, quando, na 2.ª feira dia 11, administradores e chefes apareceram postados às portas das secções, procurando impedir a entrada aos trabalhadores sancionados (com penas de um a três dias de suspensão) por terem entrado em formas de luta que envolviam a redução de trabalho, numa altura em que a Administração procurava furtar-se à participação da Comissão de Trabalhadores na administração de pessoal, conforme anterior acordo entre ambas as partes.

A tentativa de barrar o passo aos trabalhadores seguiu-se à entrega por mão própria, (aqui pela mão do motorista da empresa), e de casa em casa, de uma carta na qual os suspensos eram veladamente ameaçados, conforme eles nos afirmam.

A atitude da administração, porém, encontrou forte resistência dos trabalhadores, os quais imediatamente decidiram paralisar o trabalho até que o período das suspensões terminasse, o que aconteceu na passada sexta-feira. De novo vigorou, portanto, a moção aprovada em anterior assembleia geral, pela qual os trabalhadores mantêm a sua disposição de

não permitir que a alguns seja imputada a responsabilidade de decisões tomadas colectivamente. Com a mesma unidade, os trabalhadores haviam, antes, respondido àquilo que classificaram de «velhos métodos de opressão e coacção». Foi quando, na sequência da redução de trabalho aprovada em plenário, a Administração chamou, um a um, alguns trabalhadores, «submetendo-os a um interrogatório à boa maneira pidesca».

Os trabalhadores, ao sabermos do que se estava a passar, impediram a continuação dos interrogatórios. A Administração é que não desistiu de instaurar processos disciplinares aos inquiridos e de, finalmente, os sancionar. Sobre o que consideram ser nítida violação às leis do trabalho por

parte da Administração do Laboratório Iberfar, aguardam agora os trabalhadores que se pronuncie o Ministério dirigido por Marcelo Curto, conforme foi dito.

Entretanto, num recente contacto com o «D.L.», a Comissão de Trabalhadores considera que um comunicado da firma «Ferraz, Lyince, Lda», divulgado como publicidade paga, desvirtua a luta que se trava no Iberfar. O referido comunicado sublinharam-nos — foi aprovado numa assembleia com 32 trabalhadores (numa empresa de 142) com 17 votos a favor e 15 contra.

CONSTRUÇÃO CIVIL

15 mil operários madeirenses
entraram hoje em greve

Desde as 8 horas da manhã de hoje que se encontra paralisado o sector da Construção Civil na Madeira: cerca de quinze mil operários em greve.

Um diferendo na ordem de 700 escudos criou um longo impasse, obrigando agora os trabalhadores a recorrer à greve, como forma de pressionar a entidade patronal e atender as suas reivindicações: 8.000 e 7.000 escudos para 1.ª e 2.ª oficial, respectivamente e 6.000 escudos para os restantes. A Associação dos Industriais da Construção Civil contrapõe: 7.200, 6.300 e 4.600 respectivamente.

Entretanto, os trabalhadores não parecem dispostos

a ceder e exigem ainda o pagamento do 13.º mês e férias com o respectivo subsídio, procurando desta forma aproximar-se das condições de trabalho noutros sectores. Tais reivindicações não foram atendidas, apesar dos trabalhadores terem chegado a sugerir — em proposta anterior — o pagamento do 13.º mês em duas prestações.

Recorda-se que esteve ao alcance da Associação dos Industriais da Construção Civil evitar esta greve, bastando que atendessem à alternativa proposta pelos trabalhadores: rendas mais acessíveis para as casas que, entretanto, fossem construídas.

CLARCOOP (COIMBRA)

Nova arrancada com material velho

São velhas as paredes, velhas as máquinas, velhas algumas pessoas, mas o sangue rejuvenesce nestes cento e tal trabalhadores empenhados em levar por diante a sua cooperativa. É a Clarcoop, Cooperativa de Tecidos e Confecções Santa Clara, SCRL, em Coimbra, sucedânea das firmas Planas (de afamados tecidos) e Dislan, em consequência da fuga do patrão em fins de Maio de 1975.

Após um período pouco animador, a Clarcoop parece ter entrado numa fase nova há cerca de dois meses. Os trabalhadores vendo cada vez mais assegurados os seus postos de trabalho laboram com entusiasmo e confiança, muitos deles conscientes da nova forma de produzir — em cooperativa.

«Agora temos perspectivas bastante boas em relação ao futuro» — disse-nos um dos três elementos da direcção da Clarcoop. Tais perspectivas fundamentam-se no aumento extraordinário da carteira de encomendas e numa cada vez melhor aceitação da cooperativa no mercado.

Com efeito, após a saída de um elemento que exercia as funções de gestor, a cooperativa deu um salto e conseguiu em cerca de quatro semanas — conforme nos disseram — duplicar a carteira de encomendas (de 6000 para 12 mil contos) e um financiamento bancário apreciável. O facto torna-se bastante significativo uma vez que era grande o descrédito de muitos trabalhadores no futuro da cooperativa. Havia operários altamente desmobilizados e com a situação actual praticamente se desvaneceram tais apreensões, bem como alguns factores traumatizantes existentes. Por outro lado em Novembro haverá nova carteira de encomendas o que permitirá uma estabilidade ainda maior.

«ISTO NÃO PODE ACABAR»

Arlindo Sacramento, Arménio Ferreira e Alberto Pimentel, membros da direcção eleita que para além da gestão trabalham como qualquer outro operário, falaram-nos com entusiasmo. Palavras simples

mas cravadas de força e confiança naquela alternativa ao capitalismo que estão a desenvolver. Vontade não lhes falta de fazer avançar a única cooperativa de lanifícios de Coimbra: isto não pode acabar, mesmo sabendo que os capitalistas estão melhor apetrechados que nós. A tarefa não é fácil, porém. Muitos trabalhadores não sentiram a mudança na estrutura da empresa. Há muitos vícios e os boicotes têm surgido de vários lados. O meio é de certo modo hostil e só mediante a sua capacidade de trabalho e organização têm conseguido impor-se. Evitando a derrocada, primeiro, e passando, agora a uma fase mais tranquilizadora.

Para esta situação tem contribuído naturalmente a circunstância de produzirem o melhor tecido lançado no mercado nacional. Dada a sua qualidade, o tecido da Clarcoop é do mais caro que se vende em Portugal.

O facto de alguns trabalhadores ainda não estarem integrados no espírito da cooperativa, embora quase nenhum aceite o regresso do patrão, é compreensível e aceite pelos encarregados da gestão como absolutamente natural. Por vezes é difícil a qualquer trabalhador menos educado compreender o trabalho em cooperativa, mas a gente espera que a prática lhes mostre a realidade. É dentro deste princípio que a Clarcoop se orienta, de forma que todos os trabalhadores pensem, colectivamente, sobre os seus problemas, dando-lhes as soluções adequadas. Por isso a consciência dos trabalhadores «está a ser ganha na prática», sem quaisquer imposições.

A MUDANÇA

Tal como aconteceu com muitas outras empresas, os trabalhadores de Planas e Dislan foram empurrados para a autogestão por fuga da entidade patronal. Foi no dia 30 de Maio do ano passado, tendo a comissão de trabalhadores assumido a gestão da empresa até que, meses depois, foi decidida, em plenário, a passagem a cooperativa. Tal decisão veio na sequência das ameaças do Ministério do Trabalho retirar

as credenciais às C.T. De Novembro a Janeiro foram preparados os estatutos e, depois de aprovados, a cooperativa entrou em funcionamento no dia 2 de Fevereiro deste ano.

O patrão deixou as firmas em situação altamente deficitária na ordem das dezenas de milhares de contos e por isso não tem sido fácil aos trabalhadores vencer os escolhos que se lhes têm deparado.

A autogestão que se seguiu à fuga não permitiu soluções de fundo, baseando-se principalmente na defesa dos postos de trabalho, as fábricas estiveram semiparalisadas e só agora é que se está a conseguir uma produção em pleno.

São, no entanto, grandes os sacrifícios dos trabalhadores, se bem que a fase mais difícil e desoladora tenha passado. O desnível salarial máximo é da ordem dos 4000\$00 apenas, o que manifesta bem o espírito reinante entre o pessoal especializado e o não qualificado.

Está a ser tentada a reconversão do sector lanifícios, prevendo-se um aumento de postos de trabalho muito brevemente.

Conscientes de que não podem competir com as empresas capitalistas aceitam todavia as regras do jogo de mercado. Aceitam-las mas internamente procuramos com que as relações sejam diferentes, distribuindo os lucros de uma forma diferente da que fazem os capitalistas — disse-nos um dos interlocutores, manifestando a esperança de que a Clarcoop chegará a Dezembro com as contas equilibradas.

Não há problemas partidários aqui dentro, mas a nossa política de opção é nitidamente socialista e, por isso, pensamos estabelecer ligações com outras cooperativas para fortalecer o movimento cooperativo e mais facilmente impedir qualquer ofensiva patronal — afirmaram-nos, por fim, confiantes da justiça da sua luta pela alteração das estruturas de produção e mercado, neste País prenhe de contradições. Daquelas palavras ficou-nos a convicção de que a maior cooperativa coimbra, que é a Clarcoop, jamais falhara.

Luis Humberto

SINDICATO DOS TRABALHADORES ELECTRICISTAS DO CENTRO

COIMBRA

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores Electricistas, zona de Coimbra para o Plenário da que se realiza dia 19, 3.ª Feira pelas 21 horas, na sede do Sindicato com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º Congresso dos Sindicatos
- 2.º Informações

Coimbra, 16 de Outubro de 1976.

A DIRECÇÃO

PUB

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica do Distrito de Lisboa

MOÇÃO

Trabalhadores metalúrgicos reunidos em Assembleia Geral Extraordinária no dia 15-10-76, no Pavilhão dos Desportos, tendo conhecimento do andamento das negociações do C.C.T. Vertical e do boicote do patronato dos ramos de cutelaria e automóvel, decidem:

- 1.º — Manifestar todo o seu apoio à Comissão Sindical Negociadora.
- 2.º — Exigir que as negociações avancem rapidamente.
- 3.º — Afirmar que os metalúrgicos estão preparados para o combate e que lutarão até às últimas consequências pelo C.C.T. Vertical.
- 4.º — Afirmar que, tal como no passado, hoje e no futuro, nada nem ninguém vergará os metalúrgicos.

APROVADA POR MAIORIA

COMUNICADO

Em centenas de reuniões, realizadas nos locais de trabalho, em que os metalúrgicos discutiram o Projecto de Regulamento do Congresso de todos os Sindicatos, recusaram por esmagadora maioria as alternativas àquele projecto, reflectindo assim o consenso dos trabalhadores portugueses.

Igualmente na Assembleia Geral realizada no passado dia 15-10-76 no Pavilhão dos Desportos, com larga participação, os metalúrgicos decidiram por maioria, aprovar o Projecto de Regulamento apresentado pela CNOP.

Decidiram ainda apoiar a realização do Congresso de todos os Sindicatos, evidenciando mais uma vez, a sua maturidade e inabalável vontade de reforçar a unidade de todos os trabalhadores.

A DIRECÇÃO

Trabalho

Greve da panificação mantém-se com algumas suspensões provisórias

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores da Panificação vai hoje enviar uma exposição ao Conselho da Revolução sobre a situação de impasse que se verifica no sector, dado que o plenário de ordem nas instalações da Voz do Operário se pronunciou pela prossecução da greve e o Governo parece não estar interessado em resolver de imediato o problema.

Com efeito, ontem, delegações da Federação tentaram avistar-se com o ministro do Trabalho e o secretário de Estado daquela pasta, com o Primeiro-Ministro e o Presidente da República mas não foram recebidos por nenhuma destas entidades. Apenas o Conselho da Revolução lhes indicou a exposição do assunto por escrito.

Esta tarde, efectua-se a habitual reunião da Comissão Técnica encarregada de estudar o projecto de portaria de regulamentação das relações de trabalho do sector, mas nada em especial os trabalhadores esperam do encontro, visto que se integra na rotina.

Além da suspensão temporária da greve nos distritos de Castelo Branco, Guarda, Viseu, Vila Real e Braga, a adesão atinge quase os 90 por cento sobretudo nos meios urbanos, onde o pão que se consome é, ou de fabrico caseiro, ou confeccionado pelos patrões, familiares e amigos. As «bichas» de pessoas para adquirir pão à porta das padarias em laboração, continuarão a ver-se um pouco por toda a cidade, escoltadas por piquetes da P. S. P.

No plenário de ontem, na Voz do Operário, foi levantado um problema subjacente à greve — o da sobrevivência da cooperativa Coopão, de Campo de Ourique, antiga padaria «Estrela Polar». A Coopão nasceu em Fevereiro deste ano, depois de o proprietário ter abandonado a padaria. Os trabalhadores decidiram assegurar os seus postos de trabalho, confiando a gestão da casa a um encarregado, com cuja actuação não ficaram satisfeitos, por ser exploradora. A padaria passou a ser gerida por uma Comissão de Trabalhadores eleita pelos 25 trabalhadores da Coopão, tendo esta sido legalizada como cooperativa há um mês. Dado que a situação destes trabalhadores é diferente da dos outros, visto que não têm relações de trabalho com

um patrão e que a paralisação do trabalho, ao prolongar-se por dias e dias, pode acarretar a morte da cooperativa, fizeram uma exposição à Federação, propondo-se, com a ajuda de outros trabalhadores, fabricar pão e vendê-lo ao balcão e até em postos móveis para obstar às carências. A Federação expôs o problema na assembleia de ontem, tendo a classe concordado com a decisão só que o encarregado e os trabalhadores da padaria «Brasileira», também sita em Campo de Ourique, se pronunciaram em sentido contrário, alegando que os trabalhadores da Coopão tinham contado com o apoio da classe para constituir a cooperativa e que agora não podiam dessolidarizar-se dos outros trabalhadores. Foi decidido portanto que a cooperativa se manteria em greve. E assim a Coopão — que vinha sendo um exemplo muito positivo de cooperativa — tem a sua sobrevivência ameaçada, bem como os seus trabalhadores vêm gorar-se as suas esperanças em dias melhores.

GREVE SUSPensa NA MADEIRA

Na Madeira, a greve foi suspensa por quinze dias. A decisão, tomada ao longo de duas assembleias gerais de trabalhadores, uma na sexta-feira e outra ontem, ficou a dever-se a uma proposta apresentada pelos próprios delegados de greve e membros do Sindicato, a pretexto de estar a ser prejudicado o povo trabalhador: «os exploradores empanturraram-se com bolachas, bolos e outras iguarias», foi dito, enquanto aos trabalhadores não restava alternativa. A proposta de suspensão de greve foi aceite pela A. G. que teve ainda em consideração o facto de as autoridades responsáveis haverem prometido encontrar uma solução para os problemas dos trabalhadores da panificação.

SINDICATO DOS ESCRITÓRIOS

Publicidade ao serviço de quem?

A direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa fez publicar ontem no nosso jornal, como publicidade paga, uma extensa série de comunicados relativos à assembleia geral extraordinária daquele organismo, realizada no passado dia 14, no Pavilhão dos Desportos. Como então noticiámos, a reunião, que foi a maior de sempre, foi bruscamente interrompida pela Mesa da assembleia, nas circunstâncias e pelas razões de que demos conta.

Tratando-se, como fica dito, de publicidade paga, competia ao «Diário de Lisboa» dar-lhe a correspondente divulgação — fiel, portanto, a uma linha de conduta que favorece a livre expressão, nas nossas páginas, das diversas formas de pensamento com relevância no movimento sindical português. Este comportamento, obviamente, em nada coarctava a possibilidade de manifestarmos o nosso próprio juízo de valor, sobre este ou outros anúncios.

É o caso: o teor do relatório e comunicados da direcção dos Escritórios, conjugada com a nossa observação jornalística e isenta da realidade, suscita-nos alguns reparos.

É pelo menos estranho, com efeito, que uma direcção sindical que se tem afirmado intrépida defensora dos processos democráticos, se abalance a dispendar nos jornais diários uma

avultada verba (dinheiro dos sócios) para fazer chegar ao domínio público, e à classe que diz representar, a sua versão, e só ela, do que ocorreu no Pavilhão, naquela noite. Milhares de trabalhadores viram o que se passou: a maioria ficou quando a direcção abandonou: a sua perspectiva não é, decerto, a da direcção. A assembleia teria, pois, uma palavra a dizer.

E pelo menos estranho que a direcção insista em divulgar, exclusivamente, a sua posição face ao Congresso dos Sindicatos, depois de uma assembleia que tornou patente de forma bem clara a discordância de uma parte significativa da classe. Aqueles que defendem o trabalho unitário no seio da comissão organizadora do Congresso de Todos os Sindicatos, contra as minúsculas reuniões de Coimbra, teriam também uma palavra a dizer. Na assembleia não lhes foi permitido expor detalhadamente a sua perspectiva: os corpos gerentes puseram-lhe termo. Seria de esperar que, democraticamente, a direcção lhes desse guarida, *paritariamente*, nos anúncios que publica à custa dos sócios. Não o fez.

Pensará, verdadeiramente, a direcção dos Escritórios que é com atitudes desta natureza que defende a unidade da classe, a unidade dos trabalhadores e do movimento sindical?

E.L.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL COMUNICADO

A Assembleia Geral Extraordinária convocada para o dia 14-10-76, onde se pretendia analisar a actuação da Direcção e o comportamento face ao próximo Congresso Sindical terminou de forma lamentável.

Cedo se notou, por parte de um sector bem identificado da Assembleia, um sinal de intransigência e desrespeito pela própria Assembleia, procurando induzir a Mesa em erro de contagem e reavivando as formas antigas do boicote para a não aceitação da decisão democrática da Mesa.

A Mesa tentou por todas as formas possíveis que a Assembleia decorresse de forma normal.

Conseguiu-o até determinada altura.

Com todo o burburinho provocado, foi reprovado o 1.º documento apresentado que requeria que a Assembleia terminasse à 01.00 hora.

Entretanto continuavam a surfar no Pavilhão dos Desportos, ainda, largas centenas de sócios, e a intervenção da Direcção incidia sobre a análise da sua actuação.

Posta à admissão, para discussão a proposta da Direcção contra o seu discurso de análise de actuação, foi esta aceite e, igualmente, aceite em requerimento que pretendia que a Assembleia terminasse às 0.30 horas e continuasse na próxima 5.ª feira.

Foi com a aceitação deste último requerimento que a situação se alterou de forma definitiva.

Incapazes de aceitar as decisões democráticas de uma Assembleia, os componentes da «orquestra» já conhecida tudo tentaram:

- Ameaças à Mesa
- Ameaças à Direcção
- Tentativa de boicote
- Exigência da contraprova da votação, através do Conselho Fiscalizador.

Ao requerimento que solicitava esta contraprova, o Conselho Fiscalizador respondeu que, pela dificuldade inerente à grandiosidade da Assembleia e às condições em que a mesma decorria, era impossível aferir de uma forma isenta de crítica, a vontade da Assembleia, requerendo que a mesma fosse convocada por «referendum» universal e directo, sobre os assuntos em discussão.

A ideia do «referendum» obteve da Assembleia uma grande aceitação e só o barulho boicotador da «orquestra» já referida impediu que o respectivo requerimento fosse aprovado.

Baldadas todas as tentativas de continuar a Assembleia, a Mesa depois de por mais de uma vez ter declarado solenemente que encerraria os trabalhos se o comportamento da Assembleia não permitisse a sua continuação, declarou encerrada a sessão por não serem garantidas as condições de sua normalidade.

Lisboa, 18/10/76

A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Direcção dos Bancários do Sul afirma-se vítima de «manobra»

Para dar versão «oficial» (entenda-se: da Direcção) dos acontecimentos registados na Assembleia Geral do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, que decorreu na passada sexta-feira na F. I. L., realizou-se esta manhã na sede deste sindicato uma conferência de imprensa. Estavam representados numerosos órgãos da informação, entre eles, ao que depreendemos do volumoso equipamento, a RTP, organismo cuja presença não tem sido muito assídua em outras conferências de imprensa sobre questões sindicais.

O presidente da Direcção começou por se referir a uma campanha de «calúnia, violência, golpismo» contra o sindicato, campanha essa que, conforme acrescentou, não desmobilizará a luta que trava pela «autonomia sindical», pela «democracia dos trabalhadores». De um modo geral, aquele dirigente reiterou a fidelidade à «Carta Aberta» e evocou, já na parte final da conferência de imprensa, e a pergunta nossa, que só os Bancários do Sul e Ilhas e os Escritórios de Lisboa têm procedido aos debates exaustivos no seio da classe, com vista ao congresso (no caso, certamente, o propugnado — pela «Carta Aberta» — Congresso Democrático de Todos os Sindicatos para a Unidade). Como exemplos desse debate apontou os

recentes e muito controversos plenários dos Escritórios (este não chegou ao fim) e dos Bancários do Sul (este estatutariamente encerrado, na versão dada).

Propriamente quanto ao plenário dos Bancários, foi denunciada a existência de uma «manobra concertada», de que a Direcção já teria conhecimento prévio e da qual afirma dispor de provas deixadas pelos «manobradores».

Essa manobra — pormenorizaria o presidente da mesa da assembleia visava, por processos vários por ele apontados, conseguir fazer triunfar uma proposta (que não chegou a ser votada) na qual se propunha o desvinculamento do sindicato da «Carta Aberta». Com a vitória da moção votada — vitória que o presidente da mesa considerava já como certa na altura em que afirmou lhe «parecer» existir, mas que sujeitou à prova quando dividiu a sala por sectores — tal «manobra» teria falhado, pelo que os seus «agentes» teriam decidido criar um clima de violência que lhe impediu a continuação dos trabalhos. Esta, como é sabido, não é a opinião do largo sector que se manifestou contra os processos usados na votação, considerando-os inevitavelmente falíveis, numa assembleia em que estavam presentes cerca de seis mil trabalhadores.

Mais virulento do que o presidente da mesa da assembleia geral, que se limitou a relatar pontualmente factos tal como ele os viu — disse — «do local estratégico da mesa, o único de onde se poderia abarcar a assembleia», foi o presidente da direcção do sindicato. Este não hesitou em atribuir a manobra a um partido, o Partido Comunista, e à linha que considerou afecta à Intersindical.

Notória a menção ao modo como os jornais se referiram ao congresso, com acerba crítica ao «Diário de Lisboa», ao «Diário» e ao «Diário Popular». O presidente da direcção do sindicato não teve reboço em se dirigir à «outra imprensa» para que dissesse a «verdade», facto que a nós, «D.L.» não sugere qualquer comentário.

Trabalhadores de moagens em luta pelo C.C.T.

Os trabalhadores da Indústria Química e Moagens do Centro e Sul vão decidir em plenários que se realizarão esta semana, quais as formas de luta a adoptar em consequência do rompimento das negociações do Contrato Colectivo de Trabalho, segundo revelou em conferência de imprensa a Direcção do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Centro, Sul e Ilhas e Moagens do Centro e Sul. As decisões dos plenários serão depois discutidas na assembleia geral de delegados, a efectuar na próxima sexta-feira.

O ponto fulcral que levou ao rompimento das negociações no passado dia 13, durante uma reunião no Ministério do Trabalho, é a tabela salarial e os subsídios de turno e de alimentação constantes de uma contraproposta apresentada pelo patronato e que os trabalhadores consideram inaceitável. O Sindicato defende um leque salarial entre os 7.600 e os 8.000 escudos, enquanto o patronato pretende que a maioria dos trabalhadores do sector mantenha os vencimentos de 4.550 a 5.750 escudos. Paralelamente ao aumento de vencimentos e para os contrabalançar, o patronato exige um aumento de preço dos produtos, com o qual os trabalhado-

res não concordam, pois é mais uma maneira de sobrecarregar a população. Defende ainda a direcção do sindicato que «o impacto das tabelas propostas no custo de produção não ultrapassa 2,5 por cento». Na tentativa de evitar uma situação grave, o sindicato convidou os representantes do patronato a apresentar nova tabela salarial até 20 do corrente, o que os representantes dos patrões recusaram imediatamente.

Os dirigentes sindicais, admitindo o endurecimento das medidas a tomar no seu processo de luta para a obtenção do Contrato Colectivo de Trabalho, asseguraram na conferência de imprensa que tudo fariam para evitar que o público fosse prejudicado no abastecimento de produtos básicos.

Finalmente, insurgindo-se contra as afirmações do secretário de Estado do Trabalho a propósito da greve da panificação, os dirigentes sindicais da Indústria Química e Moagens defenderam o carácter político da sua luta, dentro de um combate «contra a recuperação capitalista» pelo que «exigimos ao Ministério do Trabalho que se defina e diga de que lado está, se com os trabalhadores (...) ou se com o patronato».

Têxtil Manuel Gonçalves duplica o capital

— e os suspensos continuam por reintegrar...

A Têxtil Manuel Gonçalves, de Famalicão, sociedade anónima, duplicou recentemente o seu capital social, embora se avolumem as possibilidades, já admitida por responsáveis governamentais, de nova intervenção do Estado naquela empresa. Esta, a concretizar-se, seria uma forma de sanção pela recusa dos patrões da TMG em reintegrar os 17 trabalhadores por eles afastados, cuja readmissão tem sido sucessivamente ordenada pelo VI Governo Provisório e pelo Governo Constitucional.

O capital da Têxtil Manuel Gonçalves, de Vila Nova de Famalicão, foi elevado de 150 para 300 mil contos, por escritura de 22 de Setembro. O aumento realizou-se através da emissão de 150 mil novas acções do valor nominal de mil escudos cada, por incorporação de reservas de igual montante global.

O capital da sociedade poderá, no entanto, ser elevado até meio milhão de contos, por iniciativa do conselho de administração da empresa, bastando, para tal, parecer favorável do conselho fiscal.

Nacional

NA ALDEIA DE CATUJAL

Crianças na escola à espera de professor...

ROGERIO RODRIGUES (texto)

JOSE TEIXEIRA (fotos)

Catujal é um caos de construções clandestinas onde se amontoam cerca de nove mil pessoas, a 15 quilómetros de Lisboa, entre Loures e Sacavém. Tem na sua população

440 crianças com idade para frequentarem a Primária. Tem seis salas de aulas prontas a funcionar: construídas com a autorização e dinheiros do Estado e com a ajuda dos mora-

dores. Têm todos os requisitos didácticos: desde a luz que se projecta nos quadros até às carteiras funcionais. Em suma: escolas como tantas outras espalhadas pelo País. Simplesmente não tem professores.

Os dinheiros do Estado levantaram as escolas. O MEIC não as oficializou. Pelo que não há professores nem autorização para as salas de aulas funcionarem. Os moradores insurgem-se. A comissão decide que as crianças não vão para Unhos nem para Apelação, as localidades mais próximas. Para Unhos terão de andar meia hora por atalhos e pela Estrada Militar. Para Apelação, terão que fazer o percurso pela Estrada Nacional. Só o ano passado, duas crianças morreram na estrada, atropeladas a caminho das aulas.

Mas as aulas, mesmo sem professores, (só são necessários 13) já começaram. As mães, de avental, algumas, tomaram o lugar das professoras, ajudadas ou pela moça que acabou o ciclo, ou pela criança de 11 anos que vai entrar no 1.º unificado ou pelo rapaz que com o sétimo ano



Mãe zelosa vigia as crianças, enquanto espera por uma professora que o M.E.I.C. não coloca



Criança triste de Catujal. Se a professora não vem ela terá de fazer a pé, durante uma hora, o percurso até Apelação, para aprender a ler, filha do futuro

(curso complementar), serviço militar, cumprido, dá aulas de manhã, voluntariamente, às crianças de Catujal, enquanto à tarde procura emprego.

No passado dia 5 os moradores (gente pobre que trabalha nas fábricas da região) reuniu-se em plenário, historiou a luta que há mais de um ano travam para que os seus filhos tenham escola no lugar onde habitam e decidiram-se pela aprovação de uma proposta que não resistimos a transcrever. Informa o seu texto: «Camaradas do Catujal, homens e mulheres, a comissão tem lutado por nós todos, eu concordo que a comissão seja a mesma e que continuem a lutar. Com respeito às escolas elas têm que abrir (dentro deste mês), as do Catujal para o Catujal. Com respeito aos professores têm de ir para onde forem precisos, porque os nossos filhos são os homens de amanhã. Portanto isto não pode andar para trás, pois o povo de Catujal vai com a comissão para onde for preciso».

A escola esteve sempre presente na luta diária da comissão de moradores. Conseguiram que a estrada fosse alcatroada, que uma carreira da empresa Boa Viagem passasse pelo povoado, conseguiram que a «tropa» lhes cedesse o terreno para a construção de dois pavilhões que comportam quatro salas de aulas, conseguiram que um particular lhes cedesse o terreno para construir um Centro Social Provisório para a comissão de moradores e onde funcionam, devidamente apetrechadas, duas salas de aulas, conseguiram que ao lado de um barracão, no alto do morro, se comesse a construir uma escola. Conseguiram que cada sala de aulas ficasse por 400 contos, 200 mais baratas que as construídas à responsabilidade da Direcção-Geral das Construções Escolares. Conseguiram que a SAAL por questões de economia e rapidez, fizesse o projecto. A Câmara deu 120 contos, os moradores conseguiram 80. Mas o projecto não estava conforme ao projecto-tipo das Construções Escolares. Foi alterado. Aconteceu isto há um ano. Novo projecto vai então para as Construções Escolares. É necessário alterá-lo novamente. Os edifícios estão prontos. Falta um depósito de água. Os moradores vencem o obstáculo. Conseguem um empreiteiro local que lhes arremata a obra por 15 contos. Mas a opinião das Construções Escolares é diferente... isso é muito caro, nós temos quem nos faça por 13. E nas malhas

de mecanismos de tal forma rígidos que não aceitam nem permitirem qualquer participação exterior, a comissão de moradores debate-se e luta para encontrar solução. São precisos 13 professores. Não aparecem. Os comunicados dos sindicatos da classe denunciavam que neste momento estão ameaçados de desemprego cerca de quatro mil professores primários. A comissão de moradores exige apenas 13 professores — um para cada turma de 35 alunos.

CATUJAL EM AULAS

Quando chegamos a Catujal, numa manhã chuvosa e paramos frente ao Centro Social após subirmos uma pequena encosta por um caminho de lama, as crianças estavam no intervalo de duas aulas. As mães vigilantes assomaram à porta, as crianças comiam o pãozinho com manteiga de um pequeno almoço ao meio da manhã. Nos quadros alinhavam-se números para somas e diminuições e letras a giz formando palavras. Nas salas da 3.ª e 4.ª classes as aulas eram dadas por duas moças de 14 e 16 anos, uma com o ciclo feito, outra prestes a entrar no 3.º ano do Comércio. E havia mais «duas senhoras para darem o respeito» — dizia-nos uma velhinha que subira a encosta para levar um bolo (já não encontrara pão) ao seu «filho». Filho porque a mãe o abandonara corria já cinco anos, tinha a criança na altura quatro. Ela estava viúva, tomou conta da criança e afeioou-se a ela como se fosse seu filho. A velhinha, um encarquilhado mapa-mundi de rugas, também gritava para os rapazes barulhentos. Também ela queria impor mais respeito. Nesse dia tinham pessoas estranhas na sala de aulas. Compreendia-se o barulho, justificava-se a senhora.

Uma mãe que vigia, de avental posto, na sala de aulas, confessava que tinha dois filhos em Unhos. Demorava de caminho meia hora e como os filhos aprendiam em horas diferentes fazia por dia o caminho quatro vezes.

Duas crianças morreram na estrada. As mães impõem-se: «Não é que não estamos para sacrificar os nossos filhos por causa das professoras». Ainda no dia anterior à nossa chegada tinham estado até altas horas da noite a «alcatifar» (ainda que a linóleo) as aulas para os seus filhos e para as professoras que não vêm. Se é pro-

blema de transportes, eles já existem, se estão em causa as condições das salas de aulas então não há problemas. Uma professora da Apelação reconheceu mesmo que as salas de Catujal eram bem melhores do que aquelas onde ela ministrava aulas.

A CANTINA SUSPensa

Catujal foi surgindo um pouco à margem de tudo. As construções são todas clandestinas. Estão na linha do campo de aviação. Não poderiam ser ali construídas habitações. Nesta ordem de ideias também o edifício principal do MEIC está ilegal pois permanece na linha do aeroporto.

Apesar de terreno não permitido para construções o certo é que as habitações têm aumentado e a especulação em volta do metro quadrado é desenfreada. Assim não se compra ali um pedaço de terra que não ronde pelos 400 ou mesmo 500 escudos por metro quadrado. E os construtores não garantem nem água nem esgotos, nem electricidade. E no entanto, as casas continuam a surgir, e rendas há pela bonita soma de três contos.

Catujal vai aumentando. Quer escolas. Já as tem. Não funcionam. Tem 440 alunos mas não tem 13 professores.

Os alunos batiam as salas de aulas de Apelação e Unhos. Na Apelação por iniciativa de uma comissão de pais estava aberta uma cantina para as crianças, na maioria pobres, e, muitas delas, vindas de outros povoados. Uma organização dava 300 quilos de leite em pó por ano, grupos de pais ao fim-de-semana iam pelas quintas da vizinhança pedindo alguns géneros: desde a couve ao feijão. Os alunos tinham pelo menos todos os dias garantido um almoço de pão, leite e uma sopa com mais qualquer coisa. Entretanto surge um despacho de Cardia que suspende até nova ordem a exploração das cantinas e o maneio dos dinheiros que porventura tenham.

O que leva Sottomayor Cardia a suspender as cantinas? Que explicação foi dada até hoje às crianças e aos pais? Para lá desta medida, as crianças de Catujal continuam à espera de aulas. Se na Apelação já não há almoço diário garantido na cantina da escola, em Catujal já tem escola mas ainda não tem garantidos professores.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE SETUBAL COMUNICADO/CONVOCATÓRIA ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINARIA ORDEM DE TRABALHOS

Convocada para o dia 19.10.76 pelas 21H00, no INATEI, em Setúbal, tem como ponto central a discussão e deliberação sobre o Projecto de Regulamento do Congresso de todos os Sindicatos.

Embora o Regulamento do Congresso deva merecer toda a nossa atenção, outras preocupações sentem os trabalhadores, que constituirão motivo para a sua mobilização.

Será na discussão colectiva dos nossos problemas que encontraremos as soluções e a força necessária para os resolver.

Isolado na sua empresa o trabalhador, não terá força nem encontrará resposta às preocupações que o afligem.

Unido a todos os trabalhadores cujos problemas são iguais multiplicará as suas forças e ultrapassará os obstáculos que lhe têm sido criados.

A diversificação dos horários (alteração no período de encerramento e abertura dos estabelecimentos) que se prepara nos gabinetes.

A legislação que deverá ser discutida pelos trabalhadores de uma forma organizada e, não tem sido porque o Governo não tem cumprido o que consagra a Constituição da República.

O congelamento na prática da contratação colectiva.

As formas como nos devemos organizar para dar resposta a estas e outras questões são assuntos a debater.

As medidas repressivas das nossas conquistas, responderemos com o reforço da nossa unidade e organização.

Aos avanços dos nossos inimigos de classe, responderemos com a nossa mobilização serena e firme.

Unidos e organizados constituímos uma força, dispersos nada valem.

A unidade dos trabalhadores no seu Sindicato, é a maior garantia de que as nossas conquistas serão defendidas.

O SINDICATO É A TUA OPÇÃO

POR UMA GRANDE PARTICIPAÇÃO DOS TRABALHADORES
PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES
PELA UNIDADE DO MOVIMENTO SINDICAL.

Setúbal, 18.10.76

A DIRECÇÃO

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Congresso dos Sindicatos
 - a) Informação
 - b) Discussão e deliberação sobre o Projecto de Regulamento
- 2 — Delegados Sindicais e Previdência
- 3 — Contratação.

NOTA: Os trabalhadores deverão ser portadores do cartão de sócio.

NA BIBLIOTECA NACIONAL

«Dado que, durante o mês de Setembro, desapareceram das estantes da Sala de Leitura Geral várias obras, o que vem lesar em muito os leitores que frequentam ou que virão frequentar esta Biblioteca Nacional, e face às dificuldades no controlo de entrada e saída de espécies pertencentes aos leitores, estes devem munir-se da respectiva senha de leitura, depositando no átrio principal pastas, malas, livros, apontamentos policopiados, abafos que não tenham vestidos, chapéus-de-chuva, devendo trazer consigo para a Sala de Leitura apenas folhas para apontamentos e utensílios para escrever», lê-se num aviso colocado à entrada da Biblioteca Nacional de Lisboa, na sequência da detecção, na última terça-feira, do desaparecimento de vinte e duas obras especializadas de Matemática e de Ciências Biológicas, oferecidas dias antes pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Os livros, que se encontram expostos, para consulta, em mostruários existentes na Sala de Leitura, possuem alto valor científico e monetário, pesando no seu conjunto algumas dezenas de quilos. «Logo, o seu desvio obedeceu a uma operação, previamente estabelecida por um ou mais indivíduos. E o seu objectivo, à primeira vista, perseguia apenas estará interessado em vendê-los ao desbarato, sem qualquer preocupação de carácter formativo», afirmou ao «DL» a dr.ª Reinalda Catarina, directora daquela instituição de Cultura.

Ainda segundo a nossa interlocutora, este furto não aparece isolado pois já, em Maio último, tinha sido detectado o desvio de gravuras e de folhas manuscritas, de uma colecção de obras de índole erótico-pornográfica. O «responsável» — disse-nos — «deve ter sido um jovem que aqui se apresentava como sendo de nacionalidade inglesa, embora falasse correctamente o nosso idioma, e que durante um longo período se dedicou à consulta das obras, que, mais tarde, detectámos estarem profundamente danificadas. O caso, aliás, já foi remetido à Polícia Judiciária para investigações.»

VIGILÂNCIA APERTADA DOA A QUEM DOER

Face a estes incidentes, a direcção da Biblioteca Nacional viu-se coagida a vigiar a entrada dos interessados na Sala de Leitura, convidando-os a deixarem à entrada todos os seus objectos de uso pessoal, à excepção da esferográfica ou caneta, ou lápis, e de um bloco de notas para apontamentos. — «Repugna-nos profundamente a necessidade de termos de recorrer a estas medidas. Mas até encontrarmos melhor solução para este problema, que necessariamente tem de passar pelo aumento dos efectivos do pessoal de que actualmente dispomos, para preservação do património cultural que esta Biblioteca encerra, impõe-se que assim procedamos», — afirmou à nossa reportagem a dr.ª Alexandrina Cruz, chefe da Divisão de Leitura.

Quanto aos leitores, as reacções a estas medidas são as mais díspares. Desde aquele que se recusa a cumprir as determinações impostas, saindo disparado pela ampla porta de vidro, com um «vão mas é vigiar os bombistas», até ao que profere palavras ofensivas contra os empregados encarregados da vigilância, chegando mesmo à tentativa de agressão. Passando claro, pelos que perfilham o conceito, que é maioritário, de que a Biblioteca não pode estar a saquear, e que as obras ali existentes, pela sua raridade e valor, são pertença da comunidade, é urgente preservá-las a todo o custo. Doa a quem doer.

CARTÃO DE LEITOR JÁ EM JANEIRO

Mas falar da Biblioteca Nacional de Lisboa é falar da história cultural deste País, no antes e após-25 de Abril. E de um director, Manuel Santos Esteves, de seu nome, que conseguia ser mais censor do que a própria P.I.D.E., ao retirar da circulação, nas salas de leitura, obras que o regime fascista, via Censura ou Exame Prévio, deixava vender nas livrarias. E que mandava traduzir obras estrangeiras, para depois de uma análise verrinosa lhes colocar a chancela maldita (uma mancha negra na primeira página) e remetê-las, de imediato, para a Secção dos Interditos.

Com o derrube do Marcelo

e movimento das obras existentes» — referiu-nos um dos elementos da Comissão de Trabalhadores da Biblioteca Nacional.

Entretanto, e segundo nos foi revelado, está em estudo a criação de um cartão de leitor que, normalmente, passará a funcionar já a partir de Janeiro do próximo ano.

«... Procuraremos assim facilitar e dinamizar os nossos serviços, de forma a que a burocracia seja reduzida ao mínimo e as pessoas que nos procurem não sejam massacradas por esperas desmobilizadoras. Para além disso, em casos de furto ou danificação premeditada, tornar-se-á mais facilmente detectar os culpados. O que neste momento se torna quase totalmente impossível, uma vez que o sistema utilizado permite ao leitor o fornecimento de identidades e moradas completamente falsas, — adiantou-nos a dr.ª Reinalda Catarina.

As obras da Biblioteca Nacional são adquiridas por oferta, e contra trocas internacionais, feitas na base da Convenção de Bruxelas de 1886. As ofertas advêm na sua maior parte da obrigação que as tipografias têm de enviar para ali um exemplar de cada obra publicada.

«É evidente» — esclareceu-nos a dr.ª Reinalda Catarina — «que o facto de apenas



Para terem agora acesso à Sala de Leitura, os frequentadores da Biblioteca Nacional de Lisboa, devem deixar à entrada, todos os objectos de uso pessoal, à excepção da esferográfica e de um bloco de notas

Caetano, o número de leitores aumentou na Biblioteca. Para tanto basta olharmos para os dados estatísticos que apontam 2226 leitores em Abril de 1974 para 7837 em idêntico mês deste ano. Como factores para este significativo afluxo, entre outros, a possibilidade que é dada às pessoas de poderem agora consultar uma imensidade de obras até então proibidas.

Só do depósito da ex-P.I.D.E./D.G.S. foram doadas à Biblioteca centenas de livros que ali se encontravam afeitos. Fruto de anos e anos de saque, que aquela polícia terrorista efectuou a centenas de livrarias, tipografias, cooperativas livrescas e casas particulares.

«Só é pena que a Revolução não tenha entrado totalmente nesta casa, pois apesar de termos conseguido o afastamento do director Esteves, continuamos lutando com uma série de carências, entre as quais avulta a falta de pessoal, sobretudo encadernadores e vigilantes, que assim impede uma mais cuidada preservação

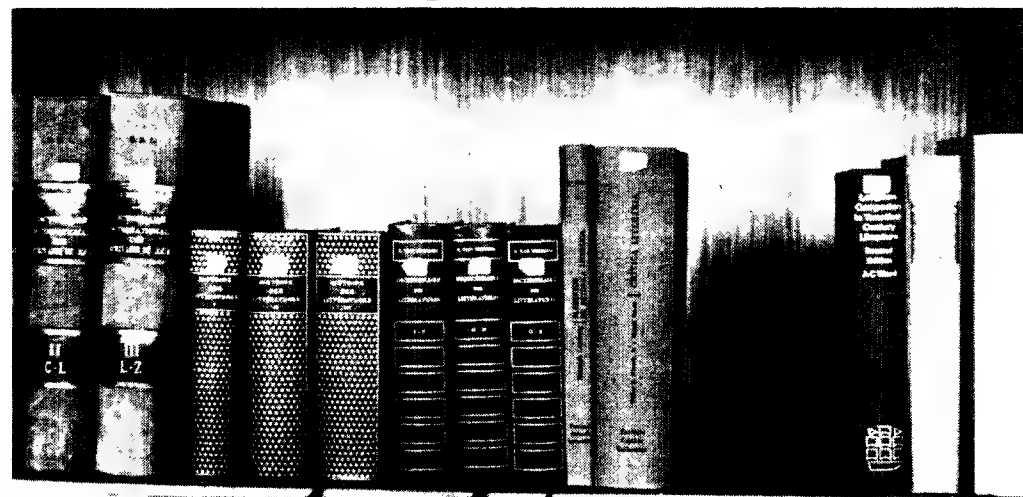
termos acesso a um único exemplar de cada livro publicado, aumenta em nós a responsabilidade de preservarmos, ao máximo, a sua pertença. Pois não podemos esquecer que esta Biblioteca, ao contrário das restantes instituições do género existentes no País, é acima de tudo o repositório, direi mesmo o museu, num futuro, de todo o nosso passado cultural. O local onde nós agora, e os nossos vindouros, têm o direito de encontrar sempre a obra que pretendam consultar».

O repositório da nossa Cultura. Da Cultura de gerações sucessivas. Que o fascismo tentou amordacar. Chegando a «prender» nas catacumbas da própria Biblioteca Nacional obras de nomes, entre outros, como Egas Moniz «A História da Vila Sexual» e Luís de Camões (a versão original de «Os Lusíadas»). A autores que depois utilizava nas «Luzes da Ribalta» como exemplos do génio lusitano, em sessões de «Jubileu» e «Dias da Raça». Hipocritamente, como era seu lema.

Livros roubados, vigilantes à porta

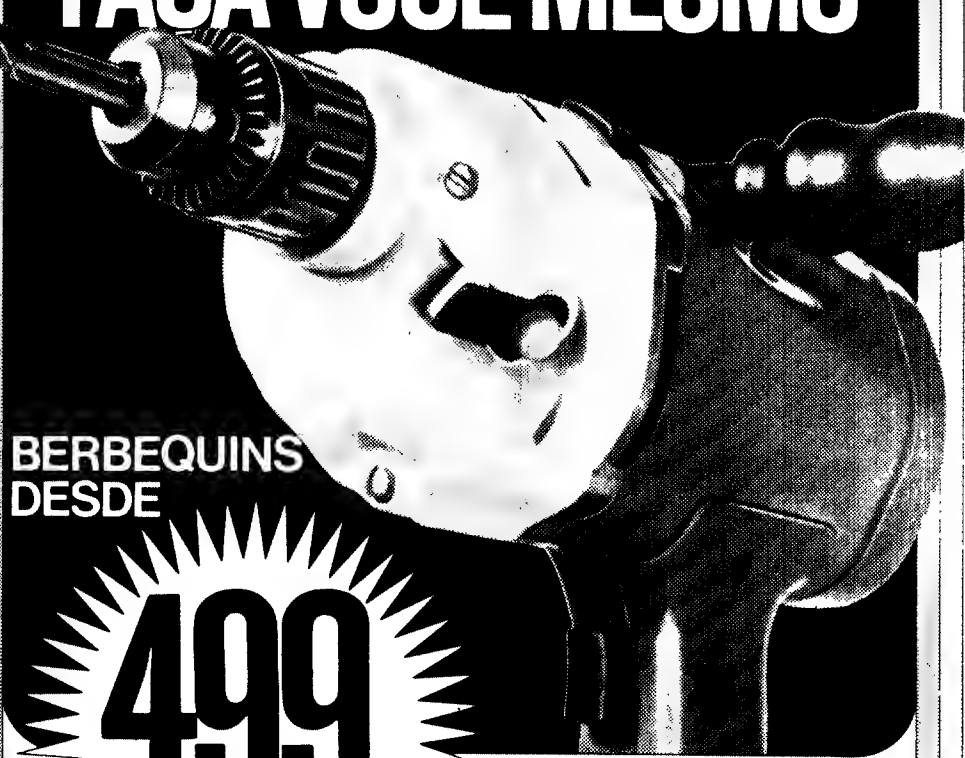
MANUEL GERALDO (texto)

RUI PACHECO (fotos)



Mão hábil, e por enquanto anónima, tirou de um mostruário como este, 22 obras de alto valor científico e monetário que, dias antes, tinham sido oferecidas à Biblioteca pela Fundação Calouste Gulbenkian

COM
Black & Decker
FAÇA VOCÊ MESMO



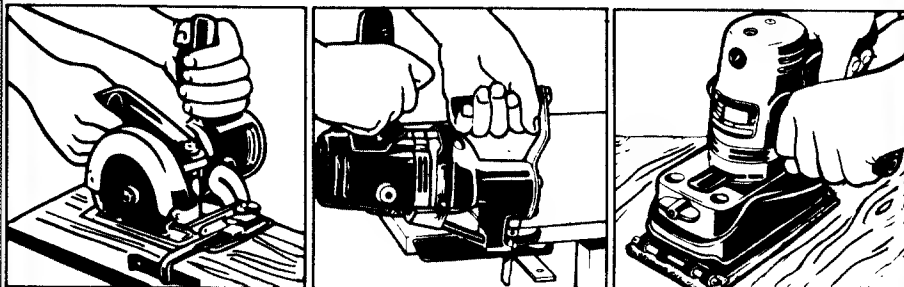
BERBEQUINS
DESDE

499.

ADAPTAVEIS A TODOS
OS DISPOSITIVOS
Black & Decker

APROVEITE JÁ

ESTA REDUÇÃO DE PREÇO
POIS ELA DÁ-LHE MAIS
VALOR PELO SEU DINHEIRO...
E A QUANTIDADE É LIMITADA.



COM **Black & Decker**
É SÓ FAZER!!!

Estrangeiro

Cessar-fogo em todo o Líbano às 6 horas de quinta-feira

BEIRUTE, 19 — (R) Esta capital sofreu um dos seus piores dias de bombardeamento e derramamento de sangue enquanto dirigentes árabes em Riad e davam ontem os toques finais no último plano de cessar-fogo.

Ao abrigo do acordo de Riad, será proclamado um cessar-fogo em todo o país às 6 horas de quinta-feira (4 horas de Lisboa), o último de uma

longa série desde que a guerra civil começou há 18 meses.

Ontem granadas de grosso calibre e foguetões caíram em áreas residenciais em ambos os lados da linha de confrontação que divide a devastada capital. Fontes disseram que morreram pelo menos 80 pessoas e ficaram feridas 200 outras.

Enquanto dirigentes da Arábia Saudita, Egipto, Síria,

Kuwait e Líbano, bem como da Organização de Libertação da Palestina (OLP) elaboravam os pormenores do acordo, forças esquerdistas e direitistas lutavam pela posse da localidade de fronteira de Marjayoun, controlada pelos esquerdistas apenas oito quilómetros a norte de Israel.

No sul, testemunhas disseram que viaturas blindadas de um modelo utilizado pelo

exército israelita tinham sido usadas por direitistas em luta pela conquista do quartel de Marjayoun, ocupado pela direita após renhidos combates corpo-a-corpo com os seus defensores esquerdistas.

No domingo passado, combatentes direitistas apoiados por tanques e viaturas blindadas com sinais hebraicos capturaram a aldeia de Hannine, controlada pelos esquerdistas, próximo da fronteira.

As conversações de três dias em Riad reconciliaram também os presidentes Hafez Assad da Síria e Anwar Sadat do Egipto, após mais de um ano em que as relações entre os dois países se degradaram continuamente.

O acordo abriu o caminho para uma cimenra árabe plenária, que deveria efectuar-se hoje no Cairo, mas só se realizará na próxima segunda-feira. Entretanto, o presidente egípcio declarou ontem estar em progresso um diálogo entre o Egipto e a União Soviética.

Nova dor de cabeça para Ford

WASHINGTON, 19 — (R) — O presidente Gerald Ford, a duas semanas do dia da eleição, depara hoje com uma nova dor de cabeça política por causa da sua reacção a observações críticas feitas pelo general George Brown, presidente da comissão conjunta de chefes de Estado-Maior, acerca de Israel, Grã-Bretanha e Irão.

Tanto Ford como o secretário da Defesa, Donald Rumsfeld, desassociaram-se ontem das declarações do general mas não o admoestaram.

Em Miami, na Florida, o candidato presidencial democrático Jimmy Carter declarou a repórteres, ao prosseguir com a sua campanha, que pensava que o general Brown deveria ser repreendido.

Novo diário espanhol: "pela liberdade sem ira"

MADRID, 19 — (ANO) — Com a primeira edição esgotada rapidamente, nasceu ontem em Madrid um novo vespertino: «Diário 16».

Propriedade da mesma empresa que edita «Cambio 16» e dirigido por Ricardo Utrilla, «Diário 16» propõe-se «lutar a fundo pela liberdade».

«Pela liberdade sem ira», como diz o «slogan» da campanha publicitária que o anunciou, «pretendendo colaborar na construção dessa Espanha moderna e justa por que todos ansiámos» — escreve-se no primeiro editorial do vespertino.

O jornal era aguardado com verdadeira expectativa, pois representa um novo factor positivo na revolução que a Imprensa espanhola experimenta nos últimos meses.

«Diário 16» vai informar, com independência absoluta, sobre todos aqueles acontecimentos que ponham em perigo a liberdade dos cidadãos, o triunfo da justiça e a defesa de todos os direitos humanos», acrescenta-se no editorial, que afirma também como objectivo primordial «vigiar muito de perto a marcha do Estado para impedir que essa enorme concentração de poder em mãos de uns poucos arrase a liberdade dos muitos e esmague o país».

O editorial de «Diário 16», que aparece com 32 páginas às segundas-feiras e 24 nos restantes dias, pretendendo difundir-se por todo o país e utilizando o sistema de teleimpressões para as edições de província, termina «reclamando o urgente desaparecimento do Ministério da Informação, prova flagrante de que a censura continua vigente».

«Ministério inventado para tutelar, isto é para reprimir a liberdade de informação».

«Porque se nem se pode

falar com liberdade, imagine-se como andarão as outras liberdades» escreve.

O primeiro título de caixa alta do «Diário 16», e a toda a largura da página: «O rei anulara o «castigo» de Franco aos bascos», anunciando que o rei presidirá ao próximo conselho de ministros em que vai ser decretada a derrogação da lei pela qual Franco retirou aos bascos a legislação especial que regia os estatutos económicos das suas províncias como castigo porque a Biscaia e Guipuzcoa não se uniram ao levantamento contra a República em 1937.

A partir daí os bascos passaram a ser considerados traidores e a serem vítimas de uma política de repressão que provocou todo o separatismo e tanta tensão durante as últimas décadas de anos.

Segundo este jornal o governo já decidiu levantar essa sanção mas pretende que, para dar maior relevo à reparação, seja o rei a presidir ao conselho de ministros em que se torne pública essa medida.

«Diário 16» será o primeiro jornal espanhol a ter edições simultâneas em várias províncias espanholas.

Conta com um total de 50 profissionais da informação, tendo como subdirectores Ramon Orozco, Juan Roldan, Juan Carlos Alganaraz e Manuel Rodríguez Mora.

Diário de informação geral é editado por Información y Publicaciones, S.A., e nuncia uma tiragem inicial de 150.000 exemplares.

«Diário 16», classificado já de tendência liberal, competirá com os outros três vespertinos madrilenos. A capital espanhola conta com quatro matutinos.

Ricardo Utrilla, o director do novo jornal, desempenhava há longo tempo idênticas funções na revista «Cambio 16».

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS COMISSÃO DE EQUIPAMENTOS COLECTIVOS DA SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA DE CONCEPÇÃO CONSTRUÇÃO DE 12 INFANTÁRIOS

I — Objecto do concurso

1 — O concurso é aberto a empresas de construção civil nacionais, para concepção do projecto e construção de Infantários nas seguintes localidades:

Furadouro, concelho de Ovar
Murtosa, concelho de Murtosa
Vagos, concelho de Vagos
Cucujães, concelho de Oliveira de Azeméis
Seixo de Mira, concelho de Mira
Maiorga, concelho de Alcobaça
Vila Franca de Xira, concelho de Vila Franca de Xira
Rio Maior, concelho de Rio Maior
Avelar, concelho de Ancião
Grândola, concelho de Grândola

Barreiro (Patronato D. Pedro V), concelho do Barreiro
Setúbal (Centro Paroquial da Anunciada, concelho de Setúbal)

2 — Os concorrentes poderão apresentar as suas propostas para todo o conjunto dos Infantários acima referidos ou apenas para uma parte.

Igualmente se admitem propostas para cada caso considerado isoladamente.

3 — A procura de soluções arquitectónicas feita a partir de um programa funcional determinado, terá em vista o aspecto económico, as condições de habitabilidade e as condições inerentes às diferentes técnicas de construção tradicional ou de prefabricação que mais convenham à operação.

II — Modalidade da consulta

1 — O Programa de Concurso estipula as condições de admissão, as características funcionais e técnicas impostas e a composição do Projecto a elaborar pelos concorrentes, com base nos elementos patenteados a concurso.

2 — Na apreciação das propostas considerar-se-ão para além do aspecto económico, as condições de concepção, aproveitamento e rendimento de plantas, bem como o Mapa de Acabamentos, o Programa de trabalhos, suficientemente pormenorizado, e prazos de execução, com indicação das entregas parciais no caso de resposta aos casos agrupados.

3 — Durante os primeiros quinze dias do prazo estabelecido no Programa do Concurso para apresentação das propostas, serão prestados nos termos legais, pelos serviços competentes da C.E.C. os esclarecimentos que forem solicitados pelos concorrentes, relativamente aos elementos patenteados a Concurso. As reuniões terão lugar na sede da C.E.C. todos os dias úteis das 15 às 17 horas.

III — Resultados do concurso

1 — A classificação que será efectuada após as operações do concurso, terá por objecto, além da celebração do contrato com uma empresa, permitir eventualmente no caso de um complemento do programa, a atribuição de outros futuros lotes de trabalho às equipas cujas soluções tenham sido reconhecidas como mais favoráveis, além da classificada como adjudicatária.

As primeiras equipas não classificadas como adjudicatórias, serão atribuídas recompensas pelo trabalho realizado.

2 — A C.E.C. reserva-se o direito, nos casos de proposta que englobe o conjunto ou só parte dos edifícios listados em I.1, de não adjudicar aquele(s) casos individuais que por razões de ordem económica ou outras não reúnem condições de aprovação.

IV — Prazos de execução

Cada concorrente estipulará o prazo para execução dos trabalhos.

V — Disposições particulares

1 — Os elementos de projecto a entregar juntamente com a proposta estão discriminados no programa de concurso. Conjuntamente será entregue uma declaração em que o concorrente se compromete a apresentar o projecto definitivo no prazo de 50 dias, após a Adjudicação.

2 — Caução provisória

É fixada para cada caso individual nos seguintes valores:

Furadouro	187.500\$00
Murtosa	187.500\$00
Vagos	187.500\$00
Cucujães	75.000\$00
SeixodeMira	156.250\$00
Maiorga	187.500\$00
Vila Franca de Xira	187.500\$00
Rio Maior	125.000\$00
Avelar	175.000\$00
Grândola	125.000\$00
Barreiro	187.500\$00
Setúbal	62.500\$00

No caso de resposta por agrupamentos de casos as cauções provisórias pedidas serão obtidas pela soma das parcelas correspondentes.

3 — Alvará

1a. subcategoria da I Categoria e classe correspondente ao valor da proposta.

4 — Local, dia e hora limite para entrega das propostas: Na Sede da Comissão, Av. Duque d'Ávila, 169-5.º em Lisboa, em 26 de Novembro de 1976, pelas 18 horas.

5 — Local, dia e hora do acto público de concurso: Na Sede da Comissão na morada acima indicada, em 29 de Novembro de 1976, pelas 14 horas.

6 — Local e horário de exame do processo: Na Sede da Comissão, na morada acima indicada e na Delegação do Norte desta Comissão na Rua Clemente Meneses, 80, Porto, todos os dias úteis das 14,30 às 19 horas.

Estarão igualmente patentes nas Câmaras Municipais dos concelhos acima indicados.

O Presidente

Arqt.º João Vasconcelos Sousa Lino

Lisboa, 1 de Outubro de 1976

A três dias da atribuição do Nobel da Literatura

ESTOCOLMO, 19 (FP e R) — A três dias da atribuição do Prémio Nobel da Literatura pela Academia Sueca, nenhum nome se destaca significativamente entre o grupo dos «nobelizáveis», agora, como habitualmente, apontados pelos especialistas.

Contudo, o nome do escritor belga de língua holandesa, Louis Paul Boon, torna-se cada vez mais citado, tal como os escritores de língua inglesa Saul Bellow e Norman (norte-americanos) e Lawrence Durrell e Graham Greene. Fala-se igualmente na escritora inglesa Doris Lessing.

Entre os escritores de língua francesa, destaca-se André Malraux, mas os especialistas consideram ser já um pouco tarde para a consagração do Prémio Nobel. Leopold Sedar Senghor é igualmente citado, tal como Simone de Beauvoir.

Por último, nas regiões até hoje inexploradas pela Academia Sueca, encontra-se o romancista das Caraíbas Naipaul e o escritor turco Yasar Kemal.

De qualquer modo, os especialistas fazem notar que os 18 membros da Academia Sueca

proporcionaram anteriormente, autênticas surpresas, escolhendo autores pouco ou mesmo nada apontados como prováveis.

O Prémio Nobel da Física foi atribuído ontem a dois cientistas norte-americanos, drs. Burton Richter e Samuel Ting, que descobriram uma nova partícula elementar, e da Química a outro norte-americano, o dr. William Lipscomb, por avanços na mecânica das ligações químicas.

Restando apenas anunciar o Prémio da Literatura, os Estados Unidos monopolizaram até agora os Nobel deste ano.

O Prémio da Economia foi para o professor Milton Friedman e o da Medicina Laureou conjuntamente os drs. Barucj Blumberg e Carleton Gajusek.

Os galardões de 1976 valem o recorde de 681.000 coroas suecas.

Os dois físicos nucleares norte-americanos que receberam conjuntamente o Prémio Nobel da Física de 1976 pela descoberta independente duma partícula elementar pesada são ambos relativamente jovens.

O dr. Burton Richter, do Centro Acelerador Linear de Stanford, na Califórnia, tem 45 anos e o dr. Samuel Ting, do Instituto Tecnológico do Massachusetts (MIT), tem apenas 40. Os dois obtiveram o Prémio por uma descoberta feita em 1974, ao passo que o professor de Havard, William Nunn Lipscomb, de 56 anos, recebeu o Nobel da Química pelo seu trabalho de vinte anos sobre os compostos peculiares formados pelo hidrogénio e pelo boro.

Nascido em 22 de Março de 1931, na cidade de Nova York, o dr. Richter estudou no MIT, onde se doutorou em 1956, transferindo-se depois para Stanford, a fim de se dedicar à pesquisa dos electrões de alta energia.

O dr. Ting trabalha no MIT. Nasceu nos Estados Unidos em 27 de Janeiro de 1936, de pais chineses.

O dr. Lipscomb consagrou grande parte da sua carreira académica ao estudo dos hidrídicos de boro e nas horas livres toca clarinete num conjunto amador de música de câmara.

Estrangeiro

Kissinger promete à China apoio em caso de ataque

PEQUIM, 19 — (ANOP, R e «DL») — Em declarações classificadas de «pouco notadas» durante uma conferência de imprensa, Henry Kissinger parece ter, significativamente, denunciado uma mudança da política dos Estados Unidos para com a República Popular da China ao oferecer, publicamente, apoio militar a Pequim em caso de ataque da União Soviética.

Este apoio, aliás, sempre esteve implícito. Mas agora, o secretário de Estado norte-americano apresentou-o de forma oficial e específica abstenendo-se, entretanto, de indicar sob que forma estaria revestido. Segundo a agência norte-americana UPI, a alteração política foi descoberta quando um jornalista perguntou a Kissinger quais as possibilidades dos Estados Unidos venderem equipamento militar aos chineses. A resposta: «Nunca recebemos qualquer pedido para venda de armas à China. Nunca tivemos qualquer discus-

são com a China sobre a venda de armas. Pensamos que a integridade territorial e a soberania da China são muito importantes para o equilíbrio mundial e consideraremos um assunto muito grave qualquer ameaça à China por parte de uma potência estrangeira... Tenho de referir o nosso ponto de vista geral de que não levaremos o assunto a brincar se houver um ataque maciço à China».

Esta é a primeira vez que os Estados Unidos advertem abertamente a União Soviética contra um hipotético ataque à China e um «funcionário» norte-americano considerou a resposta como «a primeira grande alteração da política dos Estados Unidos para com a China desde a assinatura do Comunicado de Xangai, em 1972».

No entanto, através do seu porta-voz Robert Funseth, a Secretaria de Estado desmentiu que tivesse havido qualquer alteração na política dos Estados Unidos perante a disputa

sino-soviética. Funseth classificou as palavras de Kissinger como «uma reafirmação da nossa posição».

Segundo os serviços de espionagem dos EUA, a União Soviética tem ao longo da fronteira com a China uma força de 50 divisões, correspondente a mais de um milhão de homens. Destas, pelo menos duas estariam equipadas com armas nucleares com um raio de acção de 800 quilómetros.

Entretanto, o «Diário do Povo» de Pequim anuncia hoje que «uma firme campanha deve ser conduzida a fim de expor e criticar os que tentaram tirar poder ao partido». Esta foi a primeira referência do órgão do PCC a uma suposta tentativa de golpe de Estado

contra os novos dirigentes chineses.

A agência japonesa Kyodo noticia que grandes manifestações contra a «intentiona» têm-se realizado em Xangai. A mesma agência afirma que as autoridades pensam que o verdadeiro instigador do golpe foi o vice-primeiro-ministro Chang Chung-chiao, que tentou apoderar-se do poder utilizando a viúva de Mao, Chiang Ching, como «cabeça de turco».

Apesar destas informações da Kyodo, a campanha contra a viúva do ex-presidente Mao Tsé-tung continua a espalhar-se por toda a China, agora com as acusações de que pretendeu matar o marido. «Slogans» e manifestações surgem em Xangai, em Wuhan e em Pequim.

Berlinguer defende apoio ao Governo

ROMA, 19 (R) — Discursando no comité central do Partido Comunista Italiano, o secretário-geral Enrico Berlinguer defendeu o apoio do partido ao governo minoritário democrata-cristão e às suas medidas contra a inflação.

O seu discurso parece ter sido uma reacção à impaciência dos trabalhadores italianos sobre as severas medidas de austeridade impostas pelo governo, que incluem um aumento de 25 por cento no preço da gasolina.

Os comunistas apoiam as iniciativas para travar a inflação porque doutra maneira a Itália «cairá num verdadeiro colapso económico» e será «precipitada no caos» — declarou Berlinguer elogiando o governo do primeiro-ministro Giulio Andreotti

por «mostrar maior diligência».

Berlinguer reiterou o seu objectivo de partilha eventual do poder com os democratas-cristãos, mas acrescentou: «Enquanto continuamos a luta e enquanto as condições para este acontecimento natural e histórico não tiverem amadurecido, não vemos razões para movimentos precipitados, também porque notamos que há influências, entre os democratas-cristãos, que esperam pôr termo à actual experiência de governo».

O secretário-geral do P.C.I. denunciou como malévolas as insinuações de que está a apoiar persistentemente o governo.

Berlinguer defendeu-se igualmente contra os boatos de acordos secretos entre ele e Andreotti.

Ofensiva dos partidos e sindicatos franceses

PARIS, 19 — (ANOP e DL) — Os sindicatos franceses continuam hoje com os preparativos para novas greves contra o programa anti-inflacionário do governo, enquanto os seus aliados socialistas e comunistas lançam uma ofensiva no Parlamento, procurando derrotar o plano Barre mediante a aprovação de uma moção de censura.

Animados pelo retumbante sucesso da greve nacional do passado dia 7, a Confederação Francesa dos Trabalhadores Democráticos (CFDT), anunciaram que no próximo dia 23 levarão a cabo uma série de greves e comícios como protesto contra o desemprego entre a juventude da França, cujos índices apontam para um milhão de pessoas.

As duas centrais prometem ainda para o mês de Novembro uma greve de um dia no sector

metalúrgico e estudam acções semelhantes para o sector químico.

A Assembleia Nacional está convocada para hoje, a fim de votar uma moção de censura apresentada pelos socialistas e comunistas, pedindo, ao mesmo tempo, a demissão do primeiro-ministro Raymond Barre. Espera-se que a moção seja rejeitada pois a esquerda possui apenas 200 dos 490 lugares do Parlamento. O texto afirma que o plano Barre aumentará o desemprego, agravará a injustiça social, baixará o padrão de vida dos franceses e manterá os privilégios dos ricos e poderosos.

Esta manhã, antes de partir para a ilha de Reunião, no Índico, Giscard d'Estaing conferenciou com Barre, dando-lhe instruções sobre a forma como deve abordar as questões durante a sua ausência.

Caleidoscópio

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 19 — (R) — O presidente mexicano, Luís Echeverría, voltou a surgir como possível candidato ao cargo de secretário-geral da ONU, mas espera-se que Kurt Waldheim ganhe a reeleição.

BARRA DO GRAÇAS (Brasil), 19 — (ANOP) — O agente da Polícia Militar brasileira Feitosa Ramalho que assassinou há uma semana o padre jesuíta João Bosco Penido Burnier, poderá ser condenado a 30 anos de cadeia, tal como os seus sete cúmplices.

Assim o declarou o juiz encarregado da instrução do processo, João Figueiras Neto que considera o agente confesso do assassinio do jesuíta e, com os seus cúmplices, autor de torturas infligidas a duas mulheres e um homem por quem o religioso intercedeu.

CIDADE DO VATICANO, 19 — (FP) — Faleceu ontem com 85 anos o cardeal Giacomo Lercaro, antigo arcebispo de Bolonha e destacado prelado conciliar e liberal. A sua morte

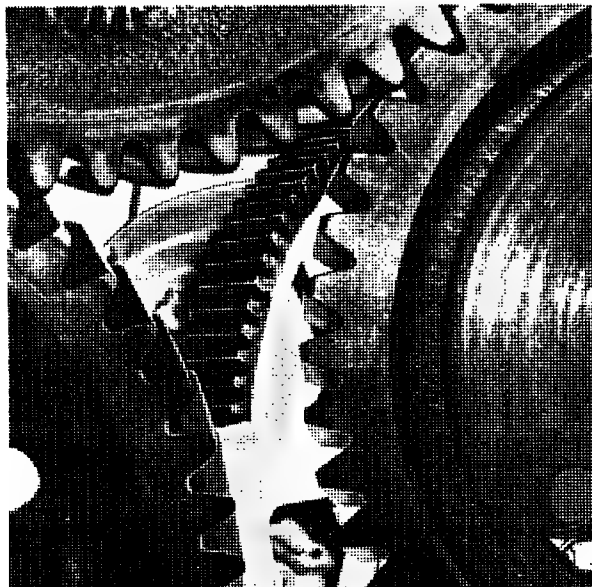
reduz a 136 o número de membros do Sacro Colégio mas não modifica o dos participantes num eventual conclave (116).

OSLO, 19 — (ANOP) — O Governo norueguês deu ontem um prazo de seis dias para que o embaixador da Coreia do Norte e toda a equipa diplomática que com ele trabalha em Oslo abandone o país, baseando a sua decisão na acusação de os norte-coreanos terem feito da Embaixada uma base para importações ilegais e vendas no «mercado negro» de bebidas e cigarros.

HELSÍNQUIA, 19 — (R) — Partidos direitistas e centristas mantinham hoje uma maioria nítida nas importantes eleições locais da Finlândia depois de obterem uma inesperada vantagem de 3,5 por cento, principalmente à custa dos sociais-democratas.

O Partido Comunista, o qual se esperava que obtivesse uma vantagem de entre 1 e 3 por cento, mostrou um aumento de 0,9 por cento depois de terem sido contados 99,6 por cento dos votos.

quem te avisa... é preciso racionalizar os consumos de energia eléctrica



Quem te avisa, teu amigo é...

Por isso a urgência de racionalizar o consumo de energia eléctrica.

É das 8 da manhã às 11 da noite que se consome mais água para produzir energia.

Faça o possível para que a Indústria funcione fora dessas horas.

Repare: trata-se de um problema de transferência das horas de funcionamento.

Não é verdade?

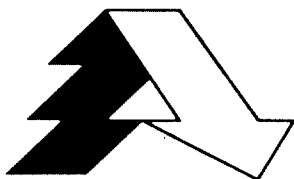
Quem te avisa, teu amigo é...

E só assim se poderão evitar medidas que a todos prejudicam.

Sabemos que nos compreendem!

Agora é só colaborar...

poupe hoje para ter amanhã



COMISSÃO DINAMIZADORA DISTRITAL SINDICATO DOS METALÚRGICOS - SETÚBAL

COMISSÃO DINAMIZADORA DISTRITAL MOÇÃO

Os trabalhadores da Equimetal, Barreiro, reunidos em plenário no dia 13 de Outubro de 1976, tendo em vista o próximo Congresso de Todos os Sindicatos, decidem:

- 1.º - Apoiar a realização o mais breve possível, do Congresso de Todos os Sindicatos, com vista à unidade de todos os trabalhadores.
 - 2.º - Apoiar e saudar a Intersindical Nacional - Confederação Geral dos Sindicatos.
 - 3.º - Aprovar o projecto de regulamento do Congresso de Todos os Sindicatos, apresentado pela Intersindical Nacional, rejeitando as alternativas de proposta apresentadas por alguns sindicatos.
 - 4.º - Reprovar todos os movimentos tendentes a criar estruturas paralelas no movimento sindical
- PELA UNIDADE DE TODOS OS TRABALHADORES
PELA UNIDADE DO MOVIMENTO SINDICAL PORTUGUÊS
AVANTE PELO CONGRESSO

Barreiro, 13 de Outubro de 1976

APROVADA POR UNANIMIDADE E ACLAMAÇÃO

Assina os trabalhadores da Equimetal

MOÇÃO

Os Trabalhadores da Equimetal, Barreiro, reunidos em plenário no dia 13 de Outubro de 1976, decidem:

- 1.º - Repudiar veementemente a forma anticonstitucional como o Governo se propõe alterar leis fundamentais para os trabalhadores sem consulta das organizações de classe, pretendendo designadamente:

- a) Limitar o direito de contratação colectiva.
- b) Facilitar os despedimentos sem justa causa.
- c) Impedir a segurança no emprego, através da generalização de contratos a prazo.
- d) Permitir a reintegração de fascistas saneados nas empresas.
- e) Devolver ao patronato as empresas que os trabalhadores salvaram da sabotagem económica, etc., etc.

- 2.º - Não reconhecer como interlocutor válido para consultar os trabalhadores, outra estrutura que não seja a Intersindical Nacional - Confederação Geral dos Sindicatos.

Barreiro, 13 de Outubro de 1976

APROVADA POR UNANIMIDADE COM ACLAMAÇÃO.

OS TRABALHADORES DA EQUIMETAL

MOÇÃO

Considerando que a polémica levantada por alguns sindicatos quanto à realização do Congresso de Todos os Sindicatos, tem fins políticos perfeitamente definidos, subordinado ao lema «dividir para reinar».

Considerando que o fim a atingir visa não o Secretariado da Intersindical, mas sim todo o movimento sindical.

Considerando que a recuperação do capitalismo passa pela cisão no movimento sindical, pondo em causa todas as conquistas alcançadas pelos trabalhadores desde 25/4/74.

Considerando que a lei sindical foi uma conquista de todos nós e posteriormente consagrada pelo Conselho da Revolução.

Os trabalhadores da CUF reunidos em plenário no dia 13/10/76, pelas 18 e 30 horas no Barreiro, decidem:

- 1.º - Manifestar à Intersindical Nacional e ao seu secretariado todo o apoio e solidariedade na organização do próximo Congresso.

- 2.º - Repudiar a revogação parcial da lei sindical por ela ter sido levada a efeito de forma arbitrária e sem consulta aos trabalhadores.

VIVA A INTERSINDICAL
VIVA A UNIDADE DE TODOS OS TRABALHADORES
EM FRENTE COM O CONGRESSO DOS SINDICATOS
UNIDOS VENCEREMOS

APROVADA POR MAIORIA COM 1 VOTO CONTRA E DUAS ABSTENÇÕES

MOÇÃO

Considerando que dentro do espírito da preconizada «austeridade» o Governo aumentou o preço aos adubos e autorizou o desconto único de 25% a toda a agricultura.

Considerando que os adubos têm papel preponderante na economia nacional e na revolução portuguesa, nomeadamente na Reforma Agrária.

Considerando que os pequenos e médios agricultores e as unidades colectivas de produção beneficiavam de 30% de desconto no preço dos adubos, enquanto que aos grandes agrários só eram concedidos 20%.

Considerando que estas medidas não são de austeridade mas sim contra os pequenos e médios agricultores e UCP com um agravamento de 5% nos custos e a favor dos grandes agrários beneficiando-os em 5% de desconto na compra dos adubos.

Em plenário a 13/10/76, no Barreiro, os trabalhadores da CUF como intervenientes na economia nacional e principais produtores daquele produto no País, decidem:

- Repudiar tais medidas no Governo, que consideram de atentatórias à Reforma Agrária, conquista dos trabalhadores consignada na Constituição, e assim também à economia portuguesa em geral

ACUT

Esta moção foi aprovada no plenário de trabalhadores da CUF, Barreiro e promovida pela CDD de Setúbal - aprovada por unanimidade e aclamação.

MOÇÃO

Os trabalhadores da Sociedade Portuguesa de Explosivos, SARL, reunidos em plenário no dia 12/10/76, para discussão do projecto de regulamento do Congresso de Todos os Sindicatos, considerando:

- Que o projecto de regulamento elaborado pelo Secretariado da Intersindical é o que defende a unidade dos trabalhadores;

- Que essa unidade tem de ser intransigentemente defendida;

Apoiar o projecto de regulamento elaborado pelo Secretariado da Intersindical Nacional.

OS TRABALHADORES DA SPE

APROVADA POR UNANIMIDADE E ACLAMAÇÃO

SAUDAÇÃO

Hoje, 13 de Outubro de 1976, desenvolve-se, aqui no seio das nossas empresas, algo de valor conquistado pelos trabalhadores nacionais: «As liberdades sindicais, a sua consolidação e defesa».

Camaradas da CUF e associadas. Os trabalhadores da Equimetal, reunidos às 17 horas de hoje, num plenário igual ao vosso, e com o mesmo sentido de responsabilidade e de dever de trabalhadores progressistas, que neste momento histórico do movimento operário português e de todas as classes laboriosas, sentem o dever de vos saudar, em igual momento, assim como os camaradas da Comissão Dinamizadora para o importantíssimo congresso sindical, proposto pela Intersindical, a nossa, e única Central Sindical Nacional à qual elevamos igualmente a nossas fraternais saudações.

Camaradas, só na unidade se faz a discussão e o esclarecimento para o avanço na defesa dos nossos direitos e deveres.

Camaradas, jamais alguma Revolução veiculou onde houvesse o divórcio das massas laboriais.

Camaradas, a unidade e vigilância a todas as tentativas de divisionismo. Não a processos idênticos ou parecidos ao da «carta aberta».

Viva a unidade dos trabalhadores no avanço da revolução rumo ao socialismo.

OS TRABALHADORES DA EQUIMETAL

S.  N.

MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/57190 arquivado 4, para o estabelecimento no lugar de Raposeiras, freguesia e concelho de Ponte da Barca, de uma linha aérea a 15 kV, com 46 metros, do apoio n.º 2 da linha para o Posto de transformação de S. Pedro de Vade, ao Posto de transformação de Raposeiras, da Câmara Municipal de Ponte da Barca.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 29 de Setembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S.  N.

MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal - EDP (ex-UEP), a que se refere o processo 8/57463, arquivado 4, para o estabelecimento nas freguesias de Sarilhos Grandes e Moita, concelhos de Montijo e Moita, de uma linha aérea a 30 kV, com 408 metros, do apoio n.º 80 da linha Coima-Montijo ao Posto de transformação da Federação de Municípios do Distrito de Setúbal, do lugar de Broega.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 29 de Setembro de 1976.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

RAFAEL J. CLAUDIN

Como despedir mais gente pelo mesmo dinheiro

«Como despedir mais gente pelo mesmo dinheiro» eis em síntese a opinião do homem da rua acerca das medidas económicas aprovadas no último Conselho de Ministros do Governo Suarez. Esta opinião popular baseia-se na modificação do Artigo 35.º da actual Lei de Relações Laborais que impedia o despedimento livre por parte do empresário, salvo o caso de este indemnizar razoavelmente o trabalhador.

Modificando o artigo 35.º, não só se deixa o trabalhador sem uma base legal de defesa do seu posto de trabalho como ainda se diminuem as importâncias a cobrar como indemnização. É ao sector mais combativo da classe operária espanhola que parece especialmente dedicada outra cláusula da nova lei, que permite às empresas com problemas financeiros reduzirem os seus efectivos até dez por cento. As empresas que até agora não reduziram os seus efectivos, porque este recurso lhes ficava muito dispendioso, poderão agora fazê-lo. O sentimento popular é o de que entre os novos desocupados irão figurar muitos dirigentes operários.

Em relação ao resto das medidas económicas adoptadas, a ideia geral é a de que defendem interesses muito minoritários e, portanto, não vão resolver os problemas que hoje se levantam à economia espanhola.

Além do congelamento brutal dos salários, unidos ao congelamento efectivo dos contratos colectivos, estipula-se que não poderá reduzir-se a jornada de trabalho, antes de 30 de Junho de 1977, minimizando-se assim as possíveis vantagens que os trabalhadores espanhóis venham a alcançar.

O controlo dos preços, que se anunciou como medida paralela ao congelamento salarial, não convenceu ninguém por diversos motivos. As novas disposições estipulam que ficam congelados todos os preços até ao dia 30 de Novembro e que o Governo fixará antes do termo desse período, uma série de artigos e serviços, cujos preços terão de subir menos que o custo de vida até ao fim do ano.

Supondo mesmo que não haverá fraudes ou infracções em matéria de preços, e que este congelamento se produzia de modo totalmente artificial, o «cabez de compras» experimental uma estabilização temporária que sofreria uma brusca sacudidela, terminado esse prazo. A níveis oficiais terá efectivamente um grande significado, já que o índice oficial do custo de vida — que servirá depois para limitar as subidas de salários — poderá ser quatro ou cinco pontos menor do que se esperava.

Revelando bem as diferenças de tratamento reservadas às distintas classes sociais, o Governo permite que as empresas distribuam dividendos superiores em dez por cento aos do ano anterior, e, paradoxalmente (pois as medidas se destinam pretensamente a incentivar a economia) limita a oito por cento do capital desembolsado aquele que as empresas de recente criação poderão distribuir. Limitação esta que não pode classificar-se de incentivadora para os investidores.

Contrária também aos possíveis investidores é a elevação dos tipos de juros, que

traz como consequência o encarecimento do dinheiro, produzindo uma retracção da actividade investidora e, em última instância, a manutenção se não o agravamento da desocupação do operário.

Dado o carácter contraditório das restantes medidas aprovadas — aumento de 20 por cento nas taxas alfandegárias, redução do consumo de energia na base da limitação da velocidade automóvel a 100 quilómetros horários, e aumento das tarifas eléctricas, etc. — cabe dizer que a perplexidade é geral. Ninguém podia imaginar que um momento de tão graves tensões políticas e sociais como este, o Governo Suarez pudesse vir com medidas que ainda aumentam mais essas tensões.

Efectivamente as centrais sindicais foram unânimes em destacar o carácter negativo do conjunto de medidas económicas e foram rapidíssimas em manifestar a sua oposição às disposições governamentais.

A U.S.O. (União Sindical Operária) acusou o Governo de responder com a repressão às reivindicações operárias e afirmou que os trabalhadores não têm nenhuma responsabilidade nas consequências que delas possam advir.

A U.G.T. (União Geral dos Trabalhadores) chamou a atenção para o carácter repressivo das medidas e advertiu que se concede o direito de livre despedimento aos empresários para que estes possam expulsar os dirigentes sindicais.

As Comissões Operárias (C.O.) denunciaram a tentativa do Governo de fazer recair o peso da crise sobre os trabalhadores. As três centrais foram unânimes em afirmar que as medidas são um desafio à classe operária e nas próximas reuniões da C.O.S. (Coordenação de Organizações Sindicais) vão ser estudadas as respostas possíveis e adequadas a esse desafio.

Não está afastada a hipótese de uma mobilização de massas à escala de todo o Estado, e a Imprensa espanhola recorda as recentes mobilizações gerais em França contra o «plano Barre». Se se pensava que as últimas intervenções públicas de Adolfo Suarez iam limar arestas e facilitar as coisas entre o Outono e a convocatória das eleições, foi o próprio Governo que se encarregou de desfazer essas esperanças.

Prevê-se que os próximos meses sejam mais «quentes» que nunca.

madeira

viagens especiais
em avião fretado

desde
2680.

29 Out a 1 Nov 3 noites
30 Nov a 8 Dez 8 noites

feriados de NOV e DEZ

EUROPE
a experiência ao serviço do turismo

Estrangeiro

PAIS BASCO

Violência dos "ultras" não abranda

MADRID, 19 (especial «DL»)
— Uma extraordinária tensão continua a reinar em Euzkadi — País Basco — onde pela primeira vez foram identificados os autores de uma das numerosas agressões que vêm sendo infligidas às populações. Trata-se de quatro polícias integrantes do corpo da «Guarda Civil» que estavam vestidos à paisana.

Os factos ocorreram na cidade basca de Durango — 40 000 habitantes —, onde a população celebrava festas locais desde o passado dia 10, domingo. Segundo a comissão popular dos festejos, às seis da tarde de terça-feira, dia 12, quatro indivíduos desceram de um carro e agrediram um jovem que levava uma «lurriça» — a bandeira basca — depois de a arrebataram violentamente. Arrastaram e pisaram a bandeira enquanto batiam no jovem. Quando outras pessoas quiseram intervir, os agressores sacaram as suas pistolas e conseguiram fugir.

Três desses indivíduos foram identificados como guardas civis. Destaque-se que a exibição pública da «lurriça» foi recentemente autorizada pelo ministro do Interior, razão pela qual toda a gente aparece com ela, especialmente nos dias de festa.

Inesperadamente, o próprio director geral da Guardia Civil, general Angel Campano, conhecido pelas suas posições ultradireitistas, confirmou na última quinta-feira que, efectivamente, eram quatro membros da sua corporação — dois em serviço e dois que não pertenciam à localidade de Durango, vestidos à paisana — os autores da agressão. Entretanto, Campano apresentava outra versão do facto: os quatro indivíduos haviam sido agredidos por um grupo que levava a «lurriça»...

Entretanto, a versão popular está referendada por uma assembleia de mais de mil pessoas, formada pouco depois para a reconstituição do sucedido e pelo próprio alcaide de Durango, que apresentaram uma denúncia formal ao quartel local da Guardia Civil.

Deste modo, dez dias depois do último atentado da organização paramilitar dos nacionalistas bascos, a ETA — V Assembleia, que custou a vida a um alto funcionário do regime e dos seus três guarda-costas, a onda de violências e terror desencadeada pelos «comandos» ultradireitistas contra a população basca ainda não diminuiu de intensidade.

San Sebastian (Guipuzcoa), Durango (Vizcaya), Santurce (Vizcaya) e Vitoria (Alava), são os locais onde ocorreram cruéis agressões durante os últimos dias. Especialmente castigado foi a vila de Durango durante quatro dias consecutivos. As «acções punitivas» foram protagonizadas por grupos armados com metralhadoras, correntes, porretes e varapaus. Os jovens foram particularmente «caçados», sobretudo os portadores de «lurriças» de qualquer tamanho e os participantes em festas populares.

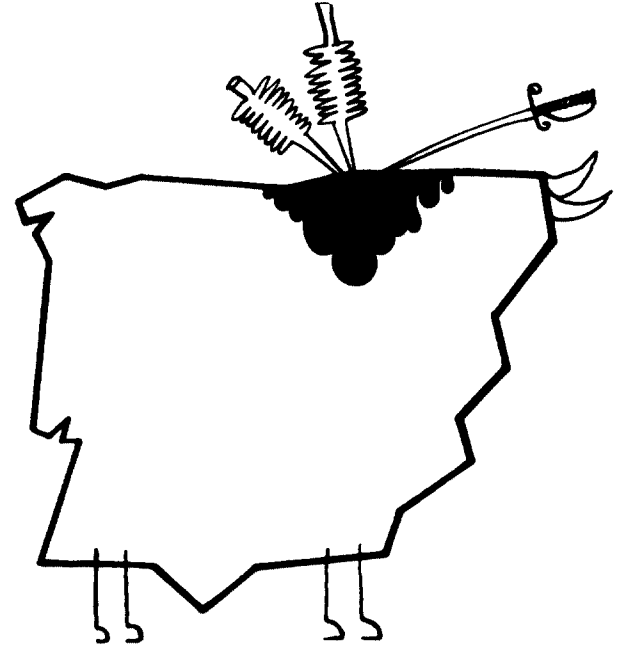
Mas talvez o caso de maior significação é o da cidade de San Sebastian, outrora tão animada. Depois do terror desencadeado na semana passada por centenas de activistas da extrema-direita, transformou-se numa cidade triste e apagada, possuída pelo medo distante de tanta provocação impune. Não obstante, um fenómeno extraordinário e de máxima transcendência ocorreu como reacção defensiva por parte da população: grupos de jovens voluntários patrulham noite e dia as principais zonas

da cidade para proteger as lojas, os cafés e a população em geral. São verdadeiros piquetes populares de autodefesa que foram criados pela necessidade e que funcionam com o apoio de toda a gente, ignorando-se se estão armados. Sabe-se também que vários proprietários de estabelecimentos públicos montam guarda aos negócios durante a noite armados com caçadeiras. Igualmente os moradores do Bairro Velho — que esteve a ponto de arder na semana passada, — têm aguardado os «comandos» direitistas durante a noite, prontos para recebê-los com azeite a ferver, vasos de flores e outros objectos contundentes.

Apesar das numerosíssimas denúncias apresentadas por comerciantes, proprietários de bares e cafés e pessoas agre-

didas, até agora ainda não existe qualquer detido com responsabilidade sobre os actos de violência. Os mais lúcidos observadores políticos da direita liberal mostram preocupação. Assim, Josep Meliá, membro da Câmara Legislativa franquista não vacilou em escrever que «a barbárie dos presumíveis partidários da ordem permitiu que a ETA consiga uma certa justificação entre muitos bascos». O colunista do diário católico «Ya», Luis Apostua adverte que «este é o mais grave dos problemas do governo. Ante este terrorismo incontrolado, o governo está revelando uma falha importante no exercício das funções de administrador do Estado».

Para já, as autoridades máximas da província de Guipuzcoa e da sua capital, San Sebastian, visitaram o presi-



dente do governo, Adolfo Suárez, na passada quarta-feira, para falar sobre o vandalismo e o terror que Guipuzcoa

sofre e da necessidade de pôr um fim na acção dos chamados «elementos incontrolados». Suárez fez promessas.



C. P. — Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 26 de Outubro de 1976, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração da cantina da estação de Setil.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 15 000\$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da C. P., a quantia de 3 000\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

- Setil
- Vila Franca de Xira
- Santarém
- Entroncamento
- Serviço Comercial da Região Centro
LISBOA (SANTA APOLÓNIA)
- Serviço Comercial da Região Sul
BARREIRO
- Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA - 2

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, estação de Santa Apolónia, 1.º andar, Lisboa-2, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração da cantina da estação de Setil».

Em ALVALADE-SADO o DIÁRIO DE LISBOA está à venda na PAPELARIA MARIA ADELAIDE

CONCEDER CRÉDITO é fomentar o desenvolvimento da sua empresa, mas é também um RISCO.

Aumente as suas vendas, com segurança.

A falência do seu Cliente pode arrastá-lo!

Segure o crédito que lhe concede.

A COSEC — Companhia de Seguro de

Créditos, E. P. — segura os riscos a que estão

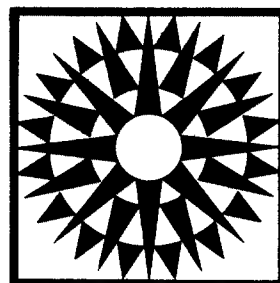
sujeitos os créditos (falência, concordata, mora, etc.), quer no mercado interno, quer

na exportação.

Um seguro barato para uma sólida segurança.

Informe-se.

Você poderá ser um dos interessados.



COSEC

companhia
de seguro
de créditos, e.p.

Av. 5 de Outubro, 101 — LISBOA 1
Telef. 76 01 31
Telex 1885, COSEC-P
Av. da Boavista, 967, 3.º, Esq.º
Telef. 69 60 39 — PORTO

Espectáculos

ESTREIA ESTA SEMANA

"Lendas Portuguesas" na Casa da Comédia

Está prevista para esta semana a estreia do terceiro espectáculo do Grupo de Trabalhadores da Casa da Comédia: «Lendas Portuguesas».

Trata-se de um texto preparado a partir de versões do IV

Livro de Linnagens, do Conde de Barcelos, e do Romanceiro, de Almeida Garrett, compilado, dramatizado e encenado por Manuel Machado. A música é de Ana Montenegro e os cenários e figurinos de Vitor An-

dré.

Este espectáculo aparece agora na Casa da Comédia após uma digressão pelo País, que levou o grupo, durante o mês de Setembro, ao encontro do povo das regiões interiores onde as lendas contadas na peça existem, ainda, na memória das pessoas ou têm lá, bem vivas, as suas raízes ancestrais.

Depois de dois espectáculos baseados em poemas de Manuel Alegre (Um barco para Itaca) e de Guerra Junqueiro o

Grupo de Trabalhadores da Casa da Comédia apresenta assim o seu terceiro trabalho de divulgação de textos singulares da literatura portuguesa com abertura privilegiada do teatro a alunos do ensino médio.

«Lendas Portuguesas» é um espectáculo classificado para todos e os estudantes têm entrada livre. Estão previstas sessões quintas, sextas, às 21 e 30 e sábados e domingos, às 18 e às 21 e 30.

"The London Contemporary Dance Theatre" em breve em Lisboa

A companhia de bailado «The London Contemporary Dance Theatre» que actuará brevemente em Lisboa, foi fundada em 1967, sendo considerada um das principais companhias de bailado moderno do mundo. O seu trabalho, originalmente intimamente baseado nas técnicas e estilo de Martha Graham, passou mais recentemente a desenvolver um estilo próprio. A companhia tem efectuado grandes tournées na Europa Ocidental e Oriental e na América do Sul.

Entretanto, na sede do Instituto Britânico, Rua Luís Fernandes 3, estará patente a partir do dia 18 de Outubro até ao fim do mês uma pequena exposição de livros, revistas e fotografias sobre ballet efectuando-se também a apresentação dos seguintes filmes sobre bailado: «Tales of Beatrix Potter» dançado por membros do Royal Ballet. Este filme é baseado nos contos para ci-

ranças da escritora britânica Beatrix Potter. Música de John Lanchbery e coreografia de Sir Frederick Ashton; «An evening with the Royal Ballet» com Margot Fonteyn, Rudolf Nureyev, David Blair, Annette Page e Brian Shaw. Apresentação por Tomás Ribas; «Enigma Variations» Música de Elgar, coreografia de Sir Frederick Ashton, bailado por membros do Royal Ballet; «Solo for Four People» Música de Bob Downes, coreografia de Normam Morrice, bailado por membros do Ballet Rambert. Apresentação da parte musical de Enigma Variations por Edward Lloyd e de bailado por Pirmir Treou, antigo primeiro bailarino do London Royal Ballet; E «The London Contemporary Dance Theatre» Palestra por Robert Cohan, Director Artístico Fundador da LCDT, e apresentação do filme «The Place» descrevendo o trabalho da LCDT.



O grupo num ensaio de leitura de Fernão Lopes

Grupo de Campolide ensaia Fernão Lopes

O Grupo de Campolide está a ensaiar uma peça a partir da Crónica de D. João I, de Fernão Lopes, numa adaptação de Virgílio Martinho. A peça que se intitula «1383», deverá subir à cena em Dezembro, com encenação de Joaquim

Benite.

Para este espectáculo o Grupo não obteve subsídio do Fundo de Teatro, pelo que está a promover uma campanha de angariação de fundos que lhe permita custear as despesas de montagem da peça.

II Quinzena Cultural da "Copinfor"

Na continuação das actividades culturais levadas a cabo pela «Copinfor» (Cooperativa Popular de Informação) está a realizar-se a partir de ontem e até ao dia 31 do corrente, a II Quinzena Cultural desta cooperativa cujo programa é o seguinte: Hoje, dia 19, «Camaradas» — filme; 20, Grupo de Dinamização Popular — cantares; 21, «Renascença» — filmes e «slides»; 22, «Tupamaros» — filme; 23, «Procissão de bêbados» — filme; 24, Peça

infantil às 16 horas; 25, «Angola» — filme; 26, «Nascer, Viver, Morrer» e «Uma Alzira como Outras» — filmes; 27, Os caminhos da liberdade e direito à habitação; 28, Questões de saúde popular — debate; 29, «Las Hurdes» — filme; 30, «Luta do Povo» — filme vietnamita e, dia 31, Teatro infantil pelo grupo «O Bando».

As sessões terão início às 21 horas e efectuar-se-ão na Rua da Imprensa Nacional, 21-A.

João de Freitas Branco falou de música na R.D.A.

O primeiro alcaide de Dresden, Gerhard Schill, recebeu o presidente da Sociedade de Amizade Portugal-RDA, dr. João de Freitas Branco, a quem informou sobre o desenvolvimento da cidade, a sua reconstrução a seguir à guerra e as actividades científicas culturais que ali se realizam.

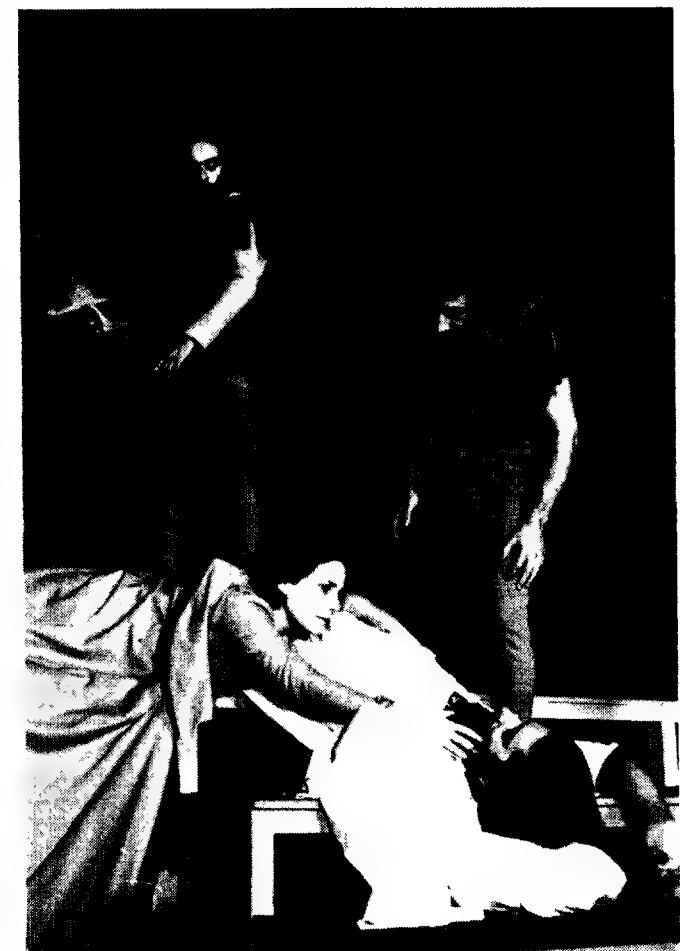
O dr. João de Freitas Branco, que efectua uma visita de estudos à RDA a convite da Liga Pro-Amizade entre os Povos, proferiu uma conferência nas Escolas Superiores de Música «Carl Maria von Weber», sobre as obras musicais portuguesas do século XX.

"Enterrai os Mortos" em Leiria

A peça «Enterrai os Mortos», de Irwin Shaw, será estreada em Leiria, no próximo dia 22, numa interpretação do Grupo de Teatro do Orfeão daquela

cidade.

O espectáculo será levado à cena no Teatro José Lúcio da Silva, pelas 21.30 horas.



Uma cena das «Lendas Portuguesas» com Manuela Machado

Ribeirinho, 47 anos depois...



Para assinalar o 47.º aniversário da sua estreia como actor, um grupo de artistas de teatro homenageou Francisco Ribeiro (Ribeirinho, como o público o conhece), reunin-

do-se num restaurante da capital. Ribeirinho, 47 anos depois, trabalha na Companhia ABC, à frente dos actores da revista «Cada cor seu paladar».

COLISEU

TODAS AS NOITES às 21.30 horas
Quintas e Sábados «matinéas» às 16 h.
Domingos «matinéas» às 14.30 e 17.45 horas

SEMPRE — SEMPRE CHEIO! VEJA VOCÊ TAMBÉM A

OLIMPIADA DE CIRCO!

2 Alegres paradas de palhaços 2
6 Fabulosos números de animais 6
100 ARTISTAS 100

14 Países numa grande competição 14

NEARTO

grupo 4

O CIRCULO DE GIZ CAUCASIANO



De 3.ª a 6.ª feira às 21.15

Sábado, também às 15.30

DOMINGO SÓ às 16 h

ÚLTIMAS

TEATRO / telef. 366745

ABC

Nada adianta...

Sucesso é



PAZADOR

(4.ª feira, descanso da Companhia)
N/ acons. a men. 18 anos

CASINO ESTORIL
SLOT MACHINES JAMES DE 21 ANOS
TODOS OS DIAS das 10h às 1h
CASA DE JOGOS

GLENN WESTON
VEGETA DA RADIO E DA TV INGLESA
The WALGARDI BROTHERS
ELSA COIMBRA
LES BALLETS de PIERRE FRANCK
"HIGH TENSION"
"LATINOS COMBO"
ORQ. CASINO ESTORIL dirigida por Ferrer Trindade
LES KAYATS
"STRIP-SHOW" SONOWONDER BAR
SALA ORISTAU "RAN" Teas 23,30 (não aconselhável a M. 15)
WONDER BAR a 100 (interdito a M. 18)
Consumo mínimo, Sábados 110\$00 - Restantes dias 120\$00 (taxas e impostos incluídos)
MATINEE aos DOMINGOS às 17 horas
Chá completo, 70\$00 (taxas e impostos incluídos)

Televisão

Canal da Crítica

A TELEVISÃO COME O PÃO DO DIABO

O pão faltou nas padarias. É uma questão muito séria: dai-nos, Senhor, o pão nosso de cada dia...

Por que foi que o pão faltou? Porque o patronato boicotou sistematicamente o Contrato Colectivo de Trabalho. Porque, esgotadas as formas de negociação e a paciência, os trabalhadores se viram compelidos a lançar mão da arma da greve, utilizando um direito que a Constituição lhes confere.

É evidente que as greves são impopulares, constituem armas de dois gumes, podem voltar trabalhadores contra trabalhadores. Será assim para uma greve de transportes, ou do comércio retalhista, ou dos jornais. A dos padeiros não podia fugir à regra.

O que numa Televisão seriamente ao serviço dos trabalhadores deveria fazer, no mínimo, seria informar o povo das razões dos padeiros, suscitar entre as camadas trabalhadoras em geral a simpatia pela luta dos trabalhadores do pão. A simpatia e a solidariedade. A posição correcta seria canalizar a antipatia da opinião pública para o alvo certo: o patronato sabotador do Contrato Colectivo de Trabalho.

Isto é o que infelizmente a Televisão não faz. Pelo contrário. A reportagem do pão a sair do forno e a cair lenta, gostosamente, nos grandes cestos, fomenta a saudade e o desejo do pão. As cenas dos industriais e familiares que substituem os trabalhadores, não denunciam a manobra: aprovam-na e perdoam-na! E jogam-se todos os cordelinhos de sentimentalismo: os pobres que precisam de pão, e as crianças, tadinhas, e os meninos que vão para a escola e não podem levar a merenda...

Em plena rua de Lisboa, junto a um prédio de construção, mesa tosca apoiada nas pedras, ouvi um pedreiro dizer: «Para apoiar a luta dos padeiros, eu não me importava só de não comer pão: eu não me importava mesmo de não comer nada.»

Isto ouvi eu. A Televisão não ouviu. Pena. Decerto ouviria,

se procurasse ouvir os trabalhadores responsáveis em lugar de explorar a despolitização e a angústia das mulheres atormentadas pelo custo de vida.

Que ainda não sabem que a dignidade tem um preço. Hoje por eles, amanhã por nós. Não sabem porque a Televisão não o ensina. Esta Televisão nojenta que não nos deu, ao menos, uma única palavra das que foram pronunciadas no plenário dos padeiros...

Calmamente, evitando situações de bicos sem saída para que o patronato pretendia empurrá-los, os trabalhadores saberão escolher as formas de actuação mais adaptadas às circunstâncias. Tudo seria mais fácil se a Televisão os acompanhasse e os ouvisse a eles — em vez de lamber as botas aos ministros, aos secretários e aos industriais. Mas a Televisão, mais uma vez, mostrou de que lado está.

A ARANHA

Terrorismo é coisa de que já se não fala. Nem mesmo no Porto, que era de onde em geral nos vinha a informação. Realmente, é aborrecido estar sempre a falar da mesma coisa...

Dos saneamentos do dr. Cardia foi coisa de que a Televisão Portuguesa nunca fez caso. Aliás, nem se tratava de saneamentos: eram «cessação de funções» ou «função de cessações», não me recorde bem... Sendo certo que o *Telejornal* não se esqueceu nunca de reportar as tomadas de posse dos novos secretários e subsecretários e directores-gerais e outros bichos que tais.

Mereceu pouca — nenhuma, quase — atenção por parte de Lisboa a não abertura formal das aulas. Duas palavrinhas do impenetrável Cerqueira — e já está. A batata quente foi passada para o Porto.

Aquele estabelecimento, com 3100 alunos, precisa de 180 professores, o que dá uma média de 17 (en!) e só tem 140...

Outro precisa de 218 e só

conta com 150. Não pode, portanto, lançar mãos ao trabalho.

Pelos modos, só há problemas no Porto. Em Lisboa, *tout va bien, monsieur le Cardia*.

Evidentemente, os saneamentos, as alterações intempestivas, as substituições infelizes, têm um preço. E ainda agora a procissão vai na praça. Mas a Televisão — vocês não de ver... — é superior a essas coisas, o que verdadeiramente lhe interessa são as eleições na República Democrática Alemã sobre as quais não se esquece de deitar a dose de veneno, segundo a arte da aranha.

ACABEM COM ISSO!

Portugal tem conhecido tempos difíceis. Não apenas agora, como algumas boas almas nos querem fazer crer. A vida do nosso país nunca foi um mar de rosas. Nem mesmo quando foi um mar de cravos.

Encurtemos razões: a História pariu Portugal penosamente. Tivemos de gatinhar de cota e durindana. Quantos sacrifícios, quantos heróis, quantos mártires dentro do nosso povo para garantir uma vida livre e independente...

Entre os nomes vários guardados na memória histórica ou nessoutra espécie de memória através do nevoeiro que é a lenda, está o de Gonçalo Mendes da Maia. Poucos lidaram como ele para defender a independência da pátria nascente.

Parece que merecia isto outra atenção dos meninos que executam ou dos adultos que se responsabilizam pela rubrica «História à vista». Não mereceu. Os meninos e as meninas afundaram a personalidade e a história do *Lidador* na bagunça, na confusão, na leviandade.

Na rubrica em questão, confunde-se o teatro a brincar (por antonómia do *teatro a sério*, responsabilidade que as crianças não podem assumir e que tão frequentemente redundam em situações ridículas) com a caricatura da brincadeira em forma de brincadeira. Não há nada mais decepção-

Por MARIO CASTRIM

Hoje



O Detective Aristocrata

- 18.30 Abertura
18.32 Formação — trabalhos com gesso.
18.50 Peco a Palavra — Miniassembleia de crianças em que são debatidos os seus problemas de hoje e votadas algumas soluções. A equipa técnica teve a direcção de Félix Ferreira e o cenário é de Eduardo Lemos.
19.20 Hickory Wind — «Bluegrass» é um estilo musical nascido da convergência de outros estilos: esta música provinciana tradicional, que ainda hoje se ouve nos EUA, acompanhou os emigrantes ingleses, escoceses, irlandeses, galeses e alemães nas suas rotas para o «far-west».
19.50 Telecinema — Revista de actividades cinematográficas.
20.30 Telejornal — 1.ª edição.
21.05 Momento político
21.30 Um homem uma época — Evocação da figura e da época de D. Diniz.
22.02 O Detective Aristocrata — Policial. Série realizada por Hugo David com Ian Carmichael no papel de Lord Peter Wimsey.
23.15 Telejornal — 2.ª edição.
23.30 Fecho.

DESTAQUES

I PROGRAMA

O Detective Aristocrata

(22.20)

Amanhã

18.30 Abertura e ABRE-TE SESAMO — infantil; 19.00 Os Homens, os livros e as coisas. Um programa de Joaquim Manuel Magalhães. 19.30 Ligeiríssima. Mais uma edição do magazine da música ligeira e dos espectáculos. Apresentação de Pedro Castelo. Produção de Fernando Penalva. 19.45 Totobola; 20.00 Formas de ver. 3.º Programa. Esta série pretende pôr em causa alguns pressupostos criadores sobre a tradição da pintura europeia. 20.30 Telejornal — 1.ª edição; 21.00 A música e o silêncio — A Censura. Um programa de António Victorino de Almeida. 21.30 Dez reis de esperança (Due Soldi di speranza) Realização de Renato Castellani; Argumento de Renato Castellani, Margherita e Titino De Filippo; Fotografia de Arturo Callea; Música de Al-Cicognini. 23.15 Telejornal — 2.ª edição. 23.30 Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIENCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 722786-834271

Avenida S. João de Deus, 13 B. Rua Macau, 8



HOJE: às 20.30 e 22.00
Domingos ... Matinées às 16 h.

4.ª FEIRA

Descanso da Companhia
(Não acons. MEN. 18 anos)



teatro do bairro alto

R. Tenente Raúl Cascais
1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15. 66 92 05



Tambores na Noite de Bertolt Brecht

TODOS OS DIAS
AS 21.30
DOMINGO, AS 18 H.
2.ª Feira descanso

BREVEMENTE
A «ALTA ÁUSTRIA»
de KROETV



O PROCESSO DIMITROV

A inteligência brilhante duma das mais notáveis figuras políticas da Europa contra a maquiavélica máquina nazi.



com STEFAN GUETZOV • WILLIAM POLONIY • FRANK OBERMANN
Realização de CHRISTO CHRISTOV • Não aconselhável a menores de 13 anos

HOJE ÀS 21.15 ESTREIA

estudio

Desporto

FUTEBOL DEPOIS DO "DESAIRE"

Boavista espera o Levski

Teve pouca sorte o Boavista, não apenas perante a categoria do contrário que lhe toca na 2.ª eliminatória da «Taça das Taças» (o poderoso Levski, da Bulgária) mas, também, com o desânimo do público portuense, nitidamente afastado de grandes entusiasmos futebolísticos após a triste exibição da selecção elaborada pelos federativos.

Daí que haja, ainda, montes

de bilhetes para o jogo do Bessa, previsto para as 15 e 30 de amanhã, sob arbitragem do galês Clive Thomas. Anuncia-se que o prémio boavistense será, em caso de ultrapassagem do parceiro de festa, da ordem dos 7500 escudos para cada «axadrezado»; todavia, as largas dificuldades que esperam o «team» de Mário Wilson são ainda agravadas pela deficiente condição física de

algumas unidades-base do seu bloco (Salvador e Mário João, especialmente).

De qualquer modo, nada está perdido: e o estágio principiou, envolvendo 17 futebolistas (Botelho, Serafim, Trindade, Amaral, Carolino, Artur, Barbosa, Francisco Mário, Celso, Branco, Nogueira, Jorge Gomes, Alberto, Albertino, Mário João, Mané e Salvador).

ESCOLHAS

Dois jogadores da 2.ª divisão estão incluídos no bloco de convocados para os trabalhos da selecção de «esperanças», que se concentra esta tarde e amanhã, no Jamor, para o primeiro teste. Eis a relação dos escolhidos: Cardoso (Atlético); Paulo Costa e Freitas (Académico); Fernando Martins e Gaspar (Estoril); Gacês e Sousa (Beira-Mar); Jorge (Portimonense); Rodrigues Dias (Montijo); Eduardo Luís (Marítimo); Frederico (CUF); Folha (Leixões); Matos Valter, Barão e Libânio (Sporting); Eurico, Chalana e José Luís (Benfica); Teixeira II, Carvalho e Gomes (F.C. Porto); Lima, Isidro e Amaral (Belenenses).

Por seu turno, igualmente se entendeu por bem (em face dos desaires do grupo que se biconfrontou com polacos) chamar mais figuras júniores

a prestar provas. Igualmente no relvado do Jamor (amanhã, pelas 16) teremos: José Pires (Atlético); Figueiredo (Belenenses); Batanete (Académico); Teixeira (Desportivo dos Olivais); Nelito (Sporting de Braga); Manuel Jorge I (F.C. Porto); Artur e Mota (Sporting); Spender (Almada Atlético Clube); Manuel Jorge (Vilanovense); Borba e Oliveira (Torres Novas); Grilo (Caldas); Jorge (Benfica); Chico (Oliveirense); Rafael (Farense); Conceição (Vilafranquense).

ANTECIPAÇÃO

A partida Leixões-Estoril, para fugir à concorrência do F.C. do Porto nas Antas, foi antecipada para as 15 horas do próximo sábado, no Estádio do Mar.

VIAGEM

Passeio bonito para o Fafe: três jogos previstos para realizar em França, a partir de 11 de Novembro.

CONTAS

Para que o antigo atleta conimbricense Barros, receba do União o dinheiro em débito há várias épocas (11 contos) foi criado um bilhete especial, para o jogo da colectividade com o Sporting da Covilhã.

LEIXÕES

Enquanto se agravam os padecimentos de Folha, e o jogador matosinhense fica na iminência de ter de voltar para um hospital, o Leixões dispensa Sidon, Licínio e Narciso.

FESTA

A 27 do corrente, pelas 21 e 30, o valecambrense Macedo é festejado durante uma partida entre o seu clube e o Feirense.

ILHAVO

Com a presença de equipas da região o Illiubum Clube está a realizar até 6 de Novembro, mais um torneio de Futebol de Salão (o 3.º este ano) cujos encontros se efectuam no Pavilhão dos Desportos da vila de Ilhavo. Participam na competição, que tem despertado entusiasmo entre os adeptos da modalidade, as seguintes equipas: Gal. do Vestuário (2.ª



Albertino: o Bessa à espera de uma confirmação

classificada no torneio de Verão do Illiubum, neste ano) Juv. de Salreu (2.ª classificada no torneio de Aveiro deste ano); Neves e Capote (4.ª classificada no torneio de Verão do Illiubum e vencedora da «Taça Disciplina») Unimar (4.ª classifica-

da no torneio de Aveiro deste ano); Sonovisão (ex-equipa da Vista-Alegre), vencedora dos torneios do Illiubum nos anos de 1974 e 1975 e Acrof (2.ª classificada no torneio de Esqueira-Aveiro em 1976).

IMPRESA POLACA COMENTA

"Táctica de Pedroto não funcionou"

«Uma batalha vitoriosa à chuva e na lama» — salienta o diário desportivo «Przeglad Sportowy» ao comentar o encontro de qualificação para o Mundial de Futebol de 1978, disputado no sábado, no Porto, entre as selecções de Portugal e da Polónia.

E o jornal prossegue: «Durante mais de um ano a nossa equipa foi tocada pela infelicidade. Era tempo de isto acabar. Jacek Gmoch preparou um plano tático esplêndido, exacto e inovador. Os portugueses estão muito bem treinados, desenvolvem um jogo rápido e bonito. E tem de se dizer que tiveram pouca sorte ao deparar-se-lhe um adversário tão cuidadosamente preparado».

O «Przeglad Sportowy» cita Jacek Gmoch como tendo dito que está muito satisfeito com a sua equipa, não só por causa da vitória sobre Portugal, mas porque a equipa parece estar a recompor-se, prometendo ainda melhores exibições no futuro.

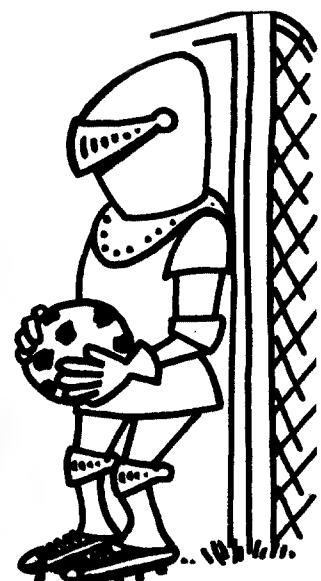
O «Trybuna Ludu», num comentário intitulado «um começo magnífico para a equipa polaca na fase de qualifi-

cação», declara: «O onze polaco arrancou uma esplêndida e surpreendente vitória sobre um adversário muito difícil. Raramente os jogadores portugueses cedem pontos na sua casa. O jogo no Porto, trouxe um reflexo dos melhores dias do futebol polaco. Três hurras para a equipa polaca e o seu novo seleccionador».

Outro diário, o «Sztandar Młodych», inicia o seu comentário ao encontro dizendo: «Eles esperavam encontrar a dificuldade do vento que sopra do Atlântico e ser sufocados pela temperatura. Mas o tempo virou-se a favor dos polacos». E prossegue, escrevendo que, em muitos aspectos a equipa polaca assemelhou-se à que se guindou à escala do êxito, na fase final da anterior Taça do Mundo.

«Parece que a tática escolhida pelo seleccionador português, José Pedroto, que preferiu o Porto, pelo seu clima específico, não funcionou. O melhor que os futebolistas portugueses tinham para oferecer, isto é, o passe curto e a destreza técnica, perderam muito do seu esplendor num campo enlameado. Mas não foram só as carências da equipa portuguesa que permitiram aos polacos ganhar. Jacek Gmoch adaptou a tática certa. Os polacos lograram «paralisar» os seus oponentes, evitando assim, que eles fizessem aquilo que gostariam de ter feito...».

O TRAÇO DE PARGANA



Um guarda-redes para a nossa selecção de futebol



«GUERLAIN» lança «BATONS», «VERNIZES» e «SOMBRAS», PARA O OUTONO-INVERNO-76-77; cores de flores, cores do tempo. Os coloridos mais gritantes («BATONS» e vernizes) são: «FENFOLLET», «CABRIOLE», «ROSE ANTIQUE» e «INCÓGNITO». Cores de «GUERLAIN», cores que valorizam

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa CONVOCATÓRIA

A pedido de 200 sócios (ponto 3.4.1 dos Estatutos) convocam-se todos os professores sindicalizados de todos os sectores de ensino, para um plenário a realizar no dia 21 de Outubro, pelas 20,30 horas na Aula Magna da Reitoria da Cidade Universitária.

- O T 1. Discussão do Regulamento do Congresso dos Sindicatos
2. Votação das Alternativas

A DIRECÇÃO

COMUNICADO DA DIRECÇÃO A TODOS OS PROFESSORES

A Direcção do Sindicato convoca todos os professores sindicalizados para um plenário a realizar, por proposta de um grupo de sindicalizados.

O objectivo do plenário é discutir sobre o Congresso dos Sindicatos e das formas de construirmos a unidade com todos os trabalhadores.

A posição de direcção é clara: é a posição defendida no seu Programa de candidatura no qual votaram mais de 50 por cento dos professores.

A nossa posição é a defesa intransigente da unidade, unidade que infelizmente ainda não existe, mas que é possível conquistar. Todos os trabalhadores a desejam, todos os trabalhadores deste País querem uma Central Única, democrática e independente.

A forma de o conseguir não passa pelo 2.º Congresso da Intersindical, de que os trabalhadores não esquecem a política sindical seguida pelo seu Secretariado durante dois anos e meio, e por isso a rejeitam.

Passa sim pelo Congresso preparado na base de uma Comissão Organizadora responsável, uma Comissão Organizadora na qual as diversas tendências do movimento sindical tenham a possibilidade de exprimir e defender os seus pontos de vista, que são os pontos de vista de centenas de milhares de trabalhadores, tanto dum lado como doutro.

É por isso que defendemos a *paridade* da Comissão Organizadora.

Quem tem medo da paridade?

Nós e os outros trabalhadores não temos medo da paridade.

Nós e os outros trabalhadores não temos medo da unidade.

Em vários sindicatos têm-se realizado Plenários para discutir esta questão.

A Direcção Sindical da Grande Lisboa constata que em todos eles tem havido ataques, calúnias, assobios, tentativas de provocar conflitos impeditivos da prática da democracia nesses Plenários.

— Consta que as tentativas para impedir a democracia no seio dos plenários vêm da parte daqueles que dizem defender também a unidade.

— Pensa que ataques, calúnias e assobios só podem ser feitos por quem quer a cisão.

A Direcção do Sindicato dos Professores não aceita estes métodos.

Se no plenário convocado para discutir estas questões, não houver o respeito pelas opiniões de cada um, não houver a liberdade de discussão, a Direcção do Sindicato desde já avisa não dar o seu aval a tal plenário.

A Direcção apela para que todos os professores venham ao Plenário, participem nele activamente, sem medo e sem coacções, para que este plenário possa ser um passo decisivo na clarificação de todas estas questões, para que de parte a parte, sejam discutidos os problemas que nos preocupam com o objectivo único que nos deve determinar a todos: construir a Central Sindical Única, democrática e independente, onde todas as correntes de opinião, existentes no seio dos trabalhadores, tenham direito e possibilidade prática de expressar-se.

Lisboa, 18 de Outubro de 1976

Pela Direcção

Desporto

LA FORA

TRAGÉDIA

Cinco crianças morreram espezinhadas quando cerca de 30 000 pessoas que se encontravam no estádio nacional de Kingston (Jamaica) se precipitaram desordenadamente para as portas de saída, para fugirem à chuva torrencial que subitamente começou a cair. Calcula-se que 100 pessoas ficaram feridas.

Testemunhas oculares disseram que espectadores que estavam nos lugares desobertos do Estádio (com capacidade para 45 000 pessoas) procuraram as portas de saída para se abrigarem da chuva torrencial. No estádio iria ter lugar, dentro de minutos, um festival envolvendo 5000 participantes, destinado a assinalar o «Dia Nacional dos Heróis da Jamaica»: a festa, na qual tomavam parte bandas de música e grupos corais de toda a ilha, foi imediatamente cancelada.

As crianças mortas deviam ter menos de 10 anos de idade. Círculos hospitalares informaram que entre os feridos havia também muitas crianças.

O primeiro-ministro Michael Manley, que se encontrava na altura no estádio, não escondeu a sua comoção ao ter conhecimento das mortes.

OBSERVADOR

Portugal estará presente (como «observador») na Olimpíada Internacional de Xadrez, que decorrerá em Trípoli (Libia) de 23 do corrente a 16 de Novembro. A representação portuguesa é constituída pelos seguintes jogadores: Luís Santos, António Pereira dos Santos, João Andrade, Andresen, Joaquim Anibal, José Bastos e Vítor Simões, Manuel Matos («capitão» da equipa) e Gonçalo Leal (chefe da delegação e membro da direcção da Federação Portuguesa de Xadrez).

HÓQUEI PATINADO

O Comité internacional de «Rink Hockey» marcou já as datas para a realização das próximas competições europeias («Taça dos Caméões Europeus» e «Taça dos Vencedores de Taças»). Primeira eliminatória (12 e 16 de Março); 2.ª eliminatória (9 e 23 de Abril); 3.ª eliminatória (7 e 21 de Maio) e final (4 e 18 de Junho). Os sorteios estão marcados para o próximo dia 11 de Dezembro, no Instituto Nacional de Educação Física, de Madrid.

Quanto ao torneio dos «Vencedores de Taças», no qual os clubes têm de se inscrever até ao dia 15 de Novembro próximo, ainda não há a certeza da sua realização, dado que, até agora, apenas seis países confirmaram a inscrição.

Basquetebol em 3 frentes internacionais

A equipa feminina do C. I. F. parte por via aérea para Toulon (França) onde amanhã ao fim da tarde, defrontará o C. S. Toulonnais, em jogo a contar para a eliminatória da Taça das Taças em basquetebol feminino. A representação portuguesa é constituída pelos seguintes elementos: Ana Fernandes e José Cordeiro (dirigentes); Vítor Hugo (treinador) e 11 jogadores (Teresa dos Santos, Margarida Nortadas, Manuela Santos, Isabel Pais, Gabriela Amaral, Filomena Furtado, Dulce Pinheiro, Irene Rodrigues, Maria Novikoff, Sílvia Lima e Bernardette Mac Donald).

A equipa portuguesa regressa a Lisboa, na 5.ª-feira a noite. O segundo encontro terá lugar no pavilhão do Estádio da Luz, no próximo dia 27, ao fim da tarde.

O Sangalhos e o Alco de Bologna (Itália), defrontam-se esta noite, no pavilhão do clube português em encontro da primeira «mão» da eliminatória inicial da Taça Korac ainda em basquetebol. O técnico do Sangalhos (Manuel Barbosa) convocou para o desafio os seguintes jogadores: Nelson Costa, Cabral, Eugénio, Carvalho, Rui Abrantes, Raul Vala, José Manuel Neves, Vítor Lincho, Francisco Madureira e William Harner (Bill), este ainda em du-

vida pois encontra-se em recuperação duma operação ao joelho, feita, durante o defeso, nos Estados Unidos.

Por seu lado, a formação sportinguista embarcará amanhã para Lugano (Suíça), onde lhe compete actuar para a fase preliminar da Taça dos Campeões Europeus, na modalidade de basquetebolística. Com os dirigentes Orlando Naia e Ramos Casaca, o massagista José Veiga e o jogador-treinador Mário Albuquerque, viajam mais seis elementos, a escolher de um lote que inclui Quim Neves, Rui Sousa, Nelson Serra, Sobreiro, Encarnação, Hélio Silva, Roque e Freitas.

PORTUGAL

OEIRAS

Todos os domingos (a partir das 9 e 30), há «manhãs desportivas» dedicadas a praticantes de futebol, em organização do sector da Educação Física e Desporto da Associação de Moradores de S. Julião da Barra (Oeiras). Local do convívio: Quinta dos Ingleses, em Carcavelos. **Apareça, traga as sapatinhas e venha perder barriga:** dizem os convites, profusamente divulgados.

ATLETISMO

Carlos Lopes (Sporting) através da Federação Portuguesa de Atletismo, acaba de ser convidado para participar em várias provas de Inverno no estrangeiro. Chegaram os seguintes convites para o corredor português: 24 de Outubro-Rennes (França); 21 de Novembro-Grenoble (França); 28 de Novembro-Clemon-Ferand e Caen (França); 5 de Dezembro-Cross de Vanves (França); 19 de Dezembro-Cross de Volpiano (Turim-Itália); 16 de Janeiro de 1977 «Cross de Wingene» (Bélgica) e «cross de Egoibar» (Giupuzcoa, Espanha); 13 de Fevereiro - «Cross de Dudlin» (Irlanda). Além destes convites, há ainda os dos «Cross de S. Sebastian» (Espanha) e da Corrida de S. Silvestre (S. Paulo, Brasil).

ANDEBOL

A equipa de «Os Belenenses» e o Hapoel defrontam-se na 1.ª eliminatória da «Taça da Europa de Andebol», em Israel, nos dias 23 e 25 do corrente.

rente. A representação portuguesa, que parte na próxima 5.ª-feira, por via aérea para Israel, é constituída pelos seguintes elementos: Joaquim Jorge, Esteves Martins e Orlando Lopes (dirigentes), António Cascais (treinador), Fernando Santos (massagista) e 16 jogadores (Carrasco, José António, José Manuel, Ferreira, Jorge Rodrigues, José Carlos, Espadinha, Sousa, Armando, Rafael, Nuno, Hernâni, Ricardo, Vieira, José Francisco e Carlos Jorge).

PUGILISMO

Mais uma sessão do campeonato de iniciados, organizada pela Associação de Boxe de Lisboa, na noite de amanhã, no Pavilhão dos Desportos.

HÓQUEI EM CAMPO

Reunião de delegados de clubes inscritos na Associação de Hóquei em Campo de Lisboa, pelas 21 horas de 5.ª-feira.

XADREZ

Cumprindo mais uma jornada do programa da sua deslocação a Portugal, o xadrezista soviético Alexey Suetin conduziu ontem, no Liceu Pedro Nunes, uma «simultânea» com 30 jogadores federados. O «grande mestre» sentiu algumas dificuldades, tendo consentido uma derrota frente ao jovem jogador português Alvaro Pereira, para além de 9 empates (com Eduardo Varela, Luís Borges dos Santos, Alberto Fernandes, Horácio Neto, José Bandeira Costa, Alvaro Ilharco, Jorge Morgado, João Faria e António Fernandes). Em outra «simultânea», conduzida pelos

«mestres internacionais» portugueses (Fernando Silva e Joaquim Durão) jogando em passagens sucessivas perderam apenas dois jogos face a António Cabral e Vítor Franco e empataram outro com Raul Vicente.

No começo da sessão foram entregues a Fernando Silva e a Joaquim Durão, por Alexey Suetin, os diplomas de «mestre internacional», títulos alcançados no último «zonal 11», disputado em Carole (Itália). Suetin partirá amanhã para o Porto, onde disputará também um torneio de «semi-rápidas», para além de proferir palestras sobre xadrez. No dia 27, estará em Coimbra, prevendo-se visitas a núcleos e escolas de xadrez da Figueira da Foz, Viseu, Lamego, Aveiro, Oliveira de Azeméis e Guarda deslocando-se em seguida a Santarém e Caldas da Rainha, regressando a Lisboa no dia 8.

AEROMODELISMO

O «5.º Grande Prémio de Portugal», organizado pelo Clube de Aeromodelismo de Lisboa, efectua-se a 24 do corrente, na Base Aérea de Sintra.

POSIÇÃO

Nota que recebemos: «O Secretariado Distrital do M. D. V., do distrito da Guarda, em reunião que teve a presença de Comissões Concelhos do Distrito, repudiou energeticamente o total alheamento que o actual secretário de Estado revela face à realidade desportiva que o M. V. D. tem desenvolvido no Distrito, para as linhas programáticas futuras.

«Este Secretariado não pode ficar indiferente à política pessoal que o sr. secretário de Estado tenta levar a efeito, pondo em relevo o desporto profissional, em detrimento do verdadeiro «Desporto Popular».

«O M.V.D. propõe-se conti-

Continua na pág. 22

EM CAIXA

BOATO

Não deve passar de boataria, mas já se diz por aí que, com um bocadinho de sorte (apenas mais dois joguinhos) tanto Mário Lino como José Augusto têm direito a uma insígnia da F. I. F. A. como árbitros internacionais. Se esta direcção federativa continua com as suas birrinhas, haverá mais candidatos.

BARAFUNDA

Mais um exemplo (se fosse necessário) para confirmar como vão as coisas, em matéria de actualização, pela Comissão Técnica da Federação de Futebol: ontem, esse douto areópago resolveu convocar, para testes no Jamor, o leixonense Folha que, como todos quantos se interessam pelo futebol sabem há largas semanas, se encontra gravemente enfermo e internado num estabelecimento hospitalar...

CONFUSÃO

Andam agitados os ares do Ciclismo: depois do contencioso criado entre o tesoureiro federativo Fernando Paixão e um dirigente do Costa do Sol, este clube aparece novamente na berlinda, mercê de uma série de punições ontem aplicadas. Assim, três jovens ciclistas («amadores»?) ficam impedidos de actuar oficialmente, enquadrados em representação clubista, até 31 de Dezembro. Marco Chagas, Alexandre Rua e Joaquim Carvalho («porque actuaram numa prova clandestina efectuada em Alenquer») foram arredados do Costa do Sol: para já (e como primeiro reflexo) Carvalho anunciou que, ao lado de Alfredo Gouveia (ainda no Costa do Sol) se transfere para o Benfica. Ao mesmo tempo, Marco Chagas e Alexandre Ruas foram apalavrados para, futuramente, defenderem as cores de um novo emblema, cimentado em empresa comercial.

A propósito de «provas clandestinas»: o benfiquista Vasco Monteiro triunfou no passado fim-de-semana, em Miragaia (Bombarral) numa corrida em que igualmente participaram colegas de clube, nesses mesmos dias faltosos aos campeonatos lisboetas de rampa.

Mas, nem tudo é triste e lamentável no panorama velocipedico cá da terra: o Belenenses e o Elétrico de Ponte de Sôr vão surgir em competições oficiais, para o que já iniciaram conversações com vários atletas que estiveram, com saliente presença, na última «Volta a Portugal».



...E, certo dia, a Federação deixou os jornalistas assistirem aos treinos da sua selecção. Foi o que se viu: nas bancadas, quantos trabalhadores com baixa pela «Caixa»?

PERGUNTA

Que atitude (oficial) vai tomar a Federação de Ciclismo, face à notícia de que o profissional Venceslau Fernandes triunfou na corrida Joanesburgo-Cabo, na África do Sul? Recordar-se (aos mais esquecidos) que os organismos internacionais proibem qualquer tipo de relações desportivas com o país onde impera o «apartheid».

LUDIBRIO

No encontro futebolístico Varzim-F. C. Porto os responsáveis pelo «onze» dos «azuis-brancos» indicaram aos jornalistas presentes, uma formação que estava muito longe da realidade, provavelmente para aferirem dos seus conhecimentos visuais ou (então) para tentarem enganar o «mister» contrário. Segundo se inferiu pelo resultado numérico, o inteligente expediente não resultou.

CENSURÁVEL

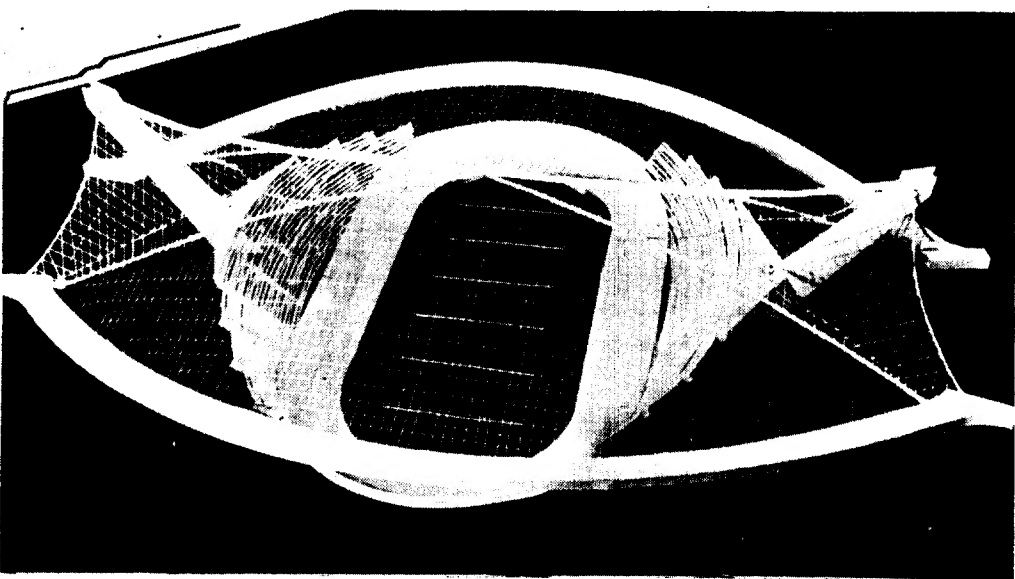
Em Setúbal, o público presente no pavilhão local, para presenciar o confronto andebolístico entre o Vitória e o Benfica, tentou invadir o terreno, quando o benfiquista Sacadura e o vitoriano Delfim entraram em vias de facto, perante muita complacência da dupla arbitral (Carlos Santos e Nuno Pinho). Delfim teve de receber tratamento hospitalar: tal como está a acontecer no futebol, o clima disciplinar do andebol «encarnado» não é para recomendar.

RECORDAR

Declarações de Barão, jogador reservista do Sporting, a «Record»:

«Julgo que não tive as oportunidades que o Juca me poderia ter dado. De algumas vezes que fui convocado, podia ter-me dado a «chance» de entrar na equipa, mas a verdade é que o Juca tinha muito medo de arriscar quando se tratava de gente nova.»

Escreve (depois) aquele nosso colega: «Barão. Aos 19 anos, profissional de futebol — já o era aos 18 — que, na época passada auferia o vencimento de 7 500\$00, menos que o mínimo estabelecido para um jogador da categoria A (referente ao Sindicato, claro).»



A URSS prepara, com todo o cuidado, a recepção olímpica. Ao lado de um canal de remo (construído em Krilatshoya, há dois anos) vai nascer um velódromo de tecto baixo (maqueta na imagem), com uma «corda» de pista igual a 333,3 metros, por 7,5 de largura. O velódromo terá capacidade para 6000 espectadores e, em zona próxima, encontra-se em fase adiantada de construção uma estrada de cimento e betão (15 km de extensão) para as corridas de ciclismo. Uma curiosidade: a altitude dessa «pista externa» não ultrapassa nunca os 30 metros.

TOTOBOLA

Jogue connosco

Benelenses - Varzim	1
Benfica - Beavista	X
Guimarães - Setúbal	1
Portimonense - Académ	1
Leixões - Estoril	X
Beira-Mar - Braga	1
Montijo - Sporting	2
P. Ferreira - G. Vicente	X
Vila Real - U. Lamas	4
Feirense - U. Coimbra	X
Covilhã - Peniche	X
Oriental-Marítimo	X
CUF - Vasco da Gama	X

Geral

PORTUGAL

Continuação da pág. 21

nuar, firmemente, a acção desenvolvida, sem paragens ou hesitações de espécie alguma, demonstrando deste modo que, no seu seio, não há militantes, mas sim militantes partidários desportistas. A hesitação do sr. secretário de Estado, dr. Joaquim de Sousa, responderemos com a firmeza da nossa acção desportiva. A sua excitada precipitação, responderemos com a honestidade do nosso trabalho. Finalmente, e para que possa comprovar a realidade positiva do nosso trabalho, convidamos aquela entidade a visitar o distrito da Guarda, para deste modo ficar informado de tudo aquilo que o M.V.D. fez pelo desporto no Distrito. Certamente que não será difícil recolher informações, pois há milhares e milhares de crianças e outros desportistas que lhes poderão fornecer.»

Igualmente com pedido de publicação, nos foi remetido o seguinte texto:

O Secretariado Distrital de Leiria do Movimento Voluntário Desportivo, reunido em Caldas da Rainha, em face da nova política de acção da D.G.D., defendida pelo sr. secretário de Estado dos Desportos e Juventude, e em face dos últimos saneamentos por este efectuados, decidiu por unanimidade, o seguinte:

Repudiar vivamente a nova política desportiva da Secretaria de Estado e os saneamentos políticos por esta levados a cabo, de que foram alvo homens que há 2 anos a esta parte se dedicaram à edificação de um Desporto como um Direito do Povo.

Lançar um alerta a todos os animadores desportivos, técnicos e monitores, para que se mantenham firmes na continuação do seu trabalho, não olhando às provocações e calúnias de que têm sido alvo.

Apelar a todos os Secretariados Distritais e Comissões Concelhias do Movimento Voluntário Desportivo, para que não abandonem o seu trabalho.

Continuar o seu trabalho, em prol de um Desporto que seja o espelho da capacidade física e intelectual de um Povo numa sociedade livre e democrática, e não o reflexo da incapacidade de um Povo numa sociedade injusta e opressora.

PESCA DESPORTIVA

Pescadores desportivos (442) em representação de 29 clubes, participaram, em Vila Praia de Ancora, no 9.º Concurso Internacional de Pesca de Mar, promovido pelo Clube Ancorense de Pesca e Caça, e integrado nas comemorações das suas «Bodas de prata». Apesar da chuva, as condições para a pesca eram excelentes, tendo-se obtido bons resultados e um número apreciável de exemplares capturados.

Foi a seguinte a classificação geral individual masculina: 1. Alcibiades da Silva (Atlântico da Madalena), 5590

pontos; 2. Joaquim Fernandes São (Ancorense), 5570; 3. Luis Magalhães (Leixões), 5360; 4. Américo Sousa (Clube Caçadores e Gondomar), 4990; 5. Mário Folha (Leixões), 4870; 6. Serafim Barbosa (Desportivo da Póvoa), 4820; 7. José Maria Rosa (Amadores da Costa do Sol), 4750; 8. José Pinho Ferreira (Desportivo da Póvoa), 4360; 9. Paulo Campos (Desportivo da Póvoa), 4170; 10. Anibal Gonçalves Ganderes (Ancorense), 3880; 11. Alfredo Laranjeira (Leixões), 3700; 12. José Viegas (Ancorense), 3610; 13. Domingos Moreira Verde (Ancorense), 3490; 14. José Pedro Esmeriz Neves (Ancorense), 3320; 15. António Ferreira (Clube de Pesca de Competição), 3300; 16. José Rodrigues Magalhães (Ancorense), 3170; 17. João da Cruz Vilela (Desportivo da Póvoa), 3170; 18. José Maria F. Vasconcelos (Ancorense), 3150; 19. Jorge



Futebolistas juvenis: Sporting, 4-Cultural, 2. Os «leões» comandam a sua série

PATRÕES DA INDUSTRIA RECLAMAM

“Só a iniciativa privada pode superar a crise”

Para a Confederação da Indústria Portuguesa, «só a iniciativa privada será capaz de superar a crise»; as nacionalizações tiveram resultados «desastrosos ou catastróficos»; no plano laboral «prossegue uma disciplina» e «a CIP fazia confiança no Governo». Tudo isto foi dito ontem em conferência de Imprensa, no Porto. O presidente da Confederação não deixou mesmo de acrescentar: «os governos vão e vêm, mas as instituições ficam».

Propósito da conferência de Imprensa: manifestar — através dos órgãos da Comunicação Social — o descontentamento da CIP perante as medidas governamentais face ao papel da iniciativa privada no País.

Ao longo da conferência, caracterizada por ataques às nacionalizações e aos trabalhadores, com breves «desapontamentos» pela actividade governamental, insistiu-se na «única solução para a crise»: «o desenvolvimento e a energia da iniciativa privada».

As nacionalizações foram rotuladas, por Vasco de Melo, de «perigosa ilusão». Por seu turno, Anibal de Oliveira, um dos vice-presidentes da CIP, haveria de referir-se ao Governo nestes termos: «o evoluir do processo levou a CIP (que fazia confiança no Governo) a exprimir o seu desapontamento por, mais uma vez os factos desmentirem as intenções e as



Faria Magalhães (Padroense Futebol Clube) 3100 e 20. Francisco José Ferreira (Clube Dramático de Cascais) 2990

Senhoras: 1. Mari de Lurdes Pinto (Grupo Desportivo do Furadouro), 1210 pontos; 2. Deolinda Ramalho (Orfeão de Matosinhos), 1180; 3. Alcina Soares (F.C. do Porto), 900; 4. Fernanda São (Ancorense), 620 e 5. Ana Rosa da Silva (Ancorense) 300.

Juniões: 1. David Gomes (Atlântico da Madalena), 2380 pontos; 2. João Rodrigues (Ancorense) 2240; 3. José Luis Vasconcelos (Ancorense) 1820; 4. José António Vilela (Desportivo da Póvoa) 1370 e 5. Fernando Reis Ferreira (Padroense), 1090.



tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado; o vento era fraco e caíam aguaceiros ou chovia no litoral a norte de Aveiro.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	13°
COIMBRA	11°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	15°
FARO	14°
FUNCHAL	20°

TEMPERATURAS EXTREMAS

09.00 H.

PREIA-MAR	3,5 m	6,20	1,5 m	
BAIXA-MAR	12,58	3,7 m	18,53	1,3 m
Dia 20				
	1,29	3,8 m	7,13	1,2 m
	13,49	4,0 m	19,42	1,0 m
Dia 21				
	2,16	4,0 m	8,00	0,9 m
	14,37	4,2 m	20,26	0,7 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

O céu estava muito nublado apresentando por vezes boas aberturas a sul do rio Tejo; vento fraco a moderado predomina do de nordeste; aguaceiros ou chuva fraca durante o fim da tarde e noite em especial a norte do rio Tejo.

AMANHÃ

NAScer AS 6.51
OCASO AS 17.51



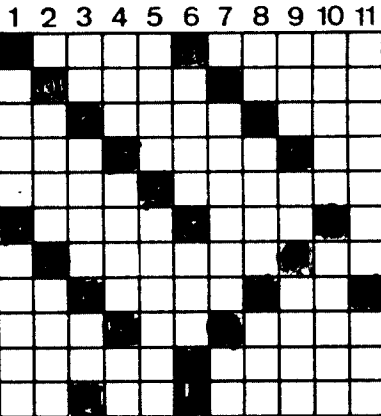
Palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11498

HORIZONTAIS:

- Aquele que. Conquistar.
- Escarneças. Cume.
- Aqui. Fechai as asas para descer mais depressa. Pos-sui.
- Freguesia do concelho de Alenquer. Punhal dos anti-gos Romanos. Nota musi-cal.
- Miséria (fig.). Importunar (pop).
- Diz-se da rapariga leviana. Título honorífico da Índia.
- Assinalar. Miriarte.
- Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Cursos de água naturais e abundan-tes. Aqui.
- Em as. Centímetro. Mamife-ro que habita as Antilhas e México.
- Pessoa de indole vil e bai-xa (fig.). Relativo ao osso malar ou à maçã-do-rostro.
- Amónio (s.q.). Brisa. Ecoa-ra.



VERTICAIS:

- Pessoa sovina (inv.). Fanta-sia (fig.).
- Pequena ilha de Coral que forma um anel mais ou me-fos contínuo. Irmão de Abel.
- Cidade da antiga Caldeia. Assim seja. Catedral.
- Aqui está. Prender com elos. Em a.
- Em mais alto grau. Lavar de leve, para arrancar ervas daninhas.
- Vais para fora. Preposição.
- Levantaras. Manuscrito.
- Cobalto (s.q. inv.). Lavar. O sustento.
- Mitologia. Despido. Guar-dar segredo.
- Planta também chamada lírio-do-campo. Pisar.
- Festadearraial. Altarcristão.

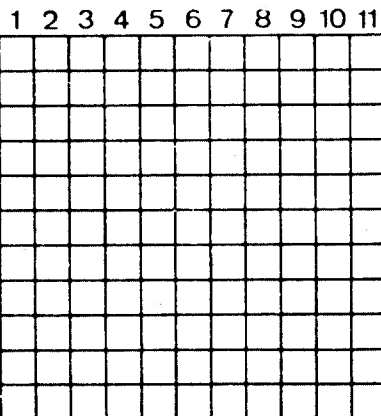
Resolheu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7658

HORIZONTAIS:

- Moeda indiana. Antígalunga de Java.
- Mulher de Henrique VIII. Antiga capital da Birmânia. Rio de Portugal.
- Lê. Toma nota de. Ba-traquiu.
- Salva. Suster com estacas, ou ligar a estas as videiras.
- Irmão de Moisés. Cabaz de junco ou de espargo que servia para condução de di-versos objectos.
- Oceano. Pedra de altar.
- Conceder. Istmo montanho-so que liga a Indochina à península de Malaca.
- Fedor. Matemática.
- Medida itinerária do Japão. Agarrara. Estrepto de des-morramento.
- Congelam. Unidade mone-tária da América e Canadá.
- Pois no mar (o avião). Arti-go definido. Oferece.



VERTICAIS:

- Porquinho da Índia. Ampla.
- Tem anelação. Remem para trás.
- Título de soberano da Pérsia. Freguesia do conce-lho da Covilhã. Nota musi-cal.
- Guarnecera de asas. Rio da Suíça.
- Homem de baixa estatura. Quinhentas folhas de papel.
- Antepassado.
- Prendas. Prego miúdo.
- Guarnecer de ameias. Pre-posição e artigo definido (pl).
- O mais. Safam-se.
- Voltara. Cidade da Roménia.
- Rio de França. Tolera.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11497

HORIZONTAIS:

- Arrã. Mas. Ca.
- Aruãs. Cal.
- Aa. MEL. NOVO.
- Dra. Peral.
- Ione. Aiar.
- Discutir.
- Varão. Haia.
- Geral. Mat.
- Elis. Sic. Se.
- Ha. VINHO.
- Bo. Tem. Arma.

VERTICAIS:

- Agad. Ge.
- Aro. VELHO.
- Ra. Andaria.
- Arm. Eiras.
- Meu. Sal. Ve.
- Mal. Aço. Sim.
- As. Piú. Min.
- Neath. Chá.
- Corriam. Or.
- Cava. Rias.
- Alolo. Ateia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7657

HORIZONTAIS:

- Hagui. Oliva.
- Ornam.
- Ida. Ara. Adi.
- Te. Elara. És.
- Bramira.
- Cear. Auto.
- Val. Ais. Ras.
- Arga. Paio.
- Soara. Laços.
- Ser. Ara.
- Só. Massa. Ba.

VERTICAIS:

- Haiti. Vasos.
- De. Caro.
- Goa. Belgas.
- Ur. Era. Aram.
- Inalara. Ara.
- Aram. lo.
- Orarias. Lãs.
- La. Aru. Pará.
- Irma. Atraca.
- De. Oaio.
- Aviso. Sosia.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO J-1
ATE AS 22 HORAS
ALCANTARA
Infante Santo, Rua do Olival, 29 (Tel. 661003).

ALVALADE
Lusitan, Avenida de Roma, 18-A (Tel. 725443); Rio de Janeiro, Avenida Rio de Janeiro, 4-C (a Avenida dos Estados Unidos da América) (Tel. 721409).

AVENIDAS NOVAS
Sã da Bandeira, Avenida Marques Sã da Bandeira, 36-42 (Tel. 4196-54672).

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (Tel. 311216).

BAIXA
Frazão, Rua Portas de Santo Antão, 70 (Tel. 328180).

CAMPOLIDE
Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel. 683438).

CAMPO DE OURIQUE
União, Rua Saravã de Carvalho, 145-F (Tel. 663643).

ESTEFÂNIA
Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90 (Tel. 44438).

LAPA
Neves, Rua da Bela Vista à Lapa, 37 (Tel. 661251).

LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 791131).

PENHA DE FRANÇA
Carroado, R. Padre Sena de Freitas, 10-A (a Igreja da Penha de França) (Tel. 842518).

PICHELEIRA
Marilux, Calçada da Picheleira, 140-A (Tel. 720703-728395).

SÃO VICENTE
Santo António, Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (Tel. 862333).

XABREGAS
Conceição, Calçada de D. Casimiro, 30 (Tel. 381279).

TURNO J-2
TODA A NOITE
ALVALADE
Zil, Avenida da Igreja, 9-D (Tel. 711780).

AMEIXOIRA
São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Galinheiras-Charneca) (Tel. 790969).

ARROIOS
Nunes, Rua Ângela Pinto, 82 (Tel. 49756).

AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 283 (a Feira Popular e Avenida 28 de Maio) (Tel. 783016).

BAIRRO ALTO
Andrade, Rua do Alecrim, 125 (Tel. 323443-323446-322328).

BELEM
Gomes, Rua da Junqueira, 326 (Tel. 638193).

BENFICA

Benfiluz, Estrada de Benfica, 444-A (Tel. 782606).

CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297-C (Tel. 687475).

CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 131 (Tel. 686640).

CONDE REDONDO
Salutar, Rua Conde de Redondo, 9-B (a Gomes Freire) (Tel. 533411).

LAPA
Eduardo César, Rua das Trinas, 102 (Tel. 662631).

OLIVAS
Olivais (dos), Rua Alves Gouveia, 19 (Tel. 311237).

SÃO MAMEDE
S. Mamede, Rua Escola Politécnica, 82-B (Tel. 660280).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Tel. 2112048).

CARCAVELOS
Central, Toda a noite

S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085). Até às 22 horas

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039). Toda a noite

NOVA OELRAS
Leal, Até às 22 horas

OELRAS
Central, R. Conde Ferreira, 29 (Tel. 2430058). Até às 22 horas

PARADE
Brandão, Av. da República, 77-C (Tel. 2471054). Toda a noite

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, R. 9 de Abril, 24 (Tel. 263052). Toda a noite

ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (Tel. 260391). Toda a noite

AMOREIRA
Amoreira, (Tel. 262313/267314). Até às 22 horas

CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170); A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518); Carmelo, R. Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303); Helenica, R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613); S. Jorge, R. Pedro do Negro, 5-Reboleira (Tel. 938703).

DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121).

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043).

CACÉM

Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).

MEM MARTINS
M. randa Garcia, Est. de Mem Martins, 173-B (Tel. 2914103).

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456).

SINTRA
Marrazes, Estefânia (Tel. 2930058).

COLARES
Abreja (Tel. 299088).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020).

ALMADA
Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (Tel. 2766498).

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 178-B (Tel. 2040302).

BARREIRO
Pizarra, Av. do Bocage, 65-A (Tel. 2074771).

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (Tel. 2494182).

MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025).

MONTUJO
Diogo, R. Almirante Reis, 50 (Tel. 2310032).

SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471).

SETUBAL
Oliveira, L. da Misericórdia (Tel. 22488); Louro, R. Frei António Chagas, 24-A (Tel. 24491).

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560).

PORTO

TURNO 14
ATE AS 22 HORAS
Gondarém, R. de Gondarém, 360; Oz Correia de Araújo, R. de Santa Catarina, 259; Silva Pereira, R. de Costa Cabral, 293; Alves, P. do 1.º xerife; Libertador, 62; Barros, R. do Loureiro, 104; Boa Hora, R. da Boa Hora, 80; Camela, R. do Heróismo, 90.

TODA A NOITE
Terreiro, R. da Reboleira, 21; Pinheiro Manso, R. São João de Lito, 25-29; Santa Teresa, P. Guilherme G. Fernandes, 100; Nova Avenida, Av. Fernão de Magalhães, 692.

COIMBRA
Baptista, Praça da República, 9 (Tel. 23747); E. tadio, Rua do Brasil, 348 (Tel. 24410); Miranda, Praça do Comércio, 41 (Tel. 23261).

cinemas

CASTIL

Tel 630194 15, 17, 19 e 21.15
Intr. men. de 18 anos
Colorido
4.ª Semana
FELICIA
(Este filme contém cenas eventualmente chocantes)

IMPERIO

Tel 555134/5 15, 18.15 e 21.15
Grupo B... 10 anos
Sophia Loren/Alec Guinness/Omar Sharif
A Queda do Império Romano
2.ª Semana
Um drama de amor no ambiente tumultuoso da decadência de um grande Império de Anthony Mann 70 m/m/écran gigante

POLITEAMA

Tel 323805 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
O Filme pornográfico
PROSTITUICAO CLANDESTINA
(Cont. cenas eventualmente chocantes)

ROMA

Tel 727778 15.30, 18.30, 21.15
interdito a menores de 18 anos
SEXUALMENTE TUA
2.ª semana
Um filme de Max Ocas

MUNDIAL

Tel 538743 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
SHAMPOO
A comédia satírica que abalou a América

D. JOAO V

Tel 971794 21.15
Não acons. men. 18 anos
O HOEM DA LEI

CALEIDOSCOPIO

Tel 795093 14, 16.30, 19 e 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
Al Pacino em
UM DIA DE CÃO
6.ª semana
um filme de Sidney Lumet

EDEN

Tel 320768 14.00, 16.30, 19, 21.45
Uma impressionante demonstração do poder esmagador do Kuang Fu
O GUARDA COSTAS DE FERRO
2.ª semana
Com Chen Kuan-tai, Li Hsiu-hsien, Yueh Hua
Interdito a menores de 18 anos

ODEON

Tel 326283 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. a men. de 13 anos
A Obra-Prima de Alfred Hitchcock
REBECCA
com Joan Fontaine e Laurence Olivier
3.ª SEMANA DE ENCHENTES

APOLO 70

Tel 763319 14.00, 16.30, 19 e 21.15
A obra-prima de Luis Buñuel
VIRIDIANA
com Silvia Pinal, Fernando Rey, Francisco Rabal
Panorama do cinema mexicano
Não acons. men. 18 anos
NÃO OUVES LADRAR OS CAES?

CASINO ESTORIL

Tel 264521 264996 17 e 21.15
Grupo D M. 18 anos
A queima roupa

S. JORGE

Tel 554153 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
5.ª semana
A MULHER, O AMOR E O ÓDIO
Philippe Noiret, Romy Schneider
3 Oscars do cinema francês!

RESTELO

Tel 610376 15.15, 18.15, 21.15
Grupo D M. 18 anos
O AMANTE
2.ª semana

AVIS

Tel 47163 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. men. 13 anos
23.ª Semana
BOBBY
A projecção do filme começa 5 minutos após os horários

ESTUDIO

Tel 555134/5 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. m. 13 anos
O PROCESSO DIMITROV
O julgamento do século!
As 15.30/18.30
REGRESSO AS CAVERNAS

ESTUDIO 444

Tel 779095 15.15, 17.18.45 e 21.15
Int. a men. 18 anos
4.ª Semana
DESENHOS PICANTES
Este filme pode ser considerado pornográfico

Em S. PEDRO DE MUEL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CAPELA SATELITE

Em BUARCOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA SATELITE

Em OLHÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA MODER A

Em ARMAÇÃO DE PÉRA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA PAULA

UNIVERSAL

Tel 774402 15, 19 e 21
Não acons. men. 18 anos
NUMERO DOIS
o último filme de Jean-Luc Godard
17 e 23
Int. men. 18 anos
SAO OU OS 120 DIAS DE SODOMA
um filme de Pier Paolo Pasolini

COMES

Tel 322523 13.30, 16.15, 19 e 21.45
Grupo B... M. 10 anos
TORA! TORA! TORA!
3.ª Semana
a gigante epopeia jamais filmada
c/ Martin Balsan e Joseph Cotten

BERIA

Tel 776098 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. men. 13 anos
Treine-os! Excite-os! Arme-os!
Largue-os em território nazif
DOZE INDOMAVEIS PATIFES
Um filme de Robert Aldrich
9.ª Semana

LODOR'S

Tel 801315 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
O PORTEIRO DA NOITE
c/ Dirk Bogarde e Charlotte Rampling

ROXY

Tel 481111 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

A JOVEM NORA

c/ Simonetta Stefanelli e Philippe Leroy

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30, 21.15
Isto não é um filme, é um fabuloso espectáculo musical!
2.ª semana
KAZABLAN
Com Yehoram Gaon, Arie Elias, Yehudah Efroni
Para todos

ALVALADE

Tel 897480 15.30, 18.30 e 21.15
Luis de Funés em

AS FÉRIAS GRANDES

Um filme de Jean Giraut
3.ª Semana
Para todos

PATHE

Tel 821933 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Insolentes, contestatárias, irresistíveis!

AS GOLPISTAS

Um filme de Steve Carver
Hoje as 24 N.º men. 18 a.

OS GOLPISTAS

14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. men. 18 anos

CHOVE EM SANTIAGO

13.ª semana
O Chile de Allende a Pinochet

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

S. LUIS
21.30 (13 anos)
«Tudo no Jardim»

MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45
«O bombo da festa»

ADÓQUE
20.30 e 22.45 (18 anos)
«A Grande Ceada»

VARIEDADES
21.45 (13 anos)
«Isto é que me doi!»

ABC
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Casa cor seu paladar»

COLISEU
21.30 (6 anos)
«Olimpiada do Circo»

MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«As coisas que o padre faz»

VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Fanshen»

MARIA MATOS
21.30 (18 anos)
«O director da Ópera»

TEATRO ABERTO
21.15 (13 anos)
«O círculo de Giz Caucasiano»

LISBOA/Cinemas

CALEIDOSCOPIO
11.00 (18 anos)
Um Dia de Cão

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Técnicas do Amor»

CAPITC
21.00 (18 anos)
«Wester porno»

CINEARTE
21.15 (18 anos)
«Carga Perigosa»

EUROPA
21.15 (13 anos)
«Deus perdoa, eu não!»

MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«A Filha de Ryan»

IDEAL
21.15 (18 anos)
«A imagem do Medo»

JARDIM
21.15 (13 anos)
«O Inspector Martelada»

LUMIAR
21.15 (13 anos)
«O ataque do Dragão Negro»

OLIMPIA
21.00 (18 anos)
«De arma em punho»

PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Até para Django os cadáveres tem um Preço»

PARIS

21.15 (18 anos)
«Arizona Colt»

PALÁCIO FOZ
21.00 (13 anos)
«A Desaparecida»

RESTELO
21.00 (18 anos)
«O Amante»

VOX
21.15 (18 anos)
«Os Tempos Eróticos de Paris»

SATÉLITE
19.00, 21.15 (13 anos)
«Eram os Deuses Astronautas»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«O ventre de Deborah»

AMADORA
Lido
21.15 (13 anos)
«Doze indomáveis patifes»

AMADORA
Cineestúdio
21.30 (13 anos)
«O direito de nascer»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (18 anos)
«Os prazeres do vigário»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
José
21.15 (18 anos)
«O gênio do Crime»

ESTORIL
Palácio
21.15 (18 anos)
«O nosso Amor de Ontem»

CASCAIS
Oxford
16.00, 21.15 (18 anos)
«A História d'os»
O amor para além dos corpos

ESTORIL
Casino
17 e 21.15 (18 anos)
«A queima roupa»

OUTRA BANDA

ALMADA
ncrível
21.15 (18 anos)
«A cama é o meu castelo»

TRAFARIA

Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«As insubmissíveis»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (18 anos)
«A outra face do padrinho»

PORTO/Cinemas

ÁGUIA DE OURO
21.15 (13 anos)
«Passado Inesquecível»

BATALHA
21.15 (18 anos)
«O que faz mudar um homem»

BATALHA BEBE
21.30 (18 anos)
«Dillinger Morreu»

COLISEU
21.15 (13 anos)
«Bobby»

CARLOS ALBERTO
21.15 (13 anos)
«Vício de Matar»

ESTUDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«A Esposa Comprada»

JÚLIO DINIS
17.45 e 21.15 (13 anos)
«Chamada para a Morte»

OLIMPIA
21.15 (18 anos)
«Vampira»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O Fantasma do Paraíso»

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Mulher Policia Faz Carreira»

S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«Fogo no Sangue»

Sã DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«Marvin e o Senador»

TRINDADE
21.16 (18 anos)
«A Rival»

VALE FORMOSO
21.15 (10 anos)
«Os Dez Mandamentos»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Emanuelle a antivergem»

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«Acidente»

S. TEOTONIO
21.15 (10 anos)
«Spartacus»

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Revolta do Cidadão»



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A. R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEF. 12363
LISBOA PORTUGAL



Cunha Leal falando no funeral de António Granjo em 24 de Outubro de 1921

Dezanove de Outubro foi há 55 anos

19 de Outubro de 1921. Uma noite sangrenta e confusa mancha e enluta o perturbado curso histórico da República. Um movimento revolucionário «esquerdizante» no contexto político da época, serviu de pretexto e deu ocasião para o criminoso e reacçãoário ajuste de contas.

Raul Proença, na «Seara Nova» de Novembro desse ano de 1921, escreveria: «Não duvidamos das boas intenções dos organizadores do movimento revolucionário que acabou de se produzir. Simpatizamos com muitas das ideias do seu programa. Coincide em muitos pontos com a nossa a sua orientação política. Não podemos deixar de reconhecer a nobre e dolorosa verdade que há na sua condenação de todo o passado da República. Mas já no primeiro número da nossa revista afirmámos de uma maneira categórica que «todos os processos de assalto revolucionário, em que o poder é tomado por surpresa, sem o esclarecimento prévio do país sobre as intenções dos seus dirigentes, só poderão esperar da nossa parte, e sejam quais fo-

rem os princípios de que pretendem inspirar-se, a mais formal e indignada condenação».

Raul Proença, um dos combatentes esquecidos pela «Ordem de Liberdade», prosseguia.

«É a verdade é que, quando um movimento sedicional se produz nas circunstâncias do actual, por melhores que sejam as intenções dos seus dirigentes, a baixa vasa humana dos sectários acha neles ocasião azada para exercer os seus instintos de morte e de rapina. Uma meia dúzia de homens caiu varada pelas balas dos assassinos.»

Mais tarde apurar-se-ia que o braço dos assassinos tinha sido armado e pago por uma organização da «direita».

Miriam Halpern Pereira fala sobre República

Uma conferência da prof.ª Miriam Halpern Pereira inicia hoje às 18 horas no Palácio Foz o anunciado ciclo sobre o Cinco de Outubro e a I República. Tema: «A I República — projectos e realizações».

A conferencista será apresentada pelo escritor e ensaísta dr. João Medina.

Outros dois conferencistas estão previstos para esta série: no dia 25 o nosso director-adjunto, dr. Fernando Piteira Santos, que falará de «O Cinco de Outubro e a História: perspectiva sociopolítica da Revolução»; e no dia 29 o director do nosso prezado colega «Diário Popular», dr. Jacinto Baptista, para abordar o tema «Uma vila portuguesa antes da Revolução».

SEGUNDO O P.R.P.

Direita prepara-se para substituir Soares

Um Governo, na sombra, prepara-se para substituir o actual Governo P. S. — afirmou Isabel do Carmo, dirigente do P. R. P., esta manhã durante uma conferência de Imprensa, dada por esta organização na sua sede em Lisboa. Convocada para tornar pública uma análise da situação político-militar actual, a reunião com os jornalistas serviu para Isabel do Carmo e outro dirigente do Partido, Pedro Goulart, falarem ainda das tarefas que se impõem ao Movimento de Unidade Popular de que a organização é um dos componentes. Segundo Isabel do Carmo o Governo a formar-se (ou já formado) na sombra será o Governo de «competências», segundo os seus próprios inspiradores, e terá a mão firme e necessária para conter aquilo que eles chamam de «extremistas».

«Perspectiva-se, portanto, desde já a hipótese de que ao Governo P. S. suceda um Governo militar e civil apoiado por forças como o P. P. D. e pelo próprio Presidente da República.»

«Existem actualmente duas correntes no seio do poder político-militar — afirmou Isabel do Carmo, para enquadrar a situação onde a perspectiva dum futuro Governo com as características apontadas se situa. Essas correntes são uma «da extrema-direita» e «centra-se à volta de Pires Veloso e de outros homens de extrema-direita, entre os quais os comandantes da Brigada da NATO instalada em Portugal; outra «situa-se à volta do «novo» e daquilo que ainda lhes resta de apoio militar e de todos os que a eles se colaram». O general Eanes seria «o fiel da balança». O Governo em questão seria um Governo de «afirmação» desta facção contra a direita. O P. R. P. não crê que este Governo venha a representar qualquer alternativa válida, para o dilema que se oponha ao fascismo.

Isabel do Carmo referiu as tarefas que se põem aos revolucionários, aos trabalhadores, e também à pequena-burguesia. A propósito citou a recente manifestação dos professores como sintoma de que a pequena burguesia, atingidos os seus interesses pela política conservadora do actual Governo, está descontente e pode ter, no contexto que se forma um papel importante a desempenhar. Além dos professores — disse Isabel do Carmo — «prevê-se que outros sectores da burguesia terão idênticas opções»: os funcionários públicos, por exemplo. Pode assim acontecer em Portugal o contrário do que aconteceu no Chile, onde a pequena burguesia tomou posição contra a Unidade Popular: em Portugal a pequena burguesia pode ter uma opção de esquerda.

Para o PRP, «os revolucionários, os trabalhadores e a pequena burguesia devem preparar-se para um confronto com a burguesia». Se os sectores da população interessados em que tal não suceda não se organizarem devidamente para a impedirem, a burguesia tomará o Poder e irá exercê-lo, recorrendo inclusivamente à violência. «Não há revolução sem organização revolucionária» — salienta o PRP.

UNIDADE POPULAR

Pedro Goulart falou da Unidade Popular do Movimento, da participação, aí, do PRP, das divergências existentes entre esta organização e outras, uma, principalmente: a UDP/PCP (R).

Essas divergências polarizam-se principalmente à volta de três questões: 1 — «a viabilidade ou não de estabilização a curto prazo da democracia burguesa em Portugal» (o PRP não crê na viabilidade); 2 — «a inevitabilidade ou não do confronto violento e da necessidade ou não de se preparar para ele» (o PRP acha esse confronto inevitável e entende como necessário preparar para ele os interessados); 3 — «estratégia de capitalismo de Es-

tado ou de Socialismo de Base» (o PRP pronuncia-se contra o capitalismo de Estado que — disse Pedro Goulart — mesmo no âmbito do MUP há forças que defendem).

O dirigente do PRP referiu ainda acordos a que, no âmbito de certas questões e no seio do MUP, recentemente aquele Partido chegou. Mas salientou a seguir que há questões essenciais que ainda não foram superadas. Vai a emergência das eleições para as autarquias locais e bem assim o Congresso dos GDUP's conseguiu-lo?

Pedro Goulart falou do Congresso e disse o que o PRP espera que daí resulte: uma programa político não-retormista e uma direcção política autónoma.

Vorster à «Newsweek»

«África do Sul não cede poder à maioria negra»

NOVA IORQUE, 19 — (FP) — O Governo sul-africano não tenciona ceder o poder à maioria negra num futuro previsível — segundo declara o primeiro ministro John Vorster, em entrevista concedida ao «New York Times».

Afirmando que os sul-africanos brancos não são colonistas, Vorster defende a política actual do seu Governo, principalmente no que respeita à criação de bantostões, apontando as respectivas vantagens em comparação com todas as soluções políticas anteriormente preconizadas.

A actual linha política será

mantida e a lei e a ordem defendidas contra todos os agitadores. Contudo — afirma Vorster — serão suprimidas todas as medidas de discriminação sem interesse para a África do Sul.

Se se realizasse uma conferência de Genebra sobre a Namíbia, o Governo de Vorster tentaria assistir como observador, revelou ainda o primeiro-ministro sul-africano, que rejeita, porém, quaisquer hipóteses de conversações directas com a «SWAPO», não a considerando representante legal dos Povos do Sudoeste Africano.

Lopes Cardoso em Israel

JERUSALÉM, 19 — (F.P. e «D.L.») — O ministro Lopes Cardoso declarou em Jerusalém que a sua actual visita a Israel não se inseria nas diligências para a normalização de relações entre os dois países. O ministro português da Agricultura salientou que a sua visita tinha motivos puramente profissionais e que tinha em vista principalmente

as experiências agrícolas israelitas.

No entanto e segundo afirmou é provável que troque impressões sobre temas políticos com as autoridades de Israel, sublinhando ainda que esperava que a normalização das relações entre os dois países venha a conduzir ao estabelecimento das relações diplomáticas.

F.A.U.L. (P.S.) respeitará disciplina

A F. A. U. L. (Federação da Área Urbana de Lisboa) do Partido Socialista informa, em comunicado da sua comissão política — assinado por Rosa Gomes — ter assistido «com a maior serenidade, à polémica e especulação provocadas pelo seu comunicado do passado dia 11», e refere que tal «polémica e especulação» foram alimentadas pelos que «não o entenderam» e por quem «o compreendeu muito bem».

Afirmando-se «imunes» aos rótulos de «conservador, direitista, reacçãoário, etc.», a F. A. U. L. afirma ainda apoiar intransigentemente o Governo Constitucional na sua globalidade e declara encerrar este assunto «com a maior disciplina partidária», sem no entanto deixar de avisar que «prosseguirá e aprofundará interna-

mente a reflexão e análise ideológicas indispensáveis à vida de um partido cuja proposta é o Socialismo Democrático».

«Metro» parou dez minutos

Um corte súbito na tensão eléctrica do Metropolitano, registado pelas oito horas desta manhã, levou à paralisação de todas as ligações durante cerca de dez minutos.

Como já vem sendo habitual nestas circunstâncias, os vários apeadeiros tornaram-se autênticas moles humanas, e houve ainda mais atropelos, desmaios e empurrões do que os já normais às horas de ponta.

3 tome

OS «BEM» INFORMADOS

O «Expresso» desenvolve semanalmente grande actividade a fazer conjecturas sobre a situação militar. Digamos, em palavras simples, que este importante semanário é um «expert» na chamada «contagem de canhotas». Sabe sempre quem está contra quem, no plano militar, e informa. Há quem chame a isso técnica apurada de desestabilizar e dividir os militares. Sendo uma técnica, está sujeita a falhar.

No último número do bem informado «Expresso» podia ler-se a propósito da carta enviada pelo brigadeiro Pires Veloso ao Conselho da Revolução: «Na discussão de quarta-feira da passada semana, no Conselho da Revolução, «condenaram» Pires Veloso os conselheiros Vítor Alves, Sousa e Castro, Vasco Lourenço, Vítor Crespo, Franco Charais, Pezarat Correia e, por fim, Melo Antunes, que chegaria a alvitrar que o comandante da R. M. N. fosse removido do seu cargo.»

Independentemente da justeza da tal «condenação» a Pires Veloso, que parece não estar em causa, o bem informado «Expresso» falhou, porque Franco Charais estava de férias e não assistiu, nem em parte nem no todo, à reunião...

E mais curioso ainda: a «pluralista» RDP deu exactamente a mesma notícia...

CENTRAL SINDICAL

«Enquanto houver neste País uma central sindical forte e aguerrida, é cada dia mais indispensável que todos os industriais, através das suas associações de classe, dêem o maior apoio ao seu órgão de cúpula, de maneira a que a voz da iniciativa privada e das entidades patronais tenha um organismo capaz de a veicular até aos órgãos do Poder. Este apelo dos patrões à «unidade», consta da circular (confidencial), enviada pela Associação das Indústrias Navais aos seus associados.

O problema reside no apoio financeiro à C. I. P. (Confederação da Indústria Portuguesa) o «órgão de cúpula» dos patrões. Veja-se como o patronato (via C. I. P.) teme a existência de uma Central Sindical «forte, aguerrida».

PONTE DE QUÊ?

Quem neste momento atravessar a ponte «25 de Abril» e pedir o talão de portagem, fica levemente confundido: no referido talão está escrito, em letras enormes: «Ponte Salazar».

Final em que ficamos? Como se chama a ponte? Faltaram os talões e recorreu-se aos «antigos» como medida de austeridade, ou estão a ver se «a moda volta a pegar»?

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA
NO MÊS ANTERIOR: 39 984 EXS.

fim do ano
ATENAS

CIDADE HISTÓRICA

4 e 8 dias
desde 6 650\$00
visitas incluídas
avenamento reduzido

EUROPE
«a experiência ao serviço do turismo»